UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM TEOLOGIA

JOÃO PAULO GOMES GALINDO

EUCARISTIA E POBRES EM FRANCISCO TABORDA

RECIFE – PE
2019

JOÃO PAULO GOMES GALINDO

EUCARISTIA E POBRES EM FRANCISCO TABORDA

Dissertação de Mestrado em Teologia apresentada à Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Drº. Francisco de Aquino Júnior.

RECIFE – PE

2019

G158e Galindo, João Paulo Gomes.
Eucaristia e pobres em Francisco Taborda / João Paulo Gomes Galindo, 2019.
95 f.

Orientador: Francisco de Aquino Júnior.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Teologia. Mestrado em Teologia, 2019.

1. Eucaristia. 2. Sacramentos. 3. Pobres. 4. Teologia 5. Taborda, Francisco - Critica, interpretação. I. Título.

CDU 265.3

Pollyanna Alves - CRB 4/1002

JOÃO PAULO GOMES GALINDO

EUCARISTIA E POBRES EM FRANCISCO TABORDA

Dissertação de Mestrado em Teologia apresentada à Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Aprovada em 31 de outubro de 2019, pela banca examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco de Aquino Júnior – UNICAP
(Orientador)

Prof. Dr. Marco Antônio Morais Lima – UNICAP
(Examinador Interno)

Prof. Dr. Moésio Pereira de Souza –
Faculdade Católica de Fortaleza
(Examinador Externo)

Dedico este trabalho aos meus pais,
José Torres Galindo Neto e Maria Gomes Galindo;
aos padres Luiz Plebani e Norberto,
por me ensinarem a amar Jesus.

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos meus pais.

À Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

À Diocese de Palmares.

Ao Padre Norberto, pelo investimento na minha vida acadêmica.

Ao meu orientador, Profº. Francisco Aquino Júnior, por sua fundamental confiança e orientação. Sou seu discípulo nos caminhos teológicos.

Aos professores do programa de Pós-Graduação em Teologia da UNICAP.

À paróquia de Santa Quitéria, com quem divido a esperança no Cristo que liberta.

A luta é uma caminhada. Quando a gente caminha, precisa saber para onde vai, de onde vem e onde está. E de vez em quando até é preciso parar para reparar as forças e os danos causados na viagem, para se alimentar e planejar o próximo trecho a trilhar, a melhor trilha, a hora mais propícia...
É uma parada que faz parte do caminhar.
A gente caminha matutando e matuta pra caminhar.

Francisco Taborda

Todo sofrimento humano deve ser respeitado e todas as feridas devem ser curadas. Devemos ser solidários com as pessoas em suas diversas formas de sofrimento.

Francisco de Aquino Júnior

RESUMO

Esta dissertação tem como tema *Eucaristia e pobres em Francisco Taborda*. Por meio de uma análise bibliográfica, busca averiguar a consistência da relação essencial entre Eucaristia e pobres na obra de Taborda. Faz isso em três capítulos estreitamente articulados entre si. No primeiro capítulo, a atenção se volta para a relação essencial entre Igreja e Eucaristia: "Igreja como comunidade de fé", "sacramentos da fé", "Eucaristia – mistério da fé". No segundo capítulo, busca-se compreender a centralidade dos pobres na vida e missão da Igreja, característica fundamental de uma teologia latino-americana dos sacramentos, explicitando a relação entre "Jesus e os pobres" e, consequentemente, entre "a Igreja e os pobres". No terceiro capítulo, procura-se explicitar o vínculo essencial entre Eucaristia e pobres, explicitando em que sentido a Eucaristia é "realização e promessa de salvação", "escola de vida" e "pão dos pobres". Com isso, pretende-se contribuir para uma vivência eucarística profunda nas comunidades e alimentar a esperança da humanidade sofredora.

Palavras-chave: Francisco Taborda. Eucaristia. Pobres. Sacramento.

ABSTRACT

This dissertation has Eucharist and the poor as its main theme. Through a bibliographical analysis, it seeks to ascertain the consistency of the essential relationship between the Eucharist and the poor according to Francisco Taborda's work. The dissertation is divided into three chapters. In the first chapter, attention is drawn to the essential relationship between the Church and the Eucharist: "Church as Community of Faith", "Sacraments of Faith", "Eucharist - Mystery of Faith". In the second chapter, we seek to understand the centrality of the poor in the life and mission of the Church, a fundamental characteristic of the Latin American theology of the sacraments, explaining the relationship between Jesus and the poor and, consequently, between the Church and the poor. In the third chapter, we seek to clarify the essential link between the Eucharist and the poor, explaining in what sense the Eucharist is the fulfillment and promise of salvation, school of life and bread for the poor. This is intended to contribute to a profound Eucharistic experience in the communities and to feed the hope of suffering humanity.

Keywords: Francisco Taborda, Eucharist, poor, sacrament.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MF *Mysterium fidei*

SC *Sacrosanctum Concilium*

SCa *Sacramentum Caritatis*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

I – RELAÇÃO IGREJA-EUCARISTIA 14

1 Igreja – comunidade de fé 14
1.1 Igreja como comunhão 15
1.2 Fé como seguimento de Jesus 17
1.3 Dimensões pessoal e social da fé 22

2 Sacramentos da fé 25
2.1 Relação fé-sacramento 25
2.2 Dupla abordagem 28
2.2.1 Práxis-festa 28
2.2.2 Rito da celebração 31
2.2.3 Diferença e unidade 34

3 Eucaristia – mistério da fé 34
3.1 Eucaristia como sacramento 35
3.2 Eucaristia como memorial da Páscoa do Senhor..... 37
3.3 Eucaristia como sacramento da Igreja 38

II – CENTRALIDADE DOS POBRES NA VIDA E MISSÃO DA IGREJA 42

1 Jesus e os pobres 42
1.1 O anúncio do reinado de Deus 42
1.2 O reinado de Deus como boa notícia aos pobres 47
1.3 Os pobres como critério e medida de salvação 52

2 A Igreja e os pobres 55
2.1 Missão de Jesus – missão da Igreja 55
2.1.1 O poder 57
2.1.2 Serviço 58
2.2 Igreja – sacramento histórico de salvação 59

2.3 Opção preferencial pelos pobres 62

III – O VÍNCULO ESSENCIAL ENTRE EUCARISTIA E POBRES 67

1 Eucaristia, realização e promessa de transformação 67
1.1 Processos de transformação operados em torno da Eucaristia 67
1.2 Eucaristia e missão 72

2 Eucaristia, escola de vida cristã 74
2.1 Presença ativa de Cristo nos pobres, na Igreja e na Eucaristia 74
2.1.1 Presença nos pobres 75
2.1.2 Presença na Igreja 76
2.1.3 Presença na Eucaristia 77
2.2 Liturgia e vida 78

3 Eucaristia, o pão dos pobres 80
3.1 Eucaristia e lava-pés 80
3.2 Fé e solidariedade 82
3.3 Eucaristia viva: resposta aos desafios atuais 84
3.4 Pobres: critério de participação no banquete escatológico do Reino 86

CONSIDERAÇÕES FINAIS 90

REFERÊNCIAS 93

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, de certa maneira, é uma homenagem aos 80 anos de Francisco Taborda, teólogo gaúcho de Bagé – RS. Ela tem como objetivo refletir sobre a relação essencial entre Eucaristia e pobres nos escritos de Taborda. Trata-se de uma abordagem teológica da Eucaristia que é, por excelência, sacramento da Igreja. E, na medida em que o serviço aos pobres é constitutivo e está no centro da missão da Igreja, a Eucaristia, sacramento da Igreja, é inseparável dos pobres. Ela é, ao mesmo tempo, expressão e fonte de compromisso com os pobres. Não vamos fazer uma abordagem ampla e completa da Eucaristia, nem do ponto de vista histórico nem do ponto de vista sistemático. Vamos tratar apenas de um aspecto, ou de uma dimensão da Eucaristia, que é sua relação constitutiva e essencial com os pobres. E vamos fazer isso a partir dos escritos de Francisco Taborda.

Esta reflexão é necessária e urgente porque a falta de sentido do sagrado nas celebrações, a liturgia para agradar ao público e a renúncia de uma teologia crítica pela ação dos ministros ordenados, conduz a uma vivencia eucarística fragmentada.

A sociedade está na contramão da vivência eucarística, cria um círculo vicioso de maldade e injustiça. A corrupção no mundo da política e do judiciário gera um desprestígio das instituições e a concentração das riquezas e desigualdades de rendas produz disparidades sociais, gerando um clima de violência e desordem.

É arriscado viver numa sociedade com nível de consumo doentio, em que as pessoas gastam tempo e investem nas alegrias passageiras, de modo que a solidariedade se torna algo espetacular e ocasional. Mas a eucaristia nos ensina a amar de forma concreta e permanente os mais vulneráveis: seja pela pobreza, seja pelo sofrimento, seja pela fraqueza ou qualquer outra situação degradante. Ela visa a "transformar-nos em agentes de humanização e divinização do ambiente em que vivemos, segundo o Espírito de Cristo" (TABORDA, 2016, p. 8). A Eucaristia nos faz ser o corpo eclesial do Senhor; um corpo dinamizado pela caridade; uma caridade que nos torna afins com o Senhor, que faz de nós seu corpo na história.

O trabalho está organizado em três capítulos estreitamente articulados entre si que se implicam e se determinam mutuamente. O primeiro capítulo aborda um aspecto fundamental da teologia sacramental de Taborda: a relação entre Igreja e Eucaristia. Destaca sua insistência no vínculo essencial entre sacramento e fé e na fé como seguimento de Jesus. A Igreja é entendida como "comunidade de fé". Os sacramentos

são assinalados como “sacramentos da fé” e a Eucaristia é tomada como celebração do “mistério da fé”.

O segundo capítulo trata da centralidade dos pobres na vida e na missão da Igreja. É um aspecto ou uma dimensão essencial de toda teologia latino-americana e a maior originalidade da teologia sacramental de Taborda. Aqui insistimos na relação essencial entre Jesus e os pobres e, consequentemente, na relação essencial entre a Igreja e os pobres, formulada a partir das conferências de Medellín e Puebla em termos de “opção preferencial pelos pobres”.

Por fim, o terceiro capítulo, coração dessa dissertação, mostra o vínculo essencial entre a Eucaristia e os pobres, explicitando em que sentido a Eucaristia é “realização e promessa de salvação”, “escola de vida” e “pão dos pobres”.

O interesse imediato deste trabalho é mostrar como Taborda apresenta a relação essencial entre Eucaristia e pobres, um tópico fundamental de sua teologia da Eucaristia. Mas, em última instância, ele pretende contribuir para uma vivência eucarística profunda nas comunidades e alimentar a esperança da humanidade sofredora. É um convite a viver a Eucaristia como participação no mistério pascal de Cristo – fonte de vida e esperança para os deserdados da terra.

CAPÍTULO I

RELAÇÃO IGREJA-EUCARISTIA

Nosso itinerário, nessa primeira parte do estudo, objetiva averiguar, identificar e interpretar a reflexão de Francisco Taborda sobre a relação Igreja-Eucaristia. Sua argumentação mostra a relação interior da Igreja com o Mistério Pascal de Cristo. Ressuscitando Jesus, o Pai dá origem à Igreja, corpo do ressuscitado, comunidade suscitada pelo Espírito. Sem a Igreja, comunidade dos que creem, não saberíamos da ressurreição do Senhor (Cf. TABORDA, 1987, p. 145-147). Consequentemente, entenderemos que a comunidade de testemunhas da ressureição é a Igreja. A Igreja e a ressurreição de Jesus estão intrinsicamente ligadas, assim como o sacramento da Eucaristia e a Igreja. Os sacramentos deixam a comunidade de fé fortalecida, eles edificam a Igreja como corpo do Senhor; são entendidos, como se observa na *Sacrosanctum Concilium* (SC 7): ações de Cristo e da Igreja. “A relação com a Igreja é de mediação; o ato terminal é a relação com Cristo e por isso os sacramentos fazem a Igreja, não são só feitos por ela” (TABORDA, 1987, p. 151). A Igreja faz os sacramentos e eles fazem a Igreja.

Nesse sentido, optamos, neste primeiro capítulo, por tratar a Igreja como comunidade de fé, explicitar o vínculo entre fé e sacramentos e a Eucaristia como mistério da fé. Procuramos, nessa lógica, na totalidade do trabalho, entrelaçar os conceitos de Igreja-Sacramento-Eucaristia. Por um lado, a abordagem não pretende trabalhar todos os sacramentos, por outro lado, queremos identificar os métodos e modos utilizados pelo teólogo na construção de sua teologia sacramental, esboçar as características marcantes na teologia de Taborda sobre o primado da práxis e sobre a perspectiva dos pobres, e observar o compartilhamento das intuições da teologia da libertação, isto é, a introdução dos mistérios da vida de Jesus celebrados pela Igreja, bem como a sua práxis libertadora e o afastamento de uma liturgia culto-ritual sem vida.

1 Igreja – Comunidade de fé

Uma característica fundamental da teologia sacramental de Taborda é a Igreja como comunidade de fé. Nesse sentido, iremos, neste primeiro ponto, tratar da Igreja como comunhão. Em seguida, falaremos da fé que se expressa no seguimento de Jesus

e é ativada pela caridade. E, no terceiro ponto, aprofundaremos as dimensões pessoal e social da fé.

Taborda expõe que, por meio da imagem de uma casa em construção, a fé é fundamento, pois o fundamento é o que mantém a casa de pé (Cf. TABORDA, 1987, p. 21). A fé não é um tipo de conhecimento fantasioso ou inaudito, nem mera aceitação intelectual de verdades das quais não poderíamos ser informados de outra forma, é confiança em Deus que atua na nossa história e se revelou em Cristo; é a entrega do homem a Deus.

1.1 Igreja como comunhão

Taborda vai constatar, ao longo da história da Igreja, o conflito entre duas eclesiologias: "a eclesiologia do poder (*potestas*), baseada em Mt 16, e a eclesiologia da comunhão, inspirada em Mt 18" (TABORDA, 2015, p. 252). A primeira evidenciava a hierarquia; a segunda assinalava a dimensão ontológica da Igreja como comunhão.

O cristianismo terá sempre a marca comunitária, pois a revelação do Cristo sempre envolve a comunidade. O Ressuscitado se manifesta na comunidade de fé. E é na comunidade eclesial que encontramos o sinal mais visível do que Deus faz em nossas vidas (Cf. TABORDA; WENZEL; WERLANG, 1986, p. 29). Podemos encontrá-lo vivo pelo testemunho visível dos irmãos e irmãs. Sabemos que Ele é fonte de vida e nele se encontra a paz. O ressuscitado é o centro.

> Só se compreende a Igreja em seu ser mais profundo a partir da ressurreição, como participação na ressurreição, comunidade de fé que pertence intrinsecamente à ressurreição. [...]. A Igreja é presença do Ressuscitado, mas sendo o outro do Ressuscitado. Vale dizer: a Igreja medeia a presença do Ressuscitado, mas não é o próprio Ressuscitado. Ela é, pela ação do Espírito, que é Espírito do Cristo Ressuscitado, sacramento de Cristo. Nela o Cristo está presente, mas, sendo santa e pecadora, casta e meretriz, fiel e infiel, a presença de Cristo é maior que a Igreja. Fazer memória de Cristo é, para ela, desafio à fidelidade, repto a que seja aquilo que ela deve ser. E, no entanto, a presença de Cristo, maior que a Igreja, é mediada pela Igreja. Por isso mesmo é presença pelo seguimento, pela Palavra, pelo sacramento (TABORDA, 2018, p. 97).

A palavra comunhão, do grego *koinonia*, é intrínseca à Igreja, pois desde os primórdios a comunidade cristã existe como comunhão. Adquirindo sentido, buscando espaço, encontrando seu lugar, tornou-se formidável não só para apresentar a relação

dos cristãos entre si, mas também a relação do indivíduo com o Ressuscitado. Viver em comunhão é estar na presença do Deus vivo, visibilizada na comunidade eclesial.

O mandato do cristão é viver a comunhão com Deus e, por conseguinte, a comunhão na comunidade de fé. Quem vive a comunhão com Deus, vive a comunhão com os outros; quem não vive a comunhão com os outros, não a vive com Deus. Todo cristão é convocado a ser um com os outros, pelos outros, nos outros.

A Igreja é lugar privilegiado de comunhão. Nela aprende-se a viver e a testemunhar o milagre da partilha, que enriquece a verdadeira experiência de doação de todos os que desejam servir a Deus e aos irmãos, pois servir é um gesto de doação de si mesmo àqueles que muito necessitam de nossa ajuda. Servir é amar, e amar é se colocar a serviço do outro.

A Igreja tem uma missão que é comum a todos os batizados. Esta missão pode ser definida em três funções: Palavra-Solidariedade-Sacramento. Essas três funções são de competência de todos os cristãos. É a função do “nós” eclesial porque a Igreja, como um todo, é a comunidade salvífica, e cada um participa da missão salvífica na medida em que está unido com o todo, como órgão do todo (Cf. TABORDA, 2011, p. 146).

Jesus Cristo ressuscitado se manifesta diversas vezes para os seus discípulos. O que chama a atenção é que ele sempre aparece quando estão reunidas duas ou mais pessoas. Esse dado é realmente significativo e nos faz pensar sobre a importância decisiva da comunidade. É na comunidade que ele se faz presente com toda a sua glória e todo o seu poder. A Igreja pertence à revelação. Não é acidente. Sem a comunidade dos que creem não teria sentido a ressureição. A Igreja só tem sentido e só é Igreja quando se volta em torno da memória de Jesus. É o que Taborda designa como “comunidade rememorativa” (Cf. TABORDA, 2015, p. 253).

A comunhão dos cristãos não pode separar-se da comunhão do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Da mesma forma, a comunidade eclesial, seu ser e seu agir, não se compreende senão sob essa visão. A prática da caridade, do respeitoso amor fraterno, da solidariedade gera uma confiança mútua na comunidade. A Igreja comunhão é “comunidade significativa” por sua missão e por sua solidariedade entre os membros (Cf. TABORDA, 2015, p. 254). A esse respeito escreve o autor:

> A Igreja de Cristo está presente na Igreja local, na comunidade solidária. A única Igreja de Cristo se realiza nas diversas Igrejas locais e na diversidade das Igrejas locais que manifestam sua unidade pela comunhão entre elas. Essa comunhão é solidariedade, mútuo dar e receber. Cada Igreja local contribui para a Igreja universal com suas peculiaridades. E nessa comunhão e solidariedade de diferentes se dá a

> catolicidade da Igreja, que significa corresponsabilidade entre as Igrejas locais (TABORDA, 2015, p. 255).

Vivenciamos um período repleto de fé individualista. Há pouco interesse em formas de espiritualidade comunitária, e a fé cristã é questionada. Fica evidente que a Igreja precisa, de novo, manifestar seu vigor e comunhão na comunidade e entre as Igrejas locais. Isso se dá, sobretudo, na e a partir da solidariedade com os pobres. A comunidade cristã não pode se conformar e caminhar na desigualdade, pois a Igreja não é uma comunidade de chefes e súditos, e sim de servidores.

Segundo Taborda, "a Igreja se manifesta como Igreja agindo como ele agiu, vale dizer: criando fraternidade a partir do pobre" (TABORDA, 2018, p.97). A memória de Jesus não é primeiramente celebrativa, é memória em continuidade de vida, em seguimento (Cf. TABORDA, 2015, p. 254). É no reconhecimento da presença do Senhor no pobre que a Igreja é um corpo sacerdotal e oferece seu sacrifício, que é idêntico a seu ser comunhão e a presença de Cristo. Dessa forma, temos as características fundamentais da Eucaristia: Comunhão, Presença e Sacrifício (Cf. TABORDA, 2015, p. 265).

Taborda evidencia que a Igreja só pode ser compreendida como comunhão: comunhão de cristãos, a Igreja particular, e comunhão de comunhões, a Igreja universal. Igreja universal anterior ou fora das Igrejas particulares é algo que só existe no pensamento. Porém, uma Igreja particular, ajuizada fora da comunhão com outras Igrejas particulares, não seria Igreja, pois o conjunto dos dons do Espírito só se encontra na unidade das Igrejas particulares (Cf. TABORDA, 2009, p. 225). A comunhão não é entendida como uniformidade, mas é unidade na diversidade.

1.2 Fé como seguimento de Jesus

Há uma diversidade de maneiras de abordagens sobre a fé e sua multiplicidade de distinções, mas a limitação deste estudo nos leva apenas a abordar a fé cristã como seguimento de Jesus Cristo.

A fé é um dom de Deus e Ele é quem toma a iniciativa em direção à humanidade que, ao crer, O acolhe. Neste sentido, a fé é uma resposta do homem a Deus. Esse dom é transmitido pelo testemunho dos apóstolos transforma toda a existência. Só na comunidade cristã, a fé pessoal ganha significação, pois traz consigo a participação no mistério (Cf. TABORDA, 1987, p. 145).

Como práxis do seguimento, a fé possui algumas dimensões, como a dimensão eclesial que é a aceitação do testemunho da comunidade de fé, a Igreja, ao longo da sua história. A fé também é a realização na história do projeto do Reino no domínio pessoal e comunitário. Esta é sua dimensão práxica. E quando nos referimos à entrada no Reino que se inicia no presente, em meio ao vai e vem da história, mas que espera a promessa da união com Deus na eternidade, falamos da sua dimensão escatológica (Cf. TABORDA, 2009, p. 56).

A ação, por excelência, na vida de fé da comunidade, é a liturgia (Cf. SC 7) vivenciada por um povo que se reúne para cantar e louvar a ação de Deus em sua vida, revelando alegrias e esperanças. É na liturgia que a fé se torna visível. O centro é a atualização do Mistério Pascal.

> A comunidade é o elemento mais importante da celebração. Sem comunidade não há festa. Mas só o povo reunido ainda não basta pra haver festa. Além de reunido, o povo tem que estar unido. Ter um sonho comum a festejar, uma luta comum a celebrar. Povo unido e solidário não tem ódio, nem vingança. Muda a vida por contrário, cria amor, fé e esperança (TABORDA; WENZEL; WERLANG, 1986, p. 28).

A fé é despertada por referenciais que são verdadeiros testemunhos. Em última análise, é despertada pelo testemunho do Espírito Santo no coração humano (Cf. TABORDA, 2009, p. 218). Ela tem seu nascimento não por decisão meramente individual, mas a partir do contato com os testemunhos da palavra no passado e no presente. Taborda mostra como a fé tem um duplo sentido no seu aspecto eclesial: diacrônico e sincrônico. Diacrônico porque escuta a pregação da tradição dos apóstolos. Sincrônico porque sua transmissão se dá pelo testemunho vivo e coerente dos que estão presentes e professam a fé no mistério pascal de Cristo (Cf. TABORDA, 2009, p. 218).

> Somente na Igreja, na comunhão com os que nos precederam na fé e com os que conosco aceitam a fé, é possível “memória da paixão e da ressurreição do Senhor”, porque a Igreja não é uma realidade extrínseca ao mistério pascal de Cristo que se lhe acrescente posteriormente, quase como por acidente. Não. A comunidade dos que crêem no Ressuscitado é uma dimensão intrínseca à ressurreição de Jesus. Não é simplesmente acessório à ressurreição de Jesus que haja Igreja. Sem Igreja, não há ressureição de Jesus, não tem sentido a ressurreição, como vice-versa: sem a ressurreição de Jesus não há Igreja (TABORDA,1987, p. 146).

Taborda é conciso em dizer que é na comunidade reunida que a força do Cristo ressuscitado tem sentido e manifestação, ou seja, a verdadeira fé cristã se vive em comunidade. Cristo vem ao nosso encontro e, na situação concreta de cada pessoa,

robustece nossa fé frágil e nos vigora. O benefício da fé é que nos dá a verdadeira dimensão dos acontecimentos e nos permite julgar retamente todas as coisas.

A comunidade de crentes no Ressuscitado é tomada pela força e pela esperança do Ressuscitado que, concretamente, espera tomar parte do Reino de Deus, espera um mundo melhor. Como Deus venceu a injustiça humana ressuscitando seu Filho, assim a comunidade de fé, a Igreja, espera que Deus vença toda a maldade e injustiça geradora de fome e violência (Cf. TABORDA; WENZEL; WERLANG, 1986, p. 28).

O mistério pascal do Cristo diz quem é Deus, é a autorrevelação de Deus aos homens ressuscitando seu filho. (Cf. TABORDA,1987, p.146). As obras do cristão devem ser fruto e manifestação de sua fé em Cristo. A fé na Ressurreição de Cristo é a verdade fundamental da nossa salvação. “E se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé” (1Cor 15, 14). Assim, confirmados na fé através dos sinais sensíveis e instruídos pela Escritura, percebemos sua presença viva na comunidade e na história:

> A Igreja não é mero acaso nem invenção humana: ela pertence ao próprio mistério da ressureição de Cristo. Sem Igreja, isto é, sem a comunidade dos que creem no Ressuscitado, a ressurreição de Jesus não teria sido a manifestação definitiva e escatológica do Deus revelado. Por isso, a Igreja é o corpo do Ressuscitado, vive da vida do ressuscitado. Vale dizer: é criada constantemente pela presença e atuação de Cristo no Espírito Santo. Nesse sentido, Cristo funda e institui a Igreja sempre de novo [...] (TABORDA, 1987, p. 119).

O propósito de Taborda é mostrar que a formação da Igreja, comunidade de fé reunida, é dada e tem sua essência na ressurreição. Como consequência, só na comunhão da Igreja é possível fazer a “memória” do Senhor (Cf. TABORDA, 1987, p. 147).

O modo de proceder do cristão, no amor e na fidelidade, tem que estar fundamentado na fé em Jesus Cristo porque Ele é o caminho. Conforme o teólogo Taborda, “a vida cristã é martirial, presença de Cristo faz notar, nos liga ao mistério seu pascal [...] Aqui se resume a eucaristia: memória de Cristo Salvador na nossa labuta cada dia” (TABORDA; WENZEL; WERLANG, 1986, p. 35). É atualizando o evento pascal que as pessoas conseguem formar verdadeiras comunidades, nas quais a fraternidade é sensível e capaz de superar todas as tendências do egoísmo, do consumismo incontrolável e do fechamento no próprio individualismo.

No cristianismo primitivo encontramos modelos de comunidades de fé. Estas resultam da fé que tinham na ressurreição de Jesus Cristo, eram desapegadas e

partilhavam seus bens e nada faltava entre eles (Cf. At 4,32). Fica claro que a vida comunitária abona e supre as necessidades dos indivíduos. A fé no Cristo Ressuscitado não se fundamenta em evidências palpáveis, mas em uma resposta livre diante do chamado que Ele mesmo faz para que testemunhem sua presença viva no meio da comunidade de discípulos.

A fé cristã, apesar das habituais manifestações religiosas e de algumas vivências saudosistas de acontecimentos que ficaram para trás na história, não pode ser reduzida a práticas exteriores, mas diz respeito ao seguimento de Jesus, à vivência evangélica. Os cristãos, inseridos na sociedade, não podem deixar de pensar em todos aqueles a quem Deus ama, a começar pelos marginalizados, pobres e ignorados da sociedade.

Estamos vivendo profundas mudanças socioculturais, envolvendo crises religiosas que sacodem os alicerces de um cristianismo que, aos poucos, vai se tornando ineficaz e com pouca incidência para a vida. Falando da crise de fé atual, Aquino Júnior identifica três abordagens possíveis. A primeira está situada no contexto das revoluções da modernidade: com o iluminismo, visando a emancipação do homem perante estruturas antigas, a fé aparece como algo estranho e incompatível com o mundo moderno, surge uma cultura antropocêntrica e secularizada que deposita uma confiança ilimitada na razão. A segunda linha da crise de fé é gerada pelo fim da cristandade. O cristianismo torna-se um elemento marginal da estrutura social e a fé deixa de determinar a vida da sociedade. E, em algumas situações, surgiram uma militância antirreligiosa e antieclesial, de modo que a fé deixou de ser algo “natural”, transmitida culturalmente pela família. A terceira abordagem insiste na incoerência entre a fé celebrada e a vida dos crentes: a crise não é de ordem teórica como na modernidade, tampouco de ordem cultural como na cristandade, mas agora de ordem práxica como modo de vida (Cf. AQUINO JÚNIOR, 2017, p. 21-25).

No âmbito de crise de fé a saída para os cristãos é ter uma fé vivida e praticada com coragem, que brilhe e atraia com força irresistível. Dificilmente fica-se indiferente diante de uma expressão autêntica da fé que conduz ao amor, que é a prática de Jesus de Nazaré. É o testemunho que atrai, edifica e arrasta, direcionando a uma vida autêntica no seguimento de Jesus.

> Enquanto seguimento, a fé é marcada e condicionada pelos contextos em que os cristãos estão inseridos e pelas possibilidades disponíveis nesses contextos. Enquanto seguimento de Jesus, ela se configura como atualização/encarnação da Fé de Jesus em novos contextos e em novas situações. Daí que a fé cristã, sendo sempre a mesma (fé de Jesus), é sempre diversa (novos contextos, novas situações). Estes são os traços

> e os desafios fundamentais com os quais os cristãos e suas comunidades têm que se confrontar permanentemente. E eles são particularmente relevantes em nosso tempo, dada a característica fundamental da crise de fé que nos desafia, a saber, incoerência ou contradição entre a fé professada e celebrada e a vida dos crentes e suas comunidades (AQUINO JÚNIOR, 2017, p. 39-40).

Neste contexto de crises, a fé cristã é questionada permanentemente. A vivência da fé como seguimento é uma experiência de abertura, descoberta, acolhida, aceitação, vivência, testemunho.

Por um lado, a fé como seguimento leva a pessoa a vencer a visão pessimista diante da vida, envolvendo-a em um realismo que convida a procurar respostas. Não podemos fechar os olhos ao que acontece à nossa volta. Uma única pessoa humana a quem, na prática, se negue a dignidade é motivo suficiente de intranquilidade ao crente e a toda a comunidade.

Por outro lado, os primeiros a ficarem de fora do palco da dignidade humana e da mais simples realização pessoal acabam por ser sempre os mais frágeis, porque quando impera a lei da selva a vitória é para os mais fortes e os mais fracos servem apenas para divertimento e alimento dos poderosos e da nova idolatria atual ao mercado econômico.

As primeiras comunidades cristãs nos indicam algumas de suas principais características, que podem realmente ser um antídoto para uma sociedade de exclusões: o amor recíproco, a comunhão de bens, a oração, a fração do pão e a escuta da palavra dos Apóstolos (Cf. At 2, 42). Os cristãos de hoje conseguem estas características na medida em que seguem Jesus. A Epístola aos Hebreus (13,11) convida a comunidade a se compreender como povo de Deus a caminho. O Cristo é o caminho novo para a vida, é um pioneiro, pois dá o início; é um precursor, pois vai à frente; também é o consumador, pois é ele que realiza e toma a direção (Cf. TABORDA, 2011, p. 41).

O seguimento é uma prática intersubjetiva. Nos Evangelhos o verbo “seguir” aparece 79 vezes, das quais 73 passagens fazem referência à pessoa de Jesus, e apenas 6 vezes se refere a outras pessoas, indicando uma dimensão interpessoal (Cf. TABORDA, 2009, p. 117). O seguimento não é a teoria, ideologias ou discursos, mas a pessoa do Cristo.

O seguimento a Cristo exige radicalidade nas escolhas e na missão. Fazer a opção por Cristo, pelo seu modo de viver, é colocar-se a serviço em tempo integral, de modo coletivo. O seguimento a Cristo não comporta um coração que aceite se distrair com as coisas fúteis que o mundo oferece. Investir força no Reino de Deus e dedicar-se a ele exige concentração o tempo inteiro. Olhar para trás é desequilibrar- -se e perder-

se na tarefa de ser discípulo. O discipulado precisa ocupar o primeiro lugar no coração do seguidor.

Não querer se desprender dos compromissos pessoais secundários é atitude de quem não cresceu na fé de Jesus e do Reinado de Deus. A fé como um estilo de vida é viver como Jesus viveu, configurando a vida segundo o espírito de Jesus, tendo confiança em Deus como Pai e sendo fiel ao seu Reinado de justiça e fraternidade. Não podemos reduzir a fé a doutrinas ou ritos religiosos, pois, desta maneira, nos desviamos do caminho de Jesus, negando a fé, mundanizando a Igreja e tornando-a um instrumento para os poderosos (Cf. AQUINO JÚNIOR, 2017, p.49).

1.3 Dimensões pessoal e social da fé

Vimos a fé compreendida como seguimento de Jesus. Agora, vamos tratar das duas dimensões da fé como seguimento: uma dimensão pessoal e uma dimensão social.

Vamos começar tratando da dimensão pessoal da fé. É importante termos em vista a Sagrada Escritura ao destacar que o seguimento sempre é para seguir pessoas, não é um seguimento de teorias, ideologias ou princípios: “Se alguém me quer seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga” (Mc 8,34). Quando falamos em “seguir Jesus” isto significa vivenciar seus ensinamentos, tornar prática a fé que temos na pessoa d’Ele. Porém, tudo isso feito conscientemente, não levados apenas pelas circunstâncias, mas conduzidos como ação livre, pois segui-Lo é ter um contato pessoal com Ele.

> O seguimento estabelece, pois, uma relação pessoal com Jesus, com ele como pessoa inconfundível e única, embora, na iniciação ao seguimento, muitas outras pessoas atuem e, em última análise, a Igreja, comunidade daqueles que, pelo Espírito, se tornaram *una mystica persona* com Cristo (TABORDA, 2009, p. 118).

A fé é um ato livre. O ser humano aceita ou não aceita, pois ele é chamado a acreditar, mas não é obrigado a crer. O homem, no seu mistério, sempre é levado a acreditar. O homem se torna mais homem quando mais fé ele busca ter. A própria liberdade do homem é um dom. Os motivos da rejeição da fé podem ser muitos: intelectuais, afetivos, sociais, etc. Tudo se resume, no entanto, ao não querer do homem. E os motivos da aceitação também são muitos, mas se resumem no querer e no aceitar do homem, de algo que lhe é oferecido na gratuidade da vida. A fé é uma proposta ao homem (Cf. TABORDA; DICK, 1978, p. 37).

Mas a fé tem, também, uma dimensão social. Ela envolve a pessoa inteira em uma relação com Deus, é uma entrega total a Deus. Esta entrega abarca os sentimentos, os pensamentos, a consciência, as decisões, as atitudes, os relacionamentos e assim por diante (Cf. TABORDA, 1987, p. 22).

A ressurreição gera a fé na comunidade dos discípulos, que é a Igreja. A expressão da fé se diferencia de pessoa para pessoa, de contexto para contexto, ou seja, o contexto histórico no qual a pessoa se encontra inserida pode, parcial ou definitivamente, influir na vivência da fé.

> A feição concreta da fé e, portanto, do seguimento de Jesus varia com a situação da pessoa. A fé sofrida do enfermo, a fé combativa do profeta, a fé confiante da mulher do Povo, a fé aventureira do missionário, a fé heroica do mártir, a fé dedicada do enfermeiro, a fé ilustrada do teólogo... A feição da fé varia também com a situação histórica: a fé confessora dos primeiros séculos, a fé evidente da Idade Média, a fé conquistadora e missionária do século XVI, a fé contestada e triunfalista do século XIX, a fé humilde e dialogante do século XX... Feições epocais da fé que, no entanto, sempre será entrega a Deus de toda a pessoa e, portanto, de seu ser e agir. Entrega ao Deus que se apresente e comunica ao homem na história (TABORDA,1987, p. 23).

A fé permeia todos os contextos históricos da vida humana, como também todas as circunstâncias. Ela é expressão de entrega confiante a Deus que se aproxima, que se comunica à humanidade na sua história. Contudo, a sua forma concreta será diferenciada, a riqueza, a sua profundidade, as suas várias faces permitem que a fé seja vivenciada nas diversas circunstâncias pessoais. A fé é mais do que uma iluminação mental, pois ela se estende da cabeça ao coração, da mente à decisão, das palavras aos atos, do eu ao próximo. De acordo com o contexto, a noção de fé pode funcionar de maneiras distintas.

A fé como seguimento tem sua dimensão comunitária, eclesial (Cf. TABORDA, 2009, p. 119). Vivendo na comunidade de fé se evitará que o seguimento a Jesus se reduza a uma repetição sem criatividade ou a um tipo de relacionamento intimista com o senhor.

> A comunidade eclesial é o sinal mais visível do que Deus faz em nossa vida. Quando a gente forma um Povo em nome de Deus, está clara a presença de Deus em nossa luta. Quando a gente se une num corpo pela fé em Cristo Ressuscitado, logo se vê que é Ele que está agindo em nós. Então nós, comunidade, somos algo sagrado, um Templo onde habita o Espírito Santo (TABORDA; WENZEL; WERLANG, 1986, p. 29).

Eventualmente, pode-se achar uma contradição que aceitar a fé, que é um ato livre intransferível, seja, na sua essência, uma ação comunitária. Apesar dessa contradição aparente, a fé é comunitária justamente por ser um ato pessoal e livre, pois a liberdade que está no íntimo do ser humano conduz ao outro, ao próximo, quer dizer, não é um ato individual-individualista. Uma pessoa só é livre com os outros e para os outros. Deste modo, a fé pessoal tem uma referência comunicativa ao outro e, assim, poderá realizar uma abertura à fé pessoal dos outros na comunidade de fé, por meio da pregação (Cf. TABORDA, 2009, p. 219).

Nesta mesma linha de pensamento, Antonio Manzatto mostra como o Concílio Vaticano II relaciona a dinâmica social da vida que tem relação com a fé comunitária:

> O Concílio Vaticano II marcou bem essa questão aproximando as duas realidades, a fé e a vida, deixando claro que a dinâmica da afirmação da fé não se vive separadamente da dinâmica existencial, inclusive em seu aspecto social. Por isso, nada do que é humano é estranho à Igreja e à sua afirmação de fé (GS 1). Na realidade o Concílio não inventou essas ideias, elas já estão contidas no antigo Israel e não poucos textos bíblicos o demonstram (MANZATTO, 2018, p. 60).

A teologia latino-americana denunciou uma prática de fé que defendia a ordem estabelecida e a classe dominante, nesta mesma linha, quando o Concílio Vaticano II recupera a Ideia de Povo de Deus que resulta na ideia de salvação, que não é meramente individual, mas coletiva:

> A categoria povo sempre comporta um significado social, pois é grandeza histórica que faz com que se compreenda o caminhar do Povo de Deus por entre os povos todos que estão no mundo. A Igreja não se compreendeu mais fora ou acima do mundo, mas dentro dele (MANZATTO, 2018, p. 71).

Assim, a dimensão social da fé tem a ver com os relacionamentos e a preocupação com o coletivo, não estando dissociada da vida concreta em comunidade, formada por aqueles que, acreditando na ressurreição, caminham para ela e a fazem acontecer no mundo inteiro em todos os tempos. A ressurreição é a vida nova que gera preocupação com os pobres, os estrangeiros e os execrados da sociedade.

2 Sacramentos da fé

Iniciamos nossa pesquisa tratando da relação Igreja-fé. Agora vamos tratar da relação essencial entre fé e sacramentos – uma das grandes contribuições de Taborda

para a teologia dos sacramentos. Sua reflexão está inserida no contexto da teologia latino-americana e se constitui como uma teologia libertadora dos sacramentos: uma teologia da fé, de uma fé ativada pela caridade no compromisso com os pobres e marginalizados (Cf. AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 52).

Neste ponto, iremos refletir o vínculo essencial entre sacramento e fé, pois os sacramentos só poderão ser entendidos como sacramentos da fé, e fé como seguimento. Notaremos nos escritos de Taborda dois modos – práxis-festa e rito sacramental – de desenvolver uma teologia libertadora dos sacramentos que não se contrapõem, porque os dois modos tratam os sacramentos como sacramentos da fé e a fé como seguimento (Cf. AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 54).

2.1 Relação fé-sacramento

Os sacramentos supõem a fé. Na ausência de fé, os sacramentos tornam-se um agir vazio sem ligação com a vida, uma prática externa ou um símbolo vazio. Também a fé como um estilo de vida significa viver como Jesus viveu, configurando a vida segundo o espírito de Jesus, tendo confiança em Deus como Pai e sendo fiel ao seu reinado de justiça e fraternidade. Não pode ser reduzida a doutrinas ou ritos religiosos, pois, assim, nos desviamos do Caminho de Jesus, renegando a fé n'Ele.

> O Sacramento, portanto, celebra a vida em Cristo, o ser e agir no seguimento de Jesus. Por um lado, relaciona-se, pois, com o concreto da vida de cada cristão e da comunidade; por outro lado, atualiza a dimensão crística dessa vida. Os sacramentos celebram momentos decisivos da vida em Cristo (Kairós: conversão, reconciliação, enfermidade, função na Igreja, vida conjugal, o dar a vida pelos outros) como graça proveniente do Mistério Pascal de Cristo (anamnese desse mesmo Mistério) (PARANHOS, 2018, p. 230).

Os cristãos celebram os momentos decisivos da vida através dos sacramentos. Eles são observados como atos típicos do Cristo na ação da Igreja e, nesse sentido, fazem parte do mesmo caminho de fé, como experiência vital e de crescimento no meio de uma comunidade eclesial.

> Os sacramentos são o memorial da práxis de Cristo, resumida em seu mistério pascal, continuada na práxis da Igreja. Neles a Igreja, aqui e agora, se faz presente para celebrar a Palavra que anima seu amor, e a solidariedade com que ela traduz a palavra (TABORDA, 2011, p. 154).

A celebração dos sacramentos na comunidade de fé envolve toda a vida daquele que crê. Não somente no sacramento irrompe a graça de Deus, mas a vida toda deve ser abertura para a graça. Todos os dias que se vence o pecado, dá-se passos na vida de santidade, no amor ao próximo, na fraternidade e na ajuda aos excluídos. São momentos de vitória e da ação da graça divina.

Ser cristão é participar das lutas do Cristo, que não se separam das lutas dos seguidores do ressuscitado. Os momentos importantes da vida cristã estão intrinsicamente ligados aos momentos importantes da vida de Cristo, de modo especial à morte e ressurreição. Acontece, desta forma, a atualização do mistério pascal através da presença do Espírito Santo sobre a comunidade de fé.

Por sua vez, a fé antecede o sacramento e favorece os efeitos de sua ação transformadora. O autor remete ao modo de ver os sacramentos e sua relação com a fé, sem poder esquecer que a vida cristã inteira é graça e que o processo sacramental está envolvido nesta graça. A fé é o elemento basilar, o fundamento na vida cristã e, por isso, é um fio condutor para a reflexão sobre os sacramentos, pois o sacramento robustece e fortalece a fé (Cf. TABORDA, 1987, p. 164):

> O sacramento é sinal da fé da igreja e que, como tal, só pode ser recebido na fé. É aderindo à fé da igreja que sabemos o que são os sacramentos. Sem esta fé não haveria sacramentos. Nem por isso é a fé que torna eficaz o sacramento, mas o mesmo Deus que por Cristo na força do Espírito dá a fé e age no sacramento (TABORDA,1987, p. 165).

Taborda indica que a comunidade é um elemento importante da celebração. Sem a comunidade não pode haver festa, mas também só a reunião de pessoas não bastará. Na festa sacramental se percebe que é o laço da fé o que une o povo, e esse mesmo povo, por se ver a partir da ótica da fé, sente-se também tocado pela experiência do amor e pela vivacidade da esperança. A fé em Jesus é o primeiro vínculo que une o povo na celebração dos sacramentos (Cf. TABORDA; WENZEL; WERLANG, 1986, p. 28).

A comunidade cristã crê em Jesus ressuscitado e é cheia de esperanças porque toma parte no reino de Deus e fica a espera de um mundo melhor. Da mesma forma que Deus venceu a injustiça humana ressuscitando Jesus, assim a comunidade de fé, a Igreja, espera que Deus vença toda maldade e injustiça que deixam as pessoas morrerem de fome, sem trabalho, sem dignidade, sofrendo toda a vida. Da Ressurreição de Jesus é que nasce a esperança, pois Ele viveu ensinando a ser irmãos.

Só quem tem fé em Cristo, esperança no reino e no amor a Deus e aos irmãos vive a comunidade cristã, e assim é capaz de entender os sacramentos. Quem não está

em comunhão com a comunidade ou não quer entrar nessa comunhão, não tem condições de participar e pode até desfigurar a celebração com sua presença, gerando desarmonia (Cf. TABORDA; WENZEL; WERLANG, 1986, p. 29).

A instrumentalização das relações na sociedade atual e sua dificuldade de vida comunitária resulta na incompreensão de que os sacramentos estão ligados com a totalidade da vida humana. Nessa perspectiva, no livro *Nas fontes da vida cristã*, o teólogo gaúcho nos mostra o que é o sacramento e o que a celebração deste sacramento representa:

> A cada sacramento corresponde um *Kairós*, um momento de graça, uma forma de manifestação da presença do Senhor na vida do cristão, uma situação que mostra a atuação de Deus por Cristo em seu Espírito criando vida nova e chamando a novidade de vida. E vice-versa, tais momentos vitais precisam ser celebrados como graça e dom de Deus, pois de fato o são. A celebração comunica o dom de Deus, porque provoca o fiel a vivê-lo e a aceitá-lo como dom e o compromete, escatologicamente, com a comunidade que celebra, a Igreja, Corpo do Ressuscitado (TABORDA, 2009, p.137).

Não se pode compreender os sacramentos dissociados da fé, nem a fé dissociada da vida. A relação sacramento-vida é essencial para entendermos toda a teologia sacramental de Taborda. Não há exclusividade da graça somente nos sacramentos. “A vida cristã toda inteira é graça” (TABORDA,1987, p. 163). E a celebração da graça cotidiana fomenta a vida cristã, plenifica a atuação divina. Por isso, os sacramentos levam a fé, que é a vida, no seguimento de Jesus (Cf. TABORDA, 1987, p. 168).

Deste modo, “a fé exige o sacramento” (TABORDA, 1987, p. 167). Ele não é um objeto externo na vida cristã, um evento casual, mas sim a celebração que envolve a pessoa por inteiro. A fé não só leva ao sacramento e nele se expressa, ela é provocada e fortificada por ele. Em consequência, o sacramento faz surgir uma vida de fé mais intensa e original (Cf. TABORDA, 1987, p. 167).

Os sacramentos nascem da práxis realizada em nome do Senhor, celebram a graça e voltam-se de novo à práxis. Deus atua nos sacramentos, porque com a sua graça atua na totalidade da vida. Para Taborda, a vida no seguimento de Jesus (práxis--histórica) é o ponto central dos sacramentos (Cf. TABORDA, 1987, p. 174).

> Os sacramentos se enraízam numa vida de seguimento de Jesus, vida que os precede, a eles se orienta e neles se expressa, e recriam essa vida, e aprofundam, alimentam e incentivam. Da práxis à práxis, da fé à fé, da vida à vida, da Graça à graça, os sacramentos são pontos nodais da existência Cristã. A categoria de festa permitiu reelaborá-lo, respondendo à questão central da teologia dos sacramentos: o

> cristianismo é vida no seguimento de Jesus (práxis histórica no senhor); comportará também sacramentos?
> A categoria de festa permite incluir os sacramentos como momentos necessários na vida cristã. Não só permite. Exige que se celebre essa vida de seguimento na festa sacramental (TABORDA, 1987, p. 174).

Assim, pois, compreendemos a profundidade e o interesse de Taborda na busca da articulação entre vida cristã e sacramentos, e é exatamente neste aspecto que sua teologia sacramental utiliza as categorias de práxis-festa que iremos trabalhar no próximo ponto.

2.2 Dupla abordagem

Uma questão fundamental na teologia sacramental de Francisco Taborda é a sua originalidade no que se refere ao contexto da teologia latino-americana. Ele insiste que o sacramento é sacramento da fé e que não pode ser pensado independente da fé. Existe um nexo entre sacramento e fé. Em seus primeiros escritos, os sacramentos eram abordados a partir das categorias práxis e festa. Em seus últimos escritos, retomando com Giraudo o método patrístico, os sacramentos são abordados a partir do rito de sua celebração.

2.2.1 Práxis-festa

É procurando uma articulação entre a vida cristã e os sacramentos, distanciando-se das formas habituais, aproximando-se de uma forma mais existencial, sem perder o referencial ao compromisso histórico, que Taborda propõe as categorias práxis e festa, mostrando que os sacramentos celebram o Mistério de Cristo a partir da práxis histórica de libertação. A festa permite apreender a gratuidade em contraposição à eficácia. A relação entre ambas ilumina, de forma adequada, a totalidade do ser humano em suas duas vertentes de eficácia e gratuidade.

Aqui devemos expor o conceito de práxis contido no pensamento de Taborda: “conjunto de ação/reflexão, pelo qual o homem constrói a história. A práxis distingue o homem do animal” (TABORDA, 1987, p. 25). Desta forma, ele apresenta a práxis humana como consciente e reflexiva. Ela “supõe uma finalidade: a transformação objetiva da natureza ou da sociedade em vista de corresponder às necessidades do ser humano” (TABORDA, 1987, p. 25). O autor ainda destaca que não podemos entender

este conceito opondo-o ao conceito de teoria ou prevalecendo um ao outro, antes a práxis é a unidade dos dois conceitos (Cf. TABORDA, 1987, p. 26).

> Teoria e prática, reflexão e ação se interpenetram mutuamente. A teoria não tem sentido em si, não se julga a si mesma isolada e abstratamente, senão em sua função de momento e, portanto, em sua referência à ação. A ação, por sua vez, desperta a teoria e será critério de julgamento da mesma. Prática e teoria se relacionam como o real e a consciência do real. O real não é sem referência à consciência, a consciência por sua vez só pode ser consciência de, isto é, só pode ser consciência intencionalmente, transitivamente. E, no entanto, o real é o critério da consciência. Assim é com ação e reflexão, teoria e prática (TABORDA, 1987, p. 27).

O sujeito da práxis histórica é um homem e esse homem não é alguém abstrato. Ele está situado num contexto histórico que envolve uma realidade que o faz pertencente a uma comunidade humana. Ele já se encontra no mundo pré-formado, que tem estruturas e leis imanentes, e essas estruturas querem perpetuar o estado das coisas. A transformação dessas estruturas vai significar um rompimento, e é justamente a práxis histórica que vai se manifestar como uma necessidade conflitual (Cf. TABORDA, 1987, p. 28).

O homem nunca se satisfaz com as estruturas que produz porque elas são limitadas. E é na raiz desse conflito que o autor apresenta duas dimensões que fazem a práxis transformadora: a dimensão de experiência e a dimensão de transcendência:

> Assim a práxis histórica tem uma dimensão de transcendência enquanto se abre para o futuro, abrindo-se para o outro. Ou melhor: enquanto na práxis o homem é atraído pelo futuro ao ser apelado pelo outro. Desta forma, a dimensão de transcendência e a dimensão de experiência, próprias à práxis, constituem duas faces do mesmo dinamismo: o impulso para a práxis histórica libertadora. A dimensão de experiência acentua o dinamismo propulsor da práxis como paixão, entusiasmo, a partir do sujeito (individual e social); a dimensão de transcendência indica que a causa do dinamismo está no futuro e no outro. Entretanto, como o sujeito se constitui por sua relação com o outro, não se podem separar as duas dimensões. Ou ainda: a dimensão de experiência considera a origem da práxis no sujeito; a dimensão de transcendência, o fim que ele tem em vista. Sem esquecer que o fim é também causa originante, pois em vista do fim desejável ou amado se instaura o movimento para atingi-lo. E desta forma se manifesta novamente a unidade intrínseca das duas dimensões. Ainda em outras palavras: a práxis histórica é sempre situada e comunitária. Há sempre um pré-texto (a situação) e um con-texto (a comunidade), onde se tece pela ação e reflexão o tecido (texto) da sociedade futura (TABORDA, 1987, p. 30).

Mas não é só a práxis que leva os humanos a definirem e concretizarem seu ser. Só o homem tem a capacidade de celebrar, festejar, cantar, dançar... (Cf. TABORDA, 1987, p. 44).

> Na festa, a gente ouve e re-ouve, conta e canta, poeta e pinta a história, porque essa história é tão importante que a gente espera que lembrando tenha força para ir adiante. A festa dá força para o futuro. Naquela vibração do povo reunido, festejando, a gente descobre a importância do acontecimento. Ele entra pelos ouvidos com o canto e a narração. Entra pelos olhos com o colorido das faixas. Entra pela boca com a pipoca e o suco, o 'mé' e a cerveja. Entra pelo nariz com o cheiro do povo. Entra pelos nervos, com a vibração da música e os passos da dança. Por isso, não basta ouvir contar o que houve. A festa faz o acontecimento penetrar muito mais no coração e na vida da gente (TABORDA; WENZEL; WERLANG, 1986, p. 25).

O nosso autor, acha um pouco estranho tentar descrever a festa por tratar-se de uma realidade que precisa ser vivenciada e nenhuma descrição dá conta. Então, ele se pergunta sobre quais elementos fazem a festa ser festa e sem os quais não há festa.

Taborda identifica três elementos que são constitutivos da festa: o primeiro, *fato valorizado,* é a eleição de determinados acontecimentos como dignos de celebração. Existem festas fixas e festas ocasionais. E aqueles que festejam demonstram sua alegria pelo que aconteceu no passado ou no agora. Para que haja festa, o fato a ser comemorado contém uma importância e realmente causa impacto na vida coletiva. Segundo, a *expressão significativa* é um modo de dizer que o acontecimento em pauta tem valor e significado. A valorização do acontecimento vai se traduzir naquilo que é visível, por meio de gestos simbólicos significativos do acontecimento, como do Batismo e crisma (passagem pela água, imposição das mãos, unção com óleo) e a categoria de festa sempre vai incluir algo de exagero. O terceiro elemento é a *intercomunhão solidária*. Trata-se dos membros da festa, os sujeitos. Formamos um grupo de pessoas que desejam e valorizam determinados gestos simbólicos, sem os quais não pode haver festa. Não se festeja a solidão, pois a festa congrega pessoas que valorizam da mesma forma este mesmo evento, essa mesma experiência (cf. TABORDA, 1987, p. 46-47).

Os três elementos da festa (fato valorizado, expressão significativa, intercomunhão solidária) na abordagem sobre os sacramentos correspondem a três hipóteses: o fato valorizado questiona o que se celebra; a expressão significativa tratará de como se celebra o fato, e a intercomunhão solidária mostrará quem celebra (Cf. TABORDA, 1987, p. 101). Estes elementos são essenciais na teologia sacramental de Taborda.

Taborda propõe uma teologia sacramental mediada pelas categoriais práxis e festa para chegar à ideia central que os sacramentos são celebração da práxis histórica do Senhor. É na festa que a práxis histórica encontra sua expressão mais adequada, espiritualidade, experiência e esperança. Há uma conexão essencial entre festa e práxis, em que a práxis legítima a festa, conferindo-lhe consistência e verdade, e a festa dá ânimo para a práxis. O teólogo sabe bem que as categorias (*práxis-festa*) não deixam de ser um ponto de vista. No entanto, elas são um ponto de vista fecundo que dão conta dos dados da tradição, conferindo-lhes um brilho novo (Cf. TABORDA, 1987, p. 100).

2.2.2 Rito da celebração

A teologia dos sacramentos reconheceu a necessidade de se voltar às fontes percorrendo o caminho à liturgia. Desta forma, redescobriu, na patrística, uma maneira de abordagem com pouca preocupação sistemática, mas conforme a celebração comunitária (Cf. TABORDA, 2015, p. 23-24).

O relacionamento entre liturgia e teologia se dá porque a liturgia é a celebração do Mistério de Cristo e a teologia é o aprofundamento racional deste mesmo mistério. Taborda evidencia o caráter mistagógico da teologia sacramental dos Padres da Igreja em que a teologia era construída a partir da celebração dos mistérios. Assim, na sua obra central sobre o sacramento da eucaristia, *O memorial da páscoa do Senhor,* ele retoma o adágio: *"Lex orandi, lex credendi, lex agendi*". Essa retomada tem uma importância de resgatar o lugar teológico atribuído à liturgia. A teologia é tirada da fé da comunidade, não é uma fé visível somente em dogmas ou outros discursos, mas é uma fé vivida em obras, é uma fé celebrada através de símbolos e nos ritos. Assim, a liturgia torna-se um dos primeiros lugares teológicos (Cf. TABORDA, 2015, p. 33). O adágio indica que a liturgia não se encerra na ação material, uma vez que ela não é somente ação cultual da Igreja que se rende a Deus, mas está ligada à vida de fé e à reflexão da fé.

O adágio ajuda a compreender a mistagogia como instrumento necessário da comunidade cristã, ligando dois elementos necessários: a teologia dos sacramentos e a vida litúrgica da Igreja, conduzindo os fiéis a experimentarem essas realidades. A comunidade de fé era o lugar da catequese mistagógica. Por isso o compromisso central é conduzir os fiéis a rezarem e compreenderem os ritos e sacramentos.

São características da vida cristã: Liturgia-Fé-Ética. Esses três momentos da vida cristã são interdependentes. Unidos e inseparáveis, constituem uma unidade. Desse

modo, a liturgia não se torna simplesmente um momento de vivência estética e a fé não se reduzirá a um conhecimento de tipo intelectual. A fé se torna a entrega a Deus na vida de seguimento de Jesus, e a celebração será gratuidade de Deus se manifestando através dos gestos que fazem memória do fundamento da fé: O mistério Pascal de Cristo (Cf. TABORDA, 2015, p. 38).

Contudo, a liturgia não é apenas um lugar teológico, mas também um lugar ético. É da liturgia que se tira o conhecimento da moralidade do agir cristão e do impulso para sua práxis (Cf. TABORDA, 2015, p. 38-39).

> Entrando na Igreja, levamos conosco tudo o que se vive de alegrias e angústias do mundo, para vivê-las com maior intensidade naquela relação particular com Deus e com os outros que é a celebração eucarística. Saindo da igreja, trazemos à cotidianidade do mundo todos os compromissos assumidos e reassumidos ao ritmo de nossas eucaristias. Se, ao entrar na igreja, não levamos conosco nossas preocupações e as de todo o mundo, é inútil entrarmos. Semelhantemente, se ao sair da igreja não trazemos conosco compromissos claros de vida pessoal, familiar, profissional, civil e eclesial, foi inútil termos entrado. Uma eucaristia sem a vontade de assumir compromissos éticos – sobretudo com o próximo – é, para quem dela participa, uma eucaristia nula. Sem compromissos operosos, o culto se torna um passatempo cômodo, um culto vazio, uma aparência de culto (GIRAUDO, 2003, p. 57).

A ética cristã é fruto da graça, o Espírito Santo presente em nós nos insere no mistério de Cristo celebrado na liturgia. Na ação ritual da transformação do pão e do vinho, na Eucaristia, em corpo e sangue de Cristo, nos tornamos corpo eclesial e escatológico, trazendo em nós mesmos consequências para nosso agir; nosso celebrar se expressa através de compromissos na busca do Reino de Deus, com nossa ajuda aos mais pobres e abandonados, no amor a todos (Cf. CARRARA, 2018, p.175).

A mistagogia é a forma como os padres da Igreja desenvolveram uma catequese sobre os sacramentos da iniciação cristã, propiciando uma introdução dos adeptos da comunidade ao mistério por meio da explicação do sentido dos sacramentos a partir do rito celebrativo (Cf. TABORDA, 2015, p. 39).

O contato com a obra de Cesare Giraudo proporcionou a Taborda um enriquecimento na sua compreensão teológico-litúrgica e suas últimas obras seguem a tendência mistagógica da teologia dos sacramentos (Cf. PARANHOS, 2018, p. 231).

A palavra mistagogia significa “ser conduzido para dentro do Mistério” (TABORDA, 2015, p. 42). As catequeses mistagógicas eram proferidas na comunidade de fé. O mistagogo era um introdutor, alguém que ficava ao lado, não tinha um lugar de destaque.

Era responsável por introduzir as pessoas na compreensão dos sacramentos (Cf. GIRAUDO, 2003, p.10).

A perspectiva dos padres da Igreja era que “o lugar privilegiado onde se estudavam os sacramentos era a Igreja e, antes de mais nada, a Igreja entendida como Edifício, e depois a Igreja entendida a partir do momento em que se vê constituída como Assembleia que celebra” (GIRAUDO, 2003, p.10). Taborda, guiado pela obra de Enrico Mazza, resume cincos passos do método mistagógico:

> 1) Descrever o rito, gesto, ação ou formulário litúrgico.
> 2) Identificar na Escritura, seja no AT, seja no NT, a passagem ou passagens que explicitem a salvação que se celebra nessa liturgia.
> 3) Aprofundar o evento salvífico narrado no(s) texto(s) escolhido(s) de forma que se mostre, com recurso a outros textos e à reflexão teológica, seu significado para a salvação. Neste passo o enfoque é o evento salvífico e não o sacramento como tal.
> 4) Retornar ao rito, aplicando a ele o que foi visto nos passos anteriores. A liturgia é, assim, interpretada a partir dos textos bíblicos que se referem ao evento que a fundamenta.
> 5) Explicitar o dinamismo do conjunto a partir de uma terminologia propriamente sacramental, recorrendo à gama de textos específicos para designar a dinâmica sacramental: mistério, sacramento, figura, imagem, semelhança e os pares semânticos imagem-verdade e tipo-antítipo. Principalmente nestes últimos se pode ver o aspecto relacional do sacramento: o sacramento se relaciona com o evento salvífico que lhe serve de base numa relação de identidade e diferença (TABORDA, 2015, p. 40-41).

Dessa forma, a mistagogia é exigente na assimilação dos conteúdos do mistério vivido na liturgia, que paulatinamente transformaram o ser e o agir para a vivência autêntica do que é celebrado. Aqui estabelecemos a trama entre a mistagogia e a teologia. A mistagogia é um dos modos de fazer teologia. A teologia vai se construindo através da ação litúrgica da Igreja com a finalidade de levar o fiel a fazer uma experiência com Deus.

Taborda acredita que algumas dimensões da teologia sacramental ganham com a abordagem mistagógica. Primeiro, a *dimensão mistérica:* leva a ver os sacramentos em sua relação mediata com o Mistério que os fundamenta. A segunda, a *dimensão dinâmica:* os sacramentos não são coisas, são as ações de Deus nas ações dos seres humanos. A terceira, a *dimensão eclesial:* não considerando o gesto simbólico em si, mas este ato se realizando supõe uma comunidade que a celebra. A quarta dimensão, que é acentuada pela abordagem mistagógica, é a *dimensão práxica,* exemplificando o caso do batismo, todo o processo é testado em sua veracidade a partir do agir ético (Cf. TABORDA, 2015, p. 45-46).

2.2.3 Diferença e unidade

A teologia sacramental de Taborda está em consonância com as duas ideias centrais da teologia da libertação: práxis e pobres, as quais guiarão suas elaborações teológicas. Aquino Júnior percebe que tanto os escritos mais antigos, desenvolvidos em torno das categorias práxis e festa, quanto os escritos atuais, desenvolvidos a partir do rito com que a Igreja celebra os sacramentos, que foram desenvolvidos através da sua aproximação com Cesare Giraudo, conservam uma unidade fundamental. São métodos distintos para desenvolver uma teologia sacramental libertadora, centrados na insistência no vínculo entre sacramentos e fé, sacramentos da fé, e na fé como um seguimento de Jesus, a práxis do seguimento. Esta intuição vai nortear toda a obra de Francisco Taborda sobre os sacramentos (Cf. AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 53).

3 Eucaristia – Mistério da fé

Na atmosfera eclesial em que estamos envolvidos, neste ponto, se faz necessário aprofundar o sacramento dos sacramentos para tentar conduzir à vivencia de uma liturgia viva e plena de significado. Como conscientizar, em vista do testemunho e do serviço concreto no mundo, que cada Eucaristia exige dos seus participantes a prática da justiça?

Desta forma, veremos a Eucaristia como sacramento, como memorial da páscoa do Senhor e como sacramento da Igreja, buscando um aprofundamento e esclarecimento a respeito desse tão grande mistério que celebramos de forma rememorativa, centrados na pessoa de Cristo, que se faz presente na Igreja através dos sinais sensíveis e no pobre. Consequentemente, a comunhão sacramental e espiritual nos impele a uma vida voltada para o seguimento de Cristo e o reconhecimento de Cristo no pobre.

Taborda afirma que “o que se celebra na Eucaristia é o ser Igreja, com tudo o que isto significa” (TABORDA, 2015, p. 265). A Igreja está ligada intrinsecamente ao Mistério Pascal. Ao celebrar o ser da Igreja, a comunidade de fé celebra a presença do Ressuscitado no corpo eclesial.

O Mistério Pascal de Cristo compreende a morte e glorificação de Jesus, de modo amplo, como toda a sua vida. A partir desse Mistério, é possível compreender a Igreja como mistério de comunhão e mistério de solidariedade. Esta comunhão é solidariedade a partir dos pobres, sendo coroada na ressurreição: Deus faz sua a causa do pobre.

3.1 Eucaristia como sacramento

A Eucaristia é sacramento. Para interpretá-la é necessário partir do sinal sensível e do gesto simbólico que a constitui e que nos abre ao mistério da expressão significativa do conteúdo dessa celebração. O autor define: “a expressão significativa da Eucaristia (e, portanto, do ser Igreja) como a refeição festiva do pão e do vinho em memória do Mistério Pascal de Cristo” (TABORDA, 2015, p. 265). Começaremos analisando a força simbólica que se apresenta com o gesto de refeição festiva.

> A expressão significativa num sacramento é sempre um gesto de ressonâncias antropológicas profundas, com raízes em algo assim como um “inconsciente coletivo” da humanidade. Daí a necessidade de analisar o sentido antropológico de uma refeição. [...] Mas, ao mesmo tempo, o gesto simbólico se cristaliza afetivamente pelo peso de uma tradição (TABORDA, 2015, p. 265-266).

Para compreender a Eucaristia como sacramento, sinal sensível e gesto simbólico, o autor julga necessário considerar o sentido da refeição do pão e do vinho no Antigo Testamento e como Jesus fez uso destes alimentos.

Taborda parte, primeiramente, do sentido antropológico da refeição, tomando-a como um ato comunitário. O que diferencia o homem do animal em questões de formas fundamentais de necessidades básicas (comer e beber) é que ele se sacia em comunidade. Antropologicamente a refeição é muito mais que um simples saciar-se, é recompor as energias corporais, é uma oportunidade de partilhar, é um momento de convivência.

Por isso, o ser humano busca estar sempre acompanhado nas refeições para compartilhar alegrias e preocupações. Do contrário, seria uma desumanização da sociedade, uma vez que certas anomalias crescem cada vez mais por influência de uma sociedade inserida na era da informação, da tecnologia, da falta de presença humana, etc.

O teólogo ainda afirma que é possível descobrir fenomenologicamente diversas dimensões numa refeição, dependendo do ponto de vista da análise. Dentre tantas dimensões, ele destaca: “acentua-se de modo novo um sentido que sempre teve a refeição em comum: compartilha-se entre amigos o que é fonte de vida” (TABORDA, 2015, p. 267). Num mundo de famintos, que sofrem em decorrência da miséria, da ausência do básico para alimentar-se, tudo conduz para que influencie agora este novo sentido que caracteriza a refeição como fonte de vida e que provém da vida: tudo o que

comemos provém da vida. Geralmente, alguma vida foi morta para que pudéssemos sobreviver. Aprofundando mais, o trabalho que produz o alimento é um trabalho de exploração, no qual o trabalhador deixa também sua vida no alimento que vai para nossa mesa.

Partindo para o sentido simbólico do pão e do vinho, é possível encontrar em cada pedaço de pão, cada gole de vinho, uma história que está aberta para o simbolismo. “E essa história é uma história de morte e ressureição” (TABORDA, 2015, p. 268). A semente do trigo precisa morrer (depois de plantada) para dar frutos e se multiplicar. Na cultura mediterrânea, o pão tornou-se alimento-símbolo, alimento que assegura a existência, enquanto o vinho é símbolo de alegria. Pão e vinho são símbolos que têm a capacidade de transformar o ser humano.

A refeição e o alimento possuem um grande valor simbólico no Antigo Testamento. O alimento se manifesta como oferta para o sacrifício e comer este alimento sacrificado em comunidade significava a comunhão com o Senhor. De igual importância, no Antigo Testamento, encontramos a Ceia pascal (refeição simbólica fundamental), celebração na qual o povo rememora sua origem na libertação do Egito e a aliança firmada como povo eleito do Senhor.

As refeições de Jesus possuem também um grande valor simbólico, como figura e antecipação do Reino. Ele concretiza a Boa-Nova em suas refeições. Se conferirmos Mt 8, 11-12, veremos que Ele apresenta uma metáfora do Reino de Deus como um banquete e parte das refeições do dia a dia, que expressam esse valor simbólico que Deus já começa a estabelecer o Reino.

Ao analisar as refeições de Cristo com pecadores, publicanos, fariseus, percebemos a misericórdia e o amor preferencial de Deus pelos marginalizados. Desta forma, Ele mostra o Reino presente a partir da fraternidade estabelecida com aqueles considerados indignos.

E é nesse conjunto de circunstâncias a respeito das refeições de Jesus que devemos colocar a Última Ceia. Taborda afirma que “a última ceia é apenas o ponto culminante de todas essas refeições, a concentração e densificação dessa práxis de Jesus” (TABORDA, 2015, p. 270). A Última Ceia resume toda a vida e missão de Jesus, uma práxis de solidariedade para com os marginalizados para, a partir daí, criar comunhão entre todos os seres humanos.

3.2 Eucaristia como memorial da Páscoa do Senhor

Taborda nos apresenta a Eucaristia como uma refeição rememorativa. Os gestos simbólicos da refeição (no sentido antropológico: ato comunitário, momento de partilha das alegrias e preocupações; no sentido de figura e antecipação do Reino: Jesus que faz refeições com pecadores e marginalizados mostrando a misericórdia e o amor de Deus, estabelecendo a fraternidade e comunhão e assim tornando presente o Reino) do pão e do vinho (o pão como alimento-símbolo que assegura a existência; o vinho símbolo da alegria, sua cor vermelha que lembra o sangue e a vida, e ambos com uma história de morte e ressureição) assumem uma densidade especial para a comunidade cristã.

A "refeição", como expressão significativa, antropológica e culturalmente analisada, possui diversos significados. Aqui cabe-nos fazer a seguinte pergunta: Do ponto de vista antropológico-cultural, de que espécie é a Eucaristia? (Cf. TABORDA, 2015, p. 271).

> Sua classificação certamente não coincidirá com a da última ceia que foi, por um lado, ceia de despedida, por outro, ceia de instituição. Ora, ambas em sua espécie são únicas e irrepetíveis. A última ceia foi também – pelo menos possivelmente – ceia pascal. Mas a refeição que constitui o gesto simbólico básico da eucaristia não é uma ceia pascal, pois essa seria repetível uma vez no ano. [...] Jesus não pediu para repetir a ceia pascal, mas sua ação eucarística na ceia (cf. Lc 22,9 / 1Cor 11, 24.25) (TABORDA, 2015, p. 271).

Desta forma, a espécie de refeição seria de uma ceia rememorativa. A Eucaristia é memorial na Ceia. O autor, ao evidenciar o sentido de "memorial", aborda-o no sentido pleno, no sentido bíblico de memória, que consiste em tornar o passado presente como desafio para o futuro, indo além de uma simples recordação mental. Como afirma o autor: "Um memorial que é um 'recordar-se' da parte de Deus e, portanto, renovar a história da salvação" (TABORDA, 2015, p. 271).

O que se encontra no interior desse memorial é a pessoa de Cristo. Não apenas sua morte, mas, a partir dela, toda sua vida confirmada pela ressureição e glorificação. Com esse memorial, Cristo se faz presente com toda sua história, impelindo o cristão à mesma atitude libertadora. E por este memorial de Cristo, "a Ceia Eucarística se torna a refeição quotidiana, em continuidade com as refeições diárias de Jesus com os apóstolos" (TABORDA, 2015, p. 271). Logo, é Ceia Pascal porque é memorial do Mistério Pascal de Cristo.

3.3 Eucaristia como sacramento da Igreja

A Eucaristia nos permite participar do Mistério Pascal de Cristo, pois é o alimento que nos permite crescer a cada dia no Corpo de Cristo Ressuscitado, que é a Igreja. O teólogo, em consonância com a SC 7, afirma: “a presença real eucarística não pode ser vista isolada da presença de Cristo na Igreja e das diversas manifestações dessa presença” (TABORDA, 2015, p. 272).

A presença real de Cristo na Eucaristia deve ser vista em relação à expressão significativa da Eucaristia (refeição festiva do pão e do vinho em memória do Mistério Pascal de Cristo), pois o sacramento causa o que significa. Desta forma, a expressão significativa nos diz algo em relação à presença real de Cristo na Eucaristia. Se vamos falar de “presença”, é necessário primeiro analisar o significado da palavra presença, para depois entender o sentido da presença real e suas consequências para a comunhão sacramental.

O termo presença possui vários significados. Em primeiro lugar, presença *não é mero estar aí*. “Não significa primeiramente a coexistência física de dois corpos em espaços contíguos” (TABORDA, 2015, p. 272). Duas pessoas podem estar próximas uma da outra, mas ao mesmo tempo longe. Presença não é simplesmente um fenômeno físico.

No sentido antropológico, presença “não é estar junto ao outro, mas estar para o outro” (TABORDA, 2015, p. 272). Desse modo, posso estar longe de uma pessoa, porém, o outro se torna presente em mim a partir da recordação, pelo pensamento ou qualquer outra coisa que me leve a lembrar dele.

O significado originário da palavra presença não é simplesmente presença física, mas, sim, a presença do amor, em espírito, na ação. De outro ponto de vista, o corpo não é alheio à presença de alguém. O corpo pode ser entendido, por um lado, como um objeto que pode ser manipulado como qualquer coisa material. Por outro lado, o corpo somos nós mesmos. Tudo o que fazemos é mediado pelo corpo. Assim sendo, “o corpo é no ser humano uma relação pessoal a este mundo, expressiva do ser humano enquanto todo ser humano é sujeito” (TABORDA, 2015, p. 273).

Após abordar e conceituar a “presença” e o “corpo”, é possível compreender o que significa dizer que a Igreja é o corpo de Cristo, sacramento da presença do Senhor.

> Na celebração eucarística a visibilidade da Igreja, como comunidade rememorativa, atinge seu ponto máximo, pois o central da celebração é a memória (no sentido bíblico) de Cristo com aquilo que em sua vida é o

> mais central (o mistério pascal) e num gesto típico de Jesus (a partilha do pão como expressão da presença do Reino e assim como expressão da própria doação de Jesus aos seres humanos). E tudo isso numa celebração que é ação de graças (=eucaristia), proclamando que o ser Igreja é totalmente dom de Deus (TABORDA, 2015, p. 274).

No centro desta expressão significativa da Eucaristia estão o pão e o vinho. Sobre eles se fixa a memória de Cristo, de suas refeições e de sua morte e ressureição. Pela força da palavra e pela ação do Espírito Santo, o pão e o vinho se tornam a presença do Ressuscitado na Igreja. O pão é o corpo de Cristo, o vinho o seu sangue. “Na Eucaristia Cristo antecipa sobre o pão e o vinho a conversão do universo na verdade do seu corpo” (TABORDA, 2015, p. 275). Podemos afirmar assim que a Eucaristia é presença sacramental de Cristo e antecipação sacramental do mundo.

A Igreja é corpo de Cristo, pois, através dela e pela ação de Cristo na mesma, ela se torna meio de expressão do Ressuscitado. Todavia, Cristo se oferece a nós na materialidade sacramental de um alimento. Quem não se alimenta da materialidade não se alimenta da materialidade sacramental. Mas a materialidade sacramental não adianta de nada se falta o Espírito e se o cristão não vive o testemunho do seguimento de Cristo. Desse modo, a presença eucarística é maior que a Igreja, esta é sua servidora. Torna-se uma dimensão intrínseca da ressureição. Contudo, por ser santa e pecadora, é corpo de Cristo em diferença.

Partindo para a presença real e a comunhão espiritual, Taborda afirma que a presença de Cristo na Eucaristia, realizada por meio da Igreja, exige de cada membro da comunidade uma vida voltada para o seguimento de Cristo, além de reconhecer primeiramente a presença de Cristo no pobre. De outro modo, o pressuposto necessário para receber Cristo na Eucaristia é viver no seguimento de Jesus: “A comunhão sacramental supõe a comunhão espiritual” (TABORDA, 2015, p. 276).

Tomando novamente a expressão significativa da Eucaristia, o autor assegura que se pode entender a Eucaristia como sacrifício sacramental. Vale destacar que sacrifício, no Cristianismo, é a própria vida no seguimento de Jesus (Cf. Rm 12,1), como também a vida de Cristo, enquanto vida entregue ao Pai e a todos os homens.

A Eucaristia é sacrifício “por ser memorial do Mistério Pascal de Cristo numa refeição em que Cristo se expressa a partir do pão e do vinho” (TABORDA, 2015, p. 277). Taborda busca interpretar a Eucaristia como sacrifício no Novo Testamento e destaca que o Novo Testamento usa, mesmo que de forma implícita, a categoria sacrifício também para a Eucaristia. Tal afirmativa é justificada a partir dos dois relatos da

instituição da Eucaristia, um de tradição paulina (certificado por Lucas e Paulo) e outro de tradição marcana (certificado por Marcos e Mateus).

Taborda atesta que “a tradição paulina apresenta a Eucaristia como realização da nova aliança” (TABORDA, 2015, p. 277). A nova aliança aqui apresentada tem um sentido diferente da aliança do Antigo Testamento, não é concebida como culto ou baseada em atos cultuais, mas sim como graça, pura ação de Deus. Já a “tradição marcana transmite a palavra sobre o cálice em terminologia sacrifical. O sangue de Cristo é “sangue da aliança” (TABORDA, 2015, p. 277). Contudo, em ambas as tradições é o pensamento do servo do Senhor que dá a vida “pelos muitos”, “pela multidão”. Nesta teologia do servo Senhor, surgida no exílio, o povo da aliança irá descobrir o valor sacrificial no próprio sofrimento do povo. A vida sofrida do Servo é a aliança com o Deus. Se na instituição da Eucaristia o Cristo é o Servo, significa que o verdadeiro culto não consiste em ritos, mas na doação aos seres humanos e a Deus(Cf. TABORDA, 2015, p. 277).

> Para entender corretamente a eucaristia como sacrifício, é preciso entendê-la ao mesmo tempo como antissacrifício e, portanto, que não oferecemos a Deus nada que não tenhamos recebido e que só podemos oferecer a Deus nossa vida, nossa liberdade, como resposta de ação de graças (TABORDA, 2015, p. 278).

Para que seja possível entender os diversos aspectos da Eucaristia como sacrifício é necessário que nossa vida seja sacrifício. A partir daí poderemos participar em verdade do sacrifício de Jesus. O autor afirma que a Eucaristia é sacrifício sacramental no sentido de recordação, num gesto simbólico daquele mesmo sacrifício, e não como um novo ato sacrifical. Cristo pode se fazer presente de diversos modos, e a presença na Eucaristia é um dos diversos modos que Cristo se torna presente. Podemos nos perguntar: por que este modo de presença é chamado sacrifício? “Porque essa presença de Cristo se faz por meio da expressão significativa de uma refeição de pão e vinho. Refeição como tal expressa já doação de vida” (TABORDA, 2015, p. 279).

O sacrifício espiritual é um aspecto essencial da Eucaristia. É o sacrifício no Espírito Santo. Na liturgia romana essa dimensão é expressa, primeiro, antes da narração da instituição, quando se pede que o Espírito venha sobre as oblatas; segundo, depois do relato institucional, quando se pede que o Espírito transforme a comunidade. O autor cita o cardeal Ratzinger, afirmando que a meta suprema da Eucaristia é a transformação dos seres humanos viventes no corpo de Cristo, e não apenas a transformação dos dons (Cf. TABORDA, 2015, p. 280-281).

A perspectiva eclesiológica do sacrifício é consequência da Eucaristia como sacrifício espiritual porque, só incorporados a Cristo, como viventes no corpo do Ressuscitado, é que teremos acesso ao Pai. Taborda menciona Agostinho: “Eis o sacrifício dos cristãos: de muitos fazer-se um corpo eclesial” (TABORDA, 2015, p. 281).

Como sacrifício eclesial, a Eucaristia é fundamentalmente sacrifício de ação de graças: nosso acesso a Deus é um dom de Deus por Cristo no Espírito. Entende-se ação de graças como ato de reconhecer a Deus como Deus, tudo vem dele, colocando-o como único absoluto, e isto é o Reino de Deus, que a vontade de Deus seja o valor primeiro e absoluto.

Reconhecer Deus como Deus é reconhecer o ser humano como irmão. Desta forma, viver de ação de graças é viver a solidariedade encarnada com o pobre, aquele sujeito esmagado pela divisão, partindo do reconhecimento de que todos os outros são irmãos, começando pelo reconhecimento do pobre, como sujeito com direitos, sendo o verdadeiro sacrifício a vida em prol do Reino em união com Cristo. Logo, o contrário da ação de graças é a acumulação. A expressão significativa da ação de graças e do reconhecimento de Deus como Deus é “uma refeição fraterna e festiva, em que o pão partilhado da igualdade é regado pelo vinho da alegria de sermos e vivermos como irmãos” (TABORDA, 2015, p. 282). É um desapego total de si, tudo é de Deus e, portanto, dos irmãos (primeiramente dos mais despojados).

Por fim, Taborda expõe a Eucaristia não apenas como sacrifício de louvor (ação de graças), mas também como sacrifício propiciatório (restaurador), como consequência exatamente do sacrifício de louvor. Quando o ser humano se dispõe a viver em ação de graças (de forma concreta, consiste na solidariedade com o pobre) ele se restaura em sua humanidade.

Assim, a Eucaristia “tem uma dimensão propiciatória que não consiste na proteção contra a vingança de um Deus justiceiro, mas na instauração ou restauração do ser humano, tirado da alienação em que vivia e recuperado em sua existência” (TABORDA, 2015, p. 283-284).

Contudo, a Eucaristia é sacrifício como sacramento. De modo que, como sacramento, a Eucaristia é memorial do Mistério Pascal de Cristo no gesto simbólico da refeição fraterna e celebração da vida da Igreja como comunidade de fiéis que creem no Ressuscitado, tornando-se sacrifício através da doação da vida pelos irmãos no seguimento de Jesus.

CAPÍTULO II

CENTRALIDADE DOS POBRES NA VIDA E MISSÃO DA IGREJA

No capítulo anterior tratamos da relação entre a Igreja e o sacramento da Eucaristia. Agora, vamos tratar da relação entre os pobres e a Igreja, pois é um eixo central de reflexão na teologia de Francisco Taborda. Esta temática se torna essencial no conjunto de sua obra. Para ele, pôr-se ao lado dos pobres é uma atitude evangélica, e a Igreja tem a missão de levar o Evangelho do Reino aos pequenos.

Este capítulo é dividido em dois tópicos: Jesus e os pobres e a Igreja e os pobres. Ele tem como objetivo mostrar a centralidade dos pobres na vida e missão da Igreja; demonstrar a importância dos pobres na salvação anunciada com a chegada do reinado de Deus e como essa questão foi compreendida e formulada na Igreja latino- -americana em termos de opção preferencial pelos pobres.

1 Jesus e os pobres

Há uma estrita relação entre Jesus e os pobres. Jesus nasce numa família judaica e vive como um judeu. Sua família é pobre, como tantas famílias dessa época que são dominadas pelo poder religioso e pelo poder romano. Sua condição social é manifestada na oferta no templo de “um par de rolas ou dois pombinhos” (Lc 2, 24). Sua encarnação se deu no mundo dos pobres e excluídos. O Cristo provém de uma classe sem privilégios, sem riquezas e sem poder. Assumiu a profissão do seu pai, o que o colocava numa classe de profissões periféricas.

Neste ponto, trataremos, sempre a partir da obra de Taborda, da relação entre Jesus e os pobres: o anúncio do reinado de Deus, o reinado de Deus como boa notícia aos pobres e os pobres como critério e medida de salvação.

1.1 O anúncio do reinado de Deus

Neste ponto, iremos elucidar, de forma simples, como a atividade de Jesus se desenvolve numa perspectiva de provocação e ruptura da ordem político-religiosa atuante em sua época. Ele relativiza esta ordem vigente, afirmando que o único absoluto é Deus, *Abbá*, que ama a humanidade concreta e histórica, o Deus do Reino (Cf. TABORDA, 2011, p. 39). Jesus anuncia o Reino de Deus, diferente do reino do império

romano, explorador do povo por meio de impostos absurdos e injustos. E veremos como a obra do teólogo em foco identifica que é, justamente, a pregação do Reino de Deus que comprova o amor incondicional do Pai pelo ser humano e revela o desejo de reinar em meio ao seu povo com justiça, misericórdia e fraternidade.

Taborda afirma de modo claro que "o conteúdo do Evangelho é o próprio Jesus, mas – se é permitido dizer assim – o 'conteúdo' de Jesus é o Reino de Deus" (TABORDA, 2009, p. 76). A missão do Cristo é basicamente fazer irromper na história o Reino do Pai. Ele é, na feliz expressão de Orígenes, *autobasileia, o Reino em pessoa* (Cf. TABORDA, 2009, p. 77). A mensagem fundamental de Jesus, que rodeia toda sua vida, é a presença do Reino de Deus em sua pregação e em suas ações. A expressão *Reino* é tirada de um vocabulário político-social; é a ordem no relacionamento entre os homens. Mas o reino anunciado por Jesus, e presente nas suas ações, não é uma ordem segundo os poderes deste mundo, mas uma ordem segundo Deus e fruto da ação divina. Por se chamar Reino de Deus é uma ordem social em que Deus ocupa o lugar supremo. É a ordem tão esperada pelo povo da aliança, onde reinará a justiça, o direito, a fraternidade (Cf. TABORDA, 1983, p. 44). A riqueza do Reino de Deus e da fraternidade Jesus irradiava no meio dos pobres e queria que todos a encontrassem.

> Jesus prega e realiza já agora esse Reino na imperfeição das condições de um mundo onde impera o pecado que é o oposto do Reino. Ora, em tais circunstâncias concretas, não se constrói o Reino por qualquer declaração voluntarista, fechando os olhos à realidade, mas fazendo o possível em resposta à situação de pecado. Construir o Reino num mundo adverso, porque estruturado no pecado, significará subverter as relações sociais e terá por consequência a oposição ferrenha daqueles que vêem a situação sob outro prisma, o prisma do poder (TABORDA, 1983, p. 44).

Jesus manifesta, realiza e concretiza o Reino em suas ações. Seus ensinamentos e atitudes em conjunto são a mensagem do Reino. Jesus não procura aliar-se com os detentores da riqueza, do poder e do saber para instaurar e anunciar o Reino.

> Na pregação do Reino, os pobres ocupam lugar de centralidade. É uma das evidências do Novo Testamento. Lucas formulou-a de forma taxativa, sem adjetivação: "Felizes vós, que sois pobres, porque o Reino dos céus vos pertence!" (Lc 6,20). Como se não bastasse, virou a bem- -aventurança em mal-aventurança em relação aos ricos: "Mas ai de vós, que sois ricos, porque já tendes o vosso consolo!" (Lc 6,24). Não há muito que especular diante da rudeza das expressões de Lucas, que fala diretamente dos pobres em três condições de pobreza, de fome e de lágrimas. Segundo o exegeta francês J. Dupont, que estudou profundamente as bem-aventuranças, na raiz está a natureza do Reino: a disposição de Deus de exercer seu Reinado em favor dos mais

> deserdados deste mundo. Estamos diante do privilégio do pobre por ser pobre, cujo último fundamento não está nele, mas no amor de Deus com respeito a ele. Mistério da ternura divina, que prefere o pobre na sua condição de pobreza para, aí, mostrar seu Reinado. Atravessa a revelação tal predileção de Deus pelo menor, pelo fraco. Na escolha do povo de Israel para fazer com ele a aliança, manifesta-se já esse traço divino (LIBANIO, 2017, p. 55).

Num contexto de desigualdade e dominação, a busca da fraternidade implica parcialidade pelos pobres e fracos. E é o que Jesus faz, solidário com os marginalizados e não considerados: doentes, pecadores, mulheres, prostitutas, etc., os considerados de segunda e terceira categorias naquela sociedade (Cf. TABORDA, 1983, p. 45).

Segundo Taborda, o conceito de *Reino* possui duas vertentes intimamente unidas: "uma para o lado da história e da sociedade humanas; outra para o lado de Deus" (TABORDA, 2009, p. 77). Na primeira vertente, o Reino é significado de uma nova ordem de coisas, reinando a justiça, a fraternidade, o amor, a igualdade; na segunda vertente, "o Reino é essa nova ordem enquanto fundamentada em Deus" (TABORDA, 2009, p. 77).

> Segundo formulação consagrada, o Reino se realiza já, no agora da história, mas ainda não se manifesta em sua plenitude. Na história se trata de concretizar o Reino sob as condições adversas de um mundo de pecado. Não basta para tanto proclamar os grandes ideais, porque seria cair em abstrações. Urge considerar as condições precisas para criar e viver a igualdade em meio e a partir da desigualdade deste mundo velho. E, com a igualdade, viver também a justiça, o amor, a fraternidade e todos os valores do Reino (TABORDA, 2009, p.77).

Os valores do Reino são mostrados com a prática e preferência de Jesus pelos pobres. "Privilegiar os pobres é a maneira concreta e histórica de refazer o equilíbrio do projeto de Deus num mundo que o destroçou" (TABORDA, 2009, p. 77). Taborda indica que nos evangelhos se encontra, bastante repetida, a expressão de condição da realização histórica do Reino: "os primeiros serão os últimos, e os últimos, os primeiros" (Cf. Mt 19,30; 20,16; Mc 10,31; Lc 13, 30). O restabelecimento do equilíbrio fraterno se dará na medida em que os não considerados irmãos, os excluídos, ocuparem o primeiro lugar (Cf. TABORDA, 2009, p.77).

O Reino de Deus pertence ao pobre. Mas essa prioridade do pobre não encontra sua razão de ser no pobre por ser melhor que o não pobre. O Evangelho deixaria de ser graça e se tornaria uma corrida ao mérito. A razão do Reino ser dos pobres é porque são injustiçados e são os últimos que precisam ocupar o primeiro lugar restabelecendo a harmonia (Cf. TABORDA, 2009, p.77). Pensar em Reino de Deus é pensar nos pobres e

em como conduzi-los ao primeiro lugar, libertando-os de sua condição de pobreza. Taborda deixa claro o que seja o pobre:

> Trata-se, é óbvio, dos pobres reais, econômica e socialmente pobres, pois eles são os excluídos, tratados como não irmãos no mundo radicado no pecado e na injustiça. Derivadamente, o Reino dos "pobres com Espírito", dos que, sem ser pobres no plano econômico, abraçam a causa do Reino e buscam na solidariedade com os últimos a realização do "sonho" de Deus (TABORDA, 2009, p.77).

O Reino é de Deus, pois ele se revela como pai que está do lado dos oprimidos: "Pai dos órfãos, justiceiro das viúvas, tal é Deus em sua morada santa" (Sl 68,6). Se Deus é Pai, seus filhos são irmãos. O seu reinado não pode ficar somente da boca para fora. A fraternidade deve ser uma prática de seus filhos e se tornar história (Cf. TABORDA, 2009, p.78).

O Pai se aproxima e desponta na vida de uma pessoa para criar algo novo e dar vida plena. Neste aspecto, Taborda observa, em sua obra clássica, *Sacramentos*, *práxis e festa*, que os contextos do Antigo e do Novo Testamento são bastante próximos do contexto da América Latina. Deus se aproxima e se encontra com e nos pobres, nos quais é reconhecido o rosto do Cristo que sofre. A vida nova criada por Deus na vida dos homens é reconhecida na práxis histórica do Senhor que faz surgir uma nova sociedade, em que se antecipa e se faz presente o Reino de Deus. O ser humano corre o risco de se acomodar na vida, pois seria mais fácil seguir o mesmo caminho: "O ser humano é um ser de hábitos" (TABORDA, 1987, p. 104). Mas, quando Deus irrompe na vida, Ele, de certo ponto, "bagunça" nosso comodismo trazendo novos horizontes que entram em confronto com estruturas antigas (Cf. TABORDA, 1987, p. 104). Veremos como Taborda observa, nas etapas da história da salvação, um Deus que se manifesta de forma concreta:

> Deus se manifesta na vida de Abraão, chamando-o à aventura de deixar sua terra em busca do desconhecido. Sob a proteção de Deus, Abraão peregrina numa terra que não é sua. Sua segurança não é o que sempre foi, o conhecido, mas esse Deus que desafia e desinstala. [...]
> A revelação de Deus, como o único, o Senhor da história e de todos os povos, fora do qual não há deus (monoteísmo absoluto), se dá também através de uma experiência histórica de desinstalação.
> [...] A história não é mudada "automaticamente", mas entregue ao povo por Javé, o Deus que desinstala, oferecendo novos *kairói*. Deus é reconhecido o Senhor da História por aqueles que aproveitam o *Kairós* e se deixam desinstalar.
> A experiência do Deus revelado é uma experiência histórica, não só no sentido de que se dá na história, considerada esta como o palco em que Deus aparece, mas no sentido de que se dá através da história, como

> criação de história por parte dos que o experienciam. E por isso mesmo significa desinstalação, risco, cria tensões. A fé em Deus, a busca de sua vontade não nos protege dos acontecimentos históricos, senão que nos remete a eles. É também o que se mostra na revelação plena de Deus em Jesus Cristo.
> Também Cristo revela o Pai, o Deus do Reino, como Deus que desinstala: aceitá-lo é tomar o partido do fraco, do oprimido. (TABORDA, 1987, p. 104-106).

Desta forma, o teólogo deixa claro que o sentido do Reino de Deus se encaixa na realidade histórica de seus destinatários. E é em Jesus, na sua práxis histórica, que é manifestada toda a solidariedade de Deus com as dificuldades e os problemas humanos e se torna evidente sua predileção pelos menores. Sua práxis torna presente o Reinado de Deus como grande boa nova aos pobres e revela o desejo divino de transformar a realidade.

> Jesus é alguém profundamente relacionado com as esperanças e aspirações de seu povo. Ele se liga ao anúncio do Reino e a partir de sua prática solidária, fraterna, apresenta o projeto do Reino intimamente ligado à promessa de Deus do Antigo Testamento. Jesus é a encarnação histórica do Deus do êxodo: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu clamor por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” (Ex 3,7-8) (FERRARO, 1984).

A conduta e prática desmascaram a perversão da Lei e expressam o verdadeiro sentido da Lei. A pregação de Jesus é insistente num compromisso com o homem, em especial o carente. “Jesus percorria todas as cidades e povoados ensinando em suas sinagogas e pregando o Evangelho do Reino, enquanto curava toda sorte de doenças e enfermidades” (Mt 9, 35). Deste modo, o Reino de Deus aparece como anúncio da intervenção divina na história para trazer libertação aos oprimidos e como convite que o próprio Deus faz, em especial aos pobres, para participar dessa nossa ordem.

Pensar no anúncio do Reino de Deus é também entender como ele é fonte de esperança para aqueles que já a perderam. Nas palavras de Ferraro,

> Jesus se dirige à classe pobre, aos “Am-Ha-Ares”, o “povo da terra”, os “humildes da terra”. Sua mensagem de salvação-libertação é para os pobres, doentes, prostitutas e possessos. Sua pregação visa sobretudo a massa marginalizada do processo de produção e o proletariado rural e urbano espoliado e explorado em seu trabalho. Recruta seus discípulos da faixa da classe baixa que superou a situação de miséria absoluta. Cria seu projeto a partir dos trabalhadores de seu tempo. Denuncia a miséria das grandes massas como fruto da exploração dos grandes, e exige dos membros das classes dominantes que o procuram a “conversão”, a

> ruptura com sua classe e uma prática diferente que demonstre efetivamente a mudança de posição social (cf. Mc 10,17-27; Lc 19,1-10) (FERRARO, 1984).

É necessário entender que este anúncio é baseado numa visão da realidade feita por Jesus (Cf. Mt 9, 35-36): constata a falta de vida plena para os pobres e compreende que isso é causa do pecado que rompe a amizade com Deus e destrói a fraternidade. E este pecado está bem situado na exploração dos pobres por meio de um sistema de dominação e manipulação da Lei.

Enfim, a vida de Jesus e o conteúdo do seu Evangelho estão centrados no anúncio e na realização do reinado de Deus. Isso custará sua própria vida. E sua ressurreição é a confirmação de sua vida e missão por parte de Deus.

O Reino anunciado é o próprio Deus que se aproxima do homem, não por mérito da humanidade, mas por sua bondade e misericórdia. Deus, em Cristo, recria a humanidade para o reino. Não existirá nova criação se ela não se renovar nas relações entre as pessoas e na sociedade. Uma fé sem justiça não é fé, porque quem permanece egoísta na autodefesa de si mesmo diante dos outros, temendo que os outros o possam destruir, não vai construir a sua vida sobre o fundamento de Deus, mas sobre um projeto egoísta (Cf. TABORDA, 2009, p. 78).

1. 2 O reinado de Deus como boa notícia aos pobres

Cristo Jesus, em seu ministério público, se apresenta como portador de uma boa notícia: o Reino de Deus irromperá aos homens. Sendo o arauto desta boa notícia, Jesus não fala de Deus em si, mas de como Deus se relaciona com os homens. Esta relação abarca a transformação radical e plena da humanidade, das relações dos homens entre si, pois Deus quer estabelecer seu reino, sua soberania entre os homens. O “Reino de Deus é a relação entre os homens que se estabelece, quando Deus é determinante na vida dos homens, quando só Deus é absoluto na vida dos homens” (TABORDA, 1984, p. 161). O jeito que os homens se relacionam entre si é reflexo do relacionamento com Deus (Cf. TABORDA, 1984, p. 161).

Taborda observa a parábola do tesouro escondido e da pérola preciosa (Cf. Mt 13, 44-46) como a maior expressão da condição do homem frente a Deus. A vontade de Deus, que se apresenta na vida dos homens, leva a deixar tudo e abraçar o desejo de Deus. E a vontade de Deus resumida na vida de Jesus é que Deus é Pai. A revelação divina não é algo meramente no plano metafisico, mas se encontra no plano dos

relacionamentos, ele é Pai. Sendo Pai, os homens são irmãos. Quando Deus é absoluto na vida dos homens, a relação entre os homens é de fraternidade (Cf. TABORDA, 1984, p. 161-162).

A ação de Jesus mostra que a relação do homem com Deus – filiação – e a relação dos homens entre si – fraternidade – se exprimem no concreto histórico. É necessário ao homem aprender a viver o Reino e sentir-se filho, mesmo nos embates dos acontecimentos históricos, ter o Pai como absoluto na vida (Cf. TABORDA, 1984, p. 162).

A vida de Jesus foi toda voltada para o Reino de Deus, que "se constrói num mundo dividido a partir dos que estão por baixo, [...] dos injustiçados, pois, quando estes começam a experimentar justiça, fraternidade, aí começa a realizar-se o Reino de Deus" (TABORDA, 2015, p. 258).

Considerando o sermão das bem-aventuranças, nele consta uma ideia de Deus e de Homem, que serve para ver como o pobre está inserido no plano divino. As bem- -aventuranças não são para demonstrar como o homem pode ser ético no mundo e como ele deve seguir a Cristo. Elas são, em primeiro lugar, falas sobre Deus e "só derivadamente sobre o homem" (TABORDA, 1983, p. 50). Revelam a característica fundamental de Deus: amor gratuito. A declaração da felicidade dos pobres não acontece pelo sofrimento da vida; são felizes porque para eles é destinado o Reino; os pobres serão os primeiros que terão vantagens com o estabelecimento do Reino (Cf. TABORDA, 1983, p. 50). Sabendo que o Reino é a relação dos homens de forma fraternal, segundo o direito e a justiça, os excluídos que não fazem esta experiência no presente serão os primeiros a notar e a gozar da nova ordem estabelecida pelo Reino.

> Deus ama o pobre em primeiro lugar, porque "não faz distinção entre as pessoas". Amando a todos gratuitamente, ama preferencialmente os menos amados, aqueles a quem a malícia humana e o pecado fazem sofrer. Com isso se manifesta como o Deus dos pobres, por ser o Deus da Graça (TABORDA, 1983, p. 50).

No Reino de Deus a prioridade é o pobre. Tirar a centralidade do pobre do Reino de Deus resultará em uma opressão religiosa e afastará o seguimento de Jesus Cristo. No conteúdo das bem-aventuranças nos é mostrado o caminho de acolhida, da alegria, da generosidade, da liberdade, da capacidade interior que Deus nos oferece para fazer parte do seu povo e, dessa maneira, viver a Lei do Amor.

No tempo de Jesus, os pobres são os que viviam em situação de desigualdade, pessoas simples que careciam dos bens necessários para viver e ocupavam uma posição não agradável. Havia uma variedade de grupos de pobres que eram excluídos

na sociedade de Israel: as crianças, apesar de serem vistas como bênção de Deus, só passavam a ser respeitadas quando entravam na fase adulta; os doentes, formados pelo grupo dos cegos, dos surdos, dos aleijados, dos paralíticos e dos mudos se encontravam numa situação de verdadeira limitação e penúria, agravada pela pobreza; os leprosos tinham situação ainda pior; os endemoninhados ou possessos também faziam parte do grupo dos doentes; o grupo de impuros era formado pelas prostitutas, pelas adúlteras, pelos cobradores de impostos, os que não conheciam a Lei. Estes grupos formavam uma multidão explorada por outros. Os pobres, por sua condição social, não conseguiam praticar a Lei mosaica e ficavam a margem da sociedade teocrática daquele tempo (Cf. TABORDA, 1983, p. 45). Cabe, ainda, mostrar uma última categoria excluída de Israel, as mulheres:

> As mulheres eram seres de segunda categoria, a quem um rabi que se prezasse, não dirigia a palavra em público, muito menos admitia ser acompanhado e sustentado por elas (Cf. Lc 8,1-3). Por duas coisas se aconselhava a que um bom judeu desse graças todos os dias: por não ser pagão e por não ser mulher. As prostitutas são a categoria ainda hoje existente e ainda hoje desprezada, de forma que não há necessidade de explicação (TABORDA, 1983, p. 45).

Diante destes grupos de excluídos, a classe religiosa revelava total falta de preocupação. Os líderes religiosos foram descritos como “amantes do dinheiro” que “devoravam as casas das viúvas” e que estavam mais interessados em guardar suas tradições do que em cuidar dos idosos e dos necessitados (Cf. Lc 16,14; 20,47). É interessante notar que na parábola do bom samaritano, Jesus disse que um sacerdote e um levita, ao verem um homem ferido, passaram pelo lado oposto da estrada, em vez de parar e ajudá-lo (Cf. Lc 10,30-37).

Jesus é, constantemente, em sua vida, sitiado por essas pessoas marginalizadas. Ele buscava acolhê-las e era solidário com elas (Cf. Lc 15,1-2). O específico de Jesus é que se solidariza com os pobres, relaciona-se com os desprezados, revoga a lei pesada, cura enfermos no sábado, expulsa os vendilhões do templo e faz tudo em nome de Deus (Cf. TABORDA, 1983, p. 45-46).

> Jesus de Nazaré, um operário proveniente de uma aldeola insignificante e de má fama (Cf. Jo 1,46), da região mais desprezada inculta do país, um pobre perambulando sem profissão, nem sacerdote, nem levita, nem escriba, nem doutor da lei, ao agir nessa liberdade soberana, só pode ser interpretado por seus contemporâneos como um louco (Cf. Mc 3,21), ou mesmo como um possesso do demônio (Cf. Mc 3,22). Se ele o fizesse de fato em nome de Deus (o que os seus inimigos têm certeza de que não faz), estaria mostrando uma imagem de Deus que já não coincidia

> com a que possuíam os escribas, os fariseus, os doutores, os saduceus e os sacerdotes, em uma palavra: as autoridades religiosas de então. Se Jesus só tivesse falado, não teria havido problema. Mas ele agiu, tornando impossível outra interpretação para suas palavras. Não restava dúvida: O Deus que ele vivia, não era o deus vigente. O ideal de homem que ele representava não era o ideal corrente (TABORDA, 1983, p. 46).

Gradualmente, Jesus era acusado por seus inimigos de instigar no povo outro tipo de relacionamento entre os homens a partir de uma nova imagem de Deus. O que incomodava e causava espanto aos poderosos de seu tempo era o anúncio da salvação aos pobres. Isto causou a perseguição a Jesus, uma vez que para a mentalidade dos poderosos, guiada por um sistema de pureza, acreditava-se que o pobre já estava condenado por antecipação pelo fato de não conhecer a Lei (Cf. Jo 7, 49). Na vida de Jesus está em jogo uma nova concepção de Deus, uma nova maneira de interpretar o pobre e a vida. Ele quer dar esperança e entusiasmo aos excluídos. Ele sente em si a dor do abandono e sente pena daqueles que caminham como ovelhas sem pastor (Cf. Mc 6,34). Desta forma, o Cristo lutará por uma libertação dos pequenos:

> Jesus também lutou muito. Lutou para sobreviver, para aprender a ler e interpretar as escrituras. Lutou contra os judeus que impunham ao povo um peso que eles mesmos não suportavam, e contra as leis que escravizavam e discriminavam os pobres. Lutou para que o povo se convertesse e acreditasse no Reino de Deus e no Evangelho. Lutou curando os doentes, alimentando o povo (Mc 6,30-44). Lutou para formar os discípulos, e assim por diante (TABORDA; WENZEL; WERLANG, 1986, p.11).

A luta de Cristo revela a situação de opressão naquela sociedade, coloca a mostra os culpados de toda situação miserável e marginal dos pobres. Responsabiliza as autoridades por tal situação. Sua luta o faz viver e conviver com o pobre, sua morte é partilhando o destino do pobre; privação da vida, vítima da injustiça (Cf. TABORDA, 1983, p. 46).

Para Taborda, a causa da morte de Jesus é dupla, conforme cada um dos tribunais que o levou a condenação. O tribunal judaico o condena por ser blasfemo; o tribunal romano o acusa de subversivo. Perante estes dois tribunais se levantam duas questões não percebidas de imediato; quem é Deus? Quem é o homem? (Cf. TABORDA, 1983, p. 46).

A blasfêmia é quando alguém insulta profanando o nome de Deus, difamando e inventando mentiras sobre Deus. Por consequência, é um conceito relativo à concepção de Deus que se tem. Para os religiosos do tempo de Jesus, Deus era o Deus da lei. Esta

lei tinha sentido em si e não dava importância à vida do homem. Estes religiosos, contemporâneos de Jesus, interpretavam e deturpavam a revelação de Javé de um modo que ficasse confortável ao seu sistema. Era uma concepção de Deus em que seu senhorio se dava numa ordem eterna e imutável. Ao homem cabia apenas ser uma marionete nesta ordem. Abertamente, o sistema religioso do tempo de Jesus conhecia outros atributos de Deus, porém a ideia básica sobre Deus era o "Deus da lei" (Cf. TABORDA, 1983, p. 47).

Em relação à concepção de Deus, em sua época, Jesus se tornou um blasfemo. Ele, diante da lei, mostrava uma liberdade soberana que visava o bem-estar do homem. "O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado" (Mc 2, 27). O sistema religioso desta época tinha escravizado os homens ao sábado. O que Jesus faz é buscar o sentido original que revela um Deus que está atento ao bem do homem (Cf. TABORDA, 1983, p. 47).

O grupo de saduceus que compunham o tribunal que condenou Jesus era aliado ao poder e à cultura romana, tinha a ideia de que era Deus quem garantia o sistema teocrático judaico sustentado pelo império. Tudo que ameaçasse seu poder, riqueza e autonomia no governo era considerado blasfemo, pois questionava a autoridade de Deus. Aqui também se encontra a questão de Deus. Um Deus que se resume no poder e nas posses. A pregação de Jesus sobre o Reino que ele realizava em obras e palavras abalava a estrutura de poder. Se os pobres são os prediletos de Deus, então os saduceus não podiam conservar a sua dominação. Questionando o poder desse grupo, Jesus se torna blasfemo. Estamos diante de uma luta entre o *Deus-poder* dos saduceus e o *Deus-amor* de Jesus (Cf. TABORDA, 1983, p. 47).

Taborda, de forma brilhante, resume e demonstra toda questão de Jesus com a classe religiosa de seu tempo:

> Será importante notar que tanto fariseus como saduceus e como o próprio Jesus queriam referir-se em seu discurso sobre Deus ao mesmo Javé, cujo nome nem sequer era pronunciado em sinal de respeito e adoração. E, no entanto, têm deuses diferentes. É na linguagem não- -verbal que se manifesta quem é de fato o deus que adoram. A linguagem verbal, no caso dos fariseus e saduceus, só serve para encobrir a sua idolatria, embora eles próprios estejam absolutamente convictos de falarem do Deus de Abraão, de Moisés e dos profetas, e não só de falarem dele, mas de falarem *em nome* dele, com sua autoridade. Exemplo transparente do que seja linguagem verbal e não- -verbal e da importância decisiva da segunda, como critério para julgar a primeira (TABORDA, 1983, p. 48).

A sentença de Jesus diante do tribunal romano é por subversão. Podemos cair no erro de pensar que não tem uma ideia da imagem de Deus e de homem. Porém, o império se expressava de forma religiosa com os deuses romanos e com a ideia de que o próprio imperador era um deus. Jesus não organiza uma rebelião contra o império, mas a sentença de Pilatos, incentivado pelos inimigos de Jesus, de certa forma, estava correta, pois Jesus põe em confronto a ideia de deus-poder que "esmaga certos homens em benefícios de outros" (TABORDA, 1983, p. 48), como também a ideia de homem em que uns são valorizados e outros podem até ser exterminados em favor destes dominantes (Cf. TABORDA, 1983, p. 48).

A convicção na sua concepção de Deus e de homem conduzirá Jesus ao calvário (Cf. TABORDA, 1983, p. 48). Sua morte o faz participar do destino dos quais sua vida e anúncio se dedicaram a mostrar a predileção divina, os pobres, cuja vida, aos olhos dos poderosos, não valia nada.

Taborda mostra como a ressureição de Jesus faz uma revisão na sentença injusta dos homens e que esta revisão pela ressureição mostra quem é Jesus e, através dele, quem é Deus e quem é o homem:

> Mas acima do tribunal dos homens está o de Deus. A ressurreição é a revisão da sentença dos homens por parte de Deus. Ressuscitando a Jesus, Deus declara que ele, Jesus, sim é que viveu da forma que vale a pena viver. Viver como Jesus – tal é o veredito expresso por Deus na ressurreição – é viver na história a plenitude da vida. Ele falava e agia em nome de Deus. Agir em nome de Deus não é meramente encher a boca com a palavra Deus ou adornar-se com insígnias religiosas. Agir em nome de Deus é assumir a causa do pobre. Quem age assim, merece viver e viver em plenitude. A sentença dos homens foi anulada. Jesus tinha razão. Fizera Deus presente, antecipara o Reino, vivera o homem novo sob as condições adversas de um mundo envelhecido pelo egoísmo e pela divisão (TABORDA, 1983, p. 49).

Cabe-nos, no próximo ponto, analisar como Jesus anunciou o Reino de Deus no meio dos homens e como a vida, morte e ressurreição de Jesus, como já vimos neste tópico, mostram uma imagem de Deus que se revela assumindo a causa do pobre.

1.3 Os pobres como critério e medida de salvação

Cristo está presente na Igreja, mas também em outros âmbitos da realidade. A Igreja faz memória do Ressuscitado como desafio para a fidelidade. Ela medeia a presença de Cristo no mundo. Na Igreja, Cristo se faz presente pelo seguimento, pela Palavra e pelo sacramento e, nestas manifestações, a Igreja está subordinada a Cristo.

Mas, afirma Taborda, tomando como referência Mt 25, 40, “Cristo tem uma presença entre nós que é, de certa forma, “anterior” à presença na Igreja e é capaz de conferir a verdade da presença da Igreja: é a presença de Cristo no pobre” (TABORDA, 2015, p. 260).

A afirmação de Jesus, embutida como uma pérola, nesta página do evangelho de Mateus sobre o juízo final, é uma síntese que nos apresenta toda a mensagem do Evangelho, apresentando o que ele afirma sobre o homem e o que espera dele. O Cristo esperado “por todos os povos” se encarnou, fazendo-se pobre e salva a humanidade malsucedida e desgastada pelo pecado. Ele assume o preço da purificação. No final dos tempos, ele mesmo voltará como rei-juiz e reunirá todos os homens.

O Juiz divino dirá algo que surpreenderá a todos: “Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (Mt 25, 35-36). Por isso ele explica: “Em verdade eu vos digo: o que fizestes a um dos menores destes meus irmãos a mim o fizestes”. Em conformidade com esta descrição, consequentemente, só no último juízo será possível saber que cada homem era irmão de Cristo, observando que todo gesto de amor era feito ou negado a Cristo.

Jesus não escondeu esta verdade até o final dos tempos. Longe disso, para que ela fosse considerada em todo o seu valor, em toda a sua importância, ele a revelou justamente no contexto irreversível de sua missão. Podemos nos perguntar quem são as pessoas a quem Jesus chama de “meus irmãos mais pequeninos”. O contexto em que Jesus usa esta sentença é universal: refere-se a um julgamento para o qual são chamados todos os homens, sem diferenciação. Por isso, aquela expressão não indica só os cristãos, não diz respeito apenas a eles, mas a qualquer homem que esteja passando necessidade ou vivendo em dificuldades. Este discurso do juízo final fala de quem tem fome ou sede, de quem precisa de roupas ou de moradia, do doente, do encarcerado, mas não é difícil estender a lista a milhões de indigentes e de sofredores que no mundo imploram, mesmo sem palavras, a ajuda. São os pobres. São estes que Jesus chama de irmãos e com ele é, misteriosamente, solidário.

Este evangelho traz uma grande surpresa ainda não vista. Claro que no Antigo Testamento Deus se declara particularmente do lado do pobre, porém jamais diz que se identifica com ele. Esta é a grande novidade que acontece com Jesus, o “Deus conosco”. A identificação de Cristo com o pobre é um dos aspectos mais sublimes e novos da mensagem evangélica. De fato, ao encarnar-se, o filho de Deus, “de rico que era se tornou pobre” (2 Cor 8, 9). E veio para servir, não para ser servido (Cf. Mt 20, 28); tanto

é que curou doentes, aliviou sofredores, esteve com marginalizados, não por alguma qualidade moral ou espiritual que eles pudessem ter, mas só por amor.

Taborda, identificando esta presença de Cristo no pobre, afirma que esta presença é o que atesta como verdadeira a presença de Cristo na Igreja. A presença de Cristo no pobre, “esta é ‘primeira’, anterior à fé e à pregação”(TABORDA, 2015, p. 260). Ele mostra que alguém pode estar fechado à presença de Cristo na Igreja, mas não poderá escapar da presença no pobre (Cf. TABORDA, 2015, p. 260).

Partindo dessa afirmação, Taborda, consequentemente, mostra que a presença de Cristo no pobre é tão objetiva quanto o próprio pobre. O julgamento final não será apenas para os cristãos, mas para “todas as nações”, que não conhecem a Jesus. Este trecho é uma descrição do juízo final e seu critério. O que impressiona é a “surpresa” tanto dos justos como dos injustos em relação ao critério para receber a salvação.

A fraternidade, que era a práxis de Jesus enquanto Filho, era indistintamente aberta a todos, mas a sua predileção era por quem mais tinha urgência, chegando até a extrema consequência da sua morte na cruz por todos pecadores, necessitados de perdão. Ele está presente de modo especial em quem sofre, em quem passa necessidade. E, no fim dos tempos, usará como critério de julgamento para todos os homens o comportamento que tiveram com os pobres e os necessitados, que ele considera “seus irmãos”. Sendo assim, tudo aquilo que se faz ao pobre é feito a Jesus e tem um valor eterno.

> Para construir o Reino os mais importantes são os últimos, os insignificantes, os menores. Onde há desigualdade, não se vive como irmão. Para fazer aí uma vida de irmão, é preciso começar dando importância aos que são desprezados. Por isso cuidar do doente é um sinal da presença do Reino. E, se a gente mostra carinho e amor por ele, isso o reanima, mesmo que não o cure. Ajuda a que ele vença o desânimo que a doença traz (TABORDA; WENZEL; WERLANG, 1986, p. 56).

A práxis cristã é reconhecer Jesus em todos aqueles que passam ao lado. É superar toda velha discriminação entre rico e pobre, culto e ignorante, simpático e antipático, velho e jovem, feio e bonito, e cuidar de cada próximo como realmente trataria Jesus.

> Reconhecer a presença de Cristo no pobre traz como consequência que a Igreja deve tratar de identificar-se com o pobre, solidarizar-se com ele, assumir sua causa (dar de comer, de beber, vestir, visitar...); em outras palavras: ser a igreja dos pobres (TABORDA, 2015, p. 260-261).

Entre a Igreja e os pobres existe uma solidariedade mútua: Os pobres dão à Igreja a verdade da presença do Senhor, a prova messiânica de sua missão de acudir o pobre e a veracidade de sua eclesialidade; a Igreja dá aos pobres o anúncio da boa nova do Reino, o conhecimento do Deus verdadeiro e Jesus Cristo (Cf. TABORDA, 2015, p. 261). Contudo, o critério para ganhar a salvação consiste em reconhecer nos pobres a presença de Cristo, como consequência, solidarizar-se com eles, viver a fraternidade com eles, identificar-se com eles.

2 A Igreja e os pobres

O propósito deste tópico é mostrar que o compromisso com os pobres faz parte da natureza ou da essência da Igreja. Se não se pode pensar a Igreja sem Jesus nem Jesus sem os pobres, não se pode pensar a Igreja sem os pobres.

Esta reflexão se divide em três pontos: o primeiro mostrará como a Igreja continua a missão do Cristo; o segundo, como a Igreja é Sacramento histórico de salvação; e o terceiro, como a opção pelos pobres é constitutiva da identidade e da missão da Igreja.

2.1 Missão de Jesus – missão da Igreja

Um aspecto fundamental abordado por Taborda é que “A Igreja nasce do Evangelho e tem por missão transmitir o Evangelho” (TABORDA, 2009, p. 226). O Evangelho é uma mensagem que tem uma exigência muito séria para a nossa vida. Ele exige de nós uma coerência de vida, quer que nossa prática esteja de acordo com a prática de Cristo.

O fundamento evangélico da Igreja e sua missão de transmissão do Evangelho condicionam a Igreja que não existe para si. Sua existência só tem sentido para o mundo em vista do Reino. Ela não pode ser autorreferencial. Nela não pode haver algo de interesse meramente interno, sem referência à missão. A Igreja tem no mundo uma missão profética de anunciar o Reino.

A fidelidade da Igreja à sua missão consiste na prática da missão de Cristo. Agir como ele agiu: na solidariedade com o pobre. Onde isso acontece se manifesta a presença de Cristo. Qualquer ato que não tenha base nessa solidariedade, torna-se uma atitude ilusória.

Partindo desta mútua solidariedade, a Igreja é solidária com os pobres e recebe deles a verdade da presença de Cristo. Por outro lado, os pobres recebem da Igreja a

boa nova do Senhor e dão, a partir da presença de Cristo, a prova messiânica da missão da Igreja, a legitimidade da Igreja que se traduz em auxiliar, amparar o pobre (Cf. TABORDA, 2015, p. 261).

À vista disso, temos a presença de Cristo na Igreja como possibilidade para o reconhecimento da sua presença no pobre. Assim, é possível a Igreja cumprir a sua missão dando a assistência necessária para que estes marginalizados, excluídos recebam a Boa Nova do Reino.

> A missão de Cristo tem seu prolongamento na missão da Igreja que passa a ser descrita como anúncio do mistério pascal no qual nos cabe ser inseridos para participar da salvação que foi proclamada e merecida por Cristo. Mas a missão da Igreja não consiste só num anúncio em termos teóricos de algo que Deus realiza, por outra parte, no íntimo dos corações. Trata-se de levar a efeito, realizar a salvação anunciada, o que acontece na liturgia, em especial nos sacramentos, dos quais a eucaristia e o batismo são os mais importantes. O Concílio emprega aqui o verbo latino exercere, de grande densidade nos textos litúrgicos romanos. Significa que, através daquela ação litúrgica, o que fora anunciado pela Palavra de Deus na primeira parte da celebração se torna agora realidade. Poderia aplicar-se a essa relação entre anúncio e realização do anunciado as palavras de Jesus na sinagoga de Nazaré, segundo a narração lucana: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos esta passagem da Escritura” (Lc 4, 21) (TABORDA, 2013, p. 06).

Torna-se dever da Igreja ter os mesmos sentimentos de Cristo para cumprir com autenticidade a sua missão: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10). A Igreja intercede pelo mundo como quem vem de Deus para dar vida e tem uma função crítica diante do mundo em todos os planos, tanto individual como social e histórico-político, pois o Reino quer realizar-se em todos os âmbitos (Cf. TABORDA, 2009, p. 226). Anunciando o Reino, a Igreja coloca contra a parede toda forma de mediocridade. A força do anúncio da Igreja vem da sua origem, que é o Espírito Santo.

Pelo batismo, somos chamados a participar da missão de Cristo que é o fundamento do Evangelho e do Batismo (Cf. TABORDA, 2009, p. 63). Somos participantes da história de Cristo e de sua prática. Formamos sua Igreja. A Igreja é chamada a construir a comunidade de fé em todos os lugares e situações, exercendo atividades concretas, participando ativamente na realização do Reino. Sobre a missão da Igreja Taborda sintetiza:

> A missão da Igreja, comum a todos os batizados, pode ser definida em três termos: Palavra – Solidariedade – Sacramento. Ou ainda: Pregação – amor (comunhão) – liturgia. Ou: profecia – realeza – sacerdócio. Essas três funções competem a todos os cristãos, são funções do “nós” eclesial (TABORDA, 2009, p. 227).

A missão de Jesus conduz a Igreja a ser uma comunidade que continua o jeito de ser e de se relacionar do seu Mestre, portanto, uma comunidade solidária e fraterna onde há partilha. Assim, “a missão da Igreja é a missão de todo cristão e de cada cristão em particular, pois a Igreja é comunidade fraterna de iguais” (TABORDA, 2009, p. 228).

Como já vimos, a práxis de Cristo coloca em xeque a ordem vigente e a levará à sua condenação. Seu anúncio sobre o Reino indica uma práxis que relativizava tudo que não fosse o Pai. Em razão disso, os fariseus o perseguiram e deram-lhe a sentença de blasfemador (Cf. TABORDA, 2011, p. 37).

A práxis de Cristo eleva a vida humana em dignidade acima das instituições opressoras de seu tempo. Já não há ordem cósmico-político-religiosa absoluta, mas uma ordem nova que atende às necessidades humanas. O que se tem de absoluto agora é o Pai, que ama e acolhe o ser humano histórico (Cf. TABORDA, 2011, p. 37). Tudo isso é determinante da compreensão e do exercício da missão cristã. Basta ver como isso repercute e configura de maneira radicalmente nova o “poder” e o “serviço” na comunidade eclesial.

2.1.1 O poder

Se aprofundarmos a palavra “poder” veremos que é um verbo e, como tal, uma ação; neste sentido, uma oportunidade de transformação. Quem na sociedade não tem poder (de ir e vir, comprar, vender, dar, empreender, inventar, criar, amar, sair, decidir), já tem uma existência corrompida, uma vida sem sentido. Também podemos observar que o “poder não é sinônimo de dominação. ‘Poder’ é o verbo que expressa liberdade” (TABORDA, 2011, p. 47). A obtenção de poder deve nos levar à condição de liberdade perante as coisas e as pessoas.

Taborda alerta para a tentação do poder na missão da Igreja:

> A tentação do “poder” ocorre quando pensa libertar não tanto pelo que é, mas pelo que tem. São os momentos da História em que ela oprime sem querer oprimir. Torna-se humana demais e põe força não tanto no “mistério” que carrega em si, mas na “instituição” que a fascina e desnorteia. E assim, sem querer, também aliena o homem porque ela se alienou do amor (TABORDA; DICK, 1978, p. 74).

O poder na Igreja não deve ser exercido pela autoridade de “mando”, mas pela autoridade de “amor”. Se não for exercido desta forma, não há Igreja e não há liberdade. “A autoridade não é honorífica; ela é serviçal” (TABORDA; DICK, 1978, p. 75). Portanto,

a Igreja tem poder importante para desempenhar no mundo e o fará quando unir o seu anúncio do Evangelho e prática do amor ao serviço do próximo.

2.1.2 Serviço

Para Francisco Taborda, o serviço na Igreja tem como modelo o Servo de YHWH, que é tanto um indivíduo como o coletivo. A condição individual de servo, que é inerente à pessoa de Jesus, tem um prolongamento no coletivo que é a Igreja, Corpo de Cristo (Cf. TABORDA, 2011, p. 53).

Deve se levantar uma suspeita sobre a palavra "serviço". Assim como a palavra "poder" é ambígua e, na maioria das vezes, é tomada como poder-dominação, do mesmo modo a palavra "serviço" poderá ser tomada como "camuflagem da dominação, por meio de paternalismo, amabilidade e solicitude que não dão espaço ao outro" (TABORDA, 2011, p. 53). Esta interpretação do serviço tira o vigor da interpretação do Servo. A Igreja servidora, à luz da teologia do servo, deverá se despojar e renunciar a anseios de poderes mundanos e ser servidora, conduzindo seres humanos à realização. Uma Igreja que se desgasta para que o ser humano se torne livre, tome suas decisões e possa partilhá-las com os demais.

> Autoridade é serviço ao poder do outro, despertar no outro poder sufocado que, embora exista nele, o poder-dominação não permite que se desenvolva. É não apagar a mecha que ainda fumega nem quebrar a cana rachada (Cf. Is 42, 3) (TABORDA, 2011, p. 54).

O exercício de poder na Igreja deve levar o ser humano ao encontro com o Absoluto. É no exercício do poder que o ser humano, assumindo sua responsabilidade histórica, se salvará ou se perderá (Cf. TABORDA, 2011, p. 55). Apropriar-se da responsabilidade histórica é viver uma espiritualidade em que o modelo é o Servo de YHWH, que se torna possível pela ação do Espírito Santo. A confiança na missão é dada pelo Espírito que, no passado, animou as profecias no anúncio da libertação para os pobres (Cf. Isaías 61, 1).

> A Igreja é diferente de todos os outros coletivos, porque existe pela resposta de fé em Cristo. Uma comunidade, em que talvez tudo tendesse a separar (raça, cultura, interesses, gênero, classe...), se reconhece como o Corpo mesmo do Senhor Ressuscitado. A força do Espírito que une os membros do Corpo de Cristo é maior do que eles e faz com que se superem (TABORDA, 2011, p. 55).

É no seguimento de Jesus que o poder da Igreja e sua práxis devem ser exercidos. É no serviço que a Igreja conduz a humanidade à sua realização e que cada homem pode expressar livremente sua identidade e liberdade. Aqui se encontra o verdadeiro "poder da Igreja a ser exercido num mundo em que dominadores não querem que o ser humano, cada ser humano, e todos os seres humanos cheguem ao poder e à liberdade" (TABORDA, 2011, p. 55-56). Assumindo esta missão, assim como o Servo, a Igreja passará por perseguição e deverá se entregar à morte com fé em um Deus libertador que ressuscita os mortos (Cf. TABORDA, 2011, p. 56).

2.2 Igreja – Sacramento histórico de salvação

Jesus, na sua vida, morte e ressureição se revela como o mistério salvífico do Pai. Ele revela o amor do Pai por toda a humanidade. Como já vimos, a Igreja é o corpo do Ressuscitado. Desta forma, ela se torna "como universal sacramento da salvação" (LG 48). É da relação da Igreja com o Cristo que vem sua sacramentalidade, "a Igreja como todo é comunidade salvífica e cada fiel participa da graça e da missão salvífica, na medida em que está unido com o todo, segundo sua função no todo e como órgão do todo" (TABORDA, 2009, p. 227). Anunciando o Reino, a Igreja continua e atualiza a missão salvífica.

No entendimento de Taborda, a instituição da Igreja, assim como acontece com os sacramentos, é contínua e permanente. A Igreja é constituída pela presença do Ressuscitado e seu Espírito que a renova e atualiza. Ela é criada incessantemente pela presença e atuação de Cristo (Cf. TABORDA, 1987, p. 119).

A questão da instituição dos sacramentos é resolvida quando se considera que Cristo, em primeiro lugar, instituiu um caminho de vida, como se observa nos relatos dos Atos dos Apóstolos, ao falar do cristianismo como caminho (Cf. At 9, 2). No seguimento do caminho existe uma necessidade antropológica de celebrar; é fazendo um caminho e no seguimento deste caminho que o Cristo institui os sacramentos. Desta forma, "Deus, Cristo, o Espírito Santo, a Igreja" respectivamente ao seu modo, na medida e forma de atuação no plano salvífico, são a origem dos sacramentos: "Deus como fonte última da salvação, Jesus como mediador único, o Espírito Santo como quem presentifica Cristo através dos séculos, a Igreja como corpo do Senhor ressuscitado" (TABORDA, 1987, p. 118).

> A Igreja não é mero acaso nem invenção humana: ela pertence ao próprio mistério da Ressurreição de Cristo. Sem Igreja, isto é, sem a comunidade

> dos que creem no Ressuscitado, a ressurreição de Jesus não teria sido a manifestação definitiva e escatológica do Deus revelado. Por isso, a Igreja é o corpo do ressuscitado, vive da vida do Ressuscitado. Vale dizer: é criada constantemente pela presença e atuação de Cristo no Espírito Santo. Nesse sentido, Cristo funda, institui a Igreja sempre de novo. Ela está enraizada em Cristo e, como para a árvore, não basta que um dia tenha sido, tenha tido raízes para poder ainda hoje vigorar, crescer e produzir frutos, assim também com a Igreja. A raiz precisa estar presente e atuante para que a árvore viva. Semelhantemente também Cristo "institui" – como raiz – sempre de novo a Igreja e, com isso, os sacramentos, porque permanece na Igreja (TABORDA, 1987, p. 119).

É o próprio Cristo que atua no sacramento. E é esta presença dele nos sacramentos que inclui a presença do Senhor Ressuscitado na sua Igreja. A Igreja é, portanto, um original sacramento de Cristo, um sinal real da sua presença. Ela, Igreja, não se fundamenta para si mesma, mas para anunciar Jesus, sua missão é provocadora, conduz ao encontro entre Jesus Salvador e a humanidade necessitada da salvação. Na Igreja quem atua é o próprio Senhor. Ela não é uma associação de pessoas, ela é corpo do Ressuscitado (Cf. TABORDA, 1987, p. 147).

> Cristo é o sacramento do Pai (o protossacramento); a Igreja é sacramento de Cristo (sacramento fundamental, em relação a Cristo; sacramento-raiz, em relação aos sacramentos no plural); os sacramentos são a manifestação do mistério de Cristo em gestos sensíveis através da atuação da Igreja por intervenção do Espírito Santo (TABORDA, 2013, p. 4).

E, na medida em que a salvação de Cristo se estende e acontece para além dos limites visíveis da Igreja, convém considerar com Taborda a relação entre a salvação dos que não conhecem a Cristo e dos que aderem à Igreja (Cf. TABORDA, 1987, p. 148).

> O processo da salvação é a história da salvação universal. Onde quer que alguém realize o bem, a justiça, o amor, a fraternidade, enfim os bens do Reino, está Deus atuando sobre ele com sua graça. Toda pessoa que aceita a salvação que Deus assim lhe oferece, através de sua consciência, de seus semelhantes, de sua cultura, de sua religião, está dentro do processo da salvação, apropriou-se da salvação oferecida por Deus, quer essa pessoa conheça a Cristo, quer não tenha jamais ouvido falar dele (TABORDA, 1987, p. 148).

O teólogo entende que toda práxis histórica libertadora é fruto da graça e presença da salvação. Alguém que realiza o bem, a justiça, o amor, enfim, os bens do Reino, está em comunhão com Deus; Deus está atuando sobre ele. Por isso, mesmo que esta práxis não seja no senhor se torna salvação como e em processo (Cf. TABORDA, 1987, p. 148-149). Isso não significa que a Igreja e os sacramentos sejam desnecessários. Negar a

necessidade da Igreja para a salvação é o mesmo que negar a indispensabilidade de Cristo e da revelação de Deus (Cf. TABORDA, 1987, p. 149). Assim sendo, é na comunidade de fé que se experimenta o Deus verdadeiro. A necessidade da Igreja não se situa a "nível do processo da salvação, mas a nível da mediação histórica" (TABORDA, 1987, p. 149).

> A mediação da salvação designa a presença da salvação na dimensão histórica e palpável da Igreja, no conhecimento e reconhecimento explícito de Cristo como Revelação do Pai. A mediação da salvação é, pois, mais restrita que o processo salvífico. O processo salvífico é, sim, mediado por Cristo, mas nem sempre as pessoas que nele estão envolvidas tomam conhecimento dessa mediação ou a reconhecem. E, no entanto, explicitar essa mediação é o termo a que tende a salvação como processo, pois o que se vive, deve ser explicitado, exige ser explicitado, para que se viva mais intensa e conscientemente (TABORDA, 1987, p. 149).

Esta reflexão nos leva a afirmar que a Igreja explicita da melhor forma sua mediação salvífica quando seu testemunho e práxis são inspirados na práxis de Cristo. Por um lado, Deus possui muitos meios para salvar a humanidade. Por outro lado, a Igreja é um sacramento fundamental, pois todo o sacramento e toda a graça sacramental tem a mediação da Igreja e nela são valorizadas as manifestações da graça de Deus na vida de cada pessoa (Cf. TABORDA, 1987, p. 149-150). A Igreja é, portanto, o espaço do nosso encontro com o Deus vivo presente em Jesus Cristo. Ela é o sinal privilegiado através do qual Deus demonstra sua atenção conosco e sua fidelidade a toda humanidade.

O Espírito Santo é o edificador primeiro da Igreja. A Igreja é fundamentalmente o "nós" dos cristãos. A Igreja também é um sinal e instrumento da reconciliação e da unidade. Não apenas nos reconciliamos com Deus. A Igreja nos leva a viver em profunda comunhão com Deus e com todos os irmãos. O Espírito que é dado às Igrejas é o Espírito de Pentecostes, que leva ao entendimento na diversidade e é o contrário do espírito de Babel. A missão da Igreja é refazer a unidade dos seres humanos que Babel desfez. E esta missão é exercida de forma tensa entre "estar no mundo" e "não ser do mundo" (Cf. TABORDA, 2011, p. 142). "Estar no mundo diz a *localização* da Igreja; não ser do mundo diz sua *origem"* (TABORDA, 2011, p. 143). Deste modo, "a localização significa que a Igreja continua a viver na realidade estruturalmente marcada pelo pecado; a origem diz de onde vem a Igreja e o que lhe cabe ser e testemunhar" (TABORDA, 2011, p. 143).

Portanto, a marca da Igreja, na sua missão salvífica, é o testemunho de amor e serviço inspirados na oferenda consumada por Jesus Cristo no altar da sua vida, como

doação levada às últimas consequências. Ele, incondicionalmente, se entrega à humanidade. Cristo inaugura um novo tempo escatológico da humanização da humanidade, Ele que foi o humano por excelência. Ele é o modelo para a missão da Igreja, comunidade salvífica, pois é Ele o sacramento do Pai.

A Igreja, testemunha e continua a missão do Cristo, protege os oprimidos e fragilizados humanamente. Por isso, no próximo ponto, veremos como a Igreja exerce sua missão de testemunhar o Evangelho no mundo, principalmente aos pobres.

2.3 Opção preferencial pelos pobres

As comunidades cristãs, desde o início, tiveram uma preocupação com os pobres e marginalizados. A caridade vivenciada pela comunidade de fé era a vida no seguimento de Jesus. Este seguimento se resume em viver o Reino de Deus tornando--o presente, a partir dos pobres, na construção de um mundo mais fraterno, justo e de comunhão.

A opção preferencial pelos pobres, desde a implementação do Concílio Vaticano II na Igreja da América Latina a partir da Conferência de Medellín (1968), é a marca que caracteriza a Igreja deste continente. O espírito do Concílio inaugurou um momento novo na vida da Igreja. O Concílio deu à Igreja a capacidade de diálogo com o mundo e com outras confissões religiosas, resgatando sua vocação sacramental.

> Mais que um tema entre outros, ainda que um tema central e fundamental, a “opção pelos pobres” se tornou na Igreja e na teologia latino-americanas a perspectiva ou o ponto de vista fundamental a partir do qual todas as questões são tratadas e dinamizadas. E não se trata apenas de uma perspectiva ou de um ponto de vista sociológico, mas, antes e mais radicalmente, de uma perspectiva ou de um ponto de vista estritamente teológico, tal como aparece na Sagrada Escritura (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 31).

A opção preferencial pelos pobres é um aspecto fundamental da teologia sacramental de Taborda.

> Convém esclarecer que a opção pelos pobres não é meramente econômica, mas social, política, cultural, espiritual, ética, teologal. [...] Com o fim do “socialismo real”, não compreendendo a abrangência da opção, alguns quiseram considerá-la ultrapassada. Impossível pretensão. A opção preferencial pelos pobres é evangélica e, por isso, irrenunciável. Ademais, sob o império neoliberal tornou-se ainda mais urgente, por ter a situação dos pobres piorado (TABORDA, 2010, p.13).

Dada a ambiguidade da expressão “opção pelos pobres”, é necessário explicitar seu sentido teológico e, para isso, vale a pena analisar a mensagem dos bispos em Puebla aos povos da América Latina. Taborda pega a expressão usada pelos bispos, em Puebla, “assumir a causa do pobre como própria, como causa mesma de Jesus” (TABORDA, 1983, p. 40), destacando as expressões o pobre, a causa do pobre e que cada um possa assumir como sua causa (Cf. TABORDA, 1983, p. 40). Seguindo o teólogo em estudo, nos deteremos em dois pontos: quem é o pobre e qual é a causa do pobre que se assume na opção. Queremos mostrar como estes aspectos são essenciais na compreensão da teologia sacramental de Taborda.

Quem é o pobre? É um tipo de pergunta desnecessária para os sofredores que sabem como o abuso desanima, como a fome faz barulho na barriga, como o frio penetra os ossos, como a doença tira as forças e como a desilusão e o sofrimento dos filhos rasgam o coração de mães e pais, como... Esta pergunta é inadequada para estes; mas não tão inadequada para “nós que estamos refletindo sobre o pobre, em posição de privilegiados” (TABORDA, 1983, p. 40).

Taborda afirma que “pobre é um conceito relacional” (TABORDA, 1983, p. 40). O pobre é pobre em comparação com o rico. “Um pobre na Suécia seria rico no Haiti, se lá tivesse o mesmo ganho” (TABORDA, 1983, p. 40). O pobre sofre a privação de algo que é necessário ou de alguma utilidade na vida, em comparação a outros que não sofrem este tipo de privação. A privação não encerra toda relacionalidade do conceito de pobre. No entendimento do significado do que seja o pobre, é necessário considerar a causa da privação (Cf. TABORDA, 1983, p. 40).

> A forma mais clara de introduzir o assunto será uma comparação criada por Rogério Ignácio de Almeida Cunha. Uma terra pode ser árida por sua constituição mesma. Lá não cresce nada nem jamais cresceu. É uma terra pobre por natureza. Mas uma região pode tornar-se árida pela ação do homem que a desmata barbaramente em vista do lucro imediato. É o que acontece hoje infelizmente na Amazônia. Será uma terra pobre pela ação dos homens, resultado da exploração (TABORDA, 1983, p. 40).

Da mesma forma poderá acontecer com o pobre, pois sofre privações que lhe impedem de conduzir e afirmar-se na vida. Acontece também que há pobres que foram feitos pobres pela exploração de outros, pois lhes foram tirados os direitos e não receberam o fruto do trabalho; “são pobres, porque foram em-pobre-cidos” (TABORDA, 1983, p. 40). Estão no estado de pobreza e se afundam cada vez mais, pois o mecanismo social necessita para o funcionamento de sua mão de obra barata. São empobrecidos pela má distribuição dos bens produzidos. Não é a natureza que torna os pobres mais

pobres, mas o modo de produção (Cf. TABORDA, 1983, p. 40-41). Para Taborda, a expressão *opção pelos pobres* faz referência ao empobrecido pela injustiça da sociedade, embora o pobre por natureza possa e deva ser incluído (Cf. TABORDA, 1983, p. 41).

Qual é causa do pobre que se assume na opção? Para Taborda, "a causa do pobre é a luta contra a pobreza" (TABORDA, 1983, p. 41). A existência da injustiça institucionalizada é a árvore que tem como fruto a pobreza. A causa do pobre é de transformação destas estruturas de opressão para criar uma sociedade justa. A causa do pobre promove os interesses objetivos das classes populares (Cf. TABORDA, 1983, p. 41).

> É preciso acentuar que não se trata de qualquer interesse de um pobre individual, nem de interesses subjetivos de um grupo de pobres. A "causa" (entre aspas) destes poderia ser "subir na vida", inverter simplesmente a situação de injustiça em seu favor. Mas não são esses os interesses que objetivamente importam às classes populares (TABORDA, 1983, p. 41-42).

Fazer a opção pelo pobre é assumir a sua causa como própria, entrar na luta pelos interesses objetivos. É solidarizar-se com o pobre e sua causa. E sobre solidariedade Taborda é brilhante em afirmar:

> Solidariedade não é mera ajuda humanitária aos "pobrezinhos", não é simples ato de dar ao outro sem comprometer mais profundamente sua pessoa nem a duração da ajuda. Solidariedade atinge o nível pessoal e, em consequência, não se esvai em alguns atos isolados. Solidariedade não é mero movimento unilateral de ajuda. É um mútuo dar e receber. É irmanar-se (TABORDA, 1983, p. 42).

O benefício de quem assume a causa do pobre não é apenas do pobre, mas daquele que assume a causa do pobre como sua. Passa a receber a identidade dos pobres, sua humanidade, e enquanto houver empobrecidos "nenhum homem se poderá humanizar, a não ser no serviço à causa do pobre" (TABORDA, 1983, p. 42).

> A esse "assumir a causa do pobre como sua" são conclamados todos, "sem distinção de classe". Nem os próprios pobres estão dispensados. Nem muito menos os ricos. Optar pelo pobre é pôr o que cada um é e tem a serviço da transformação da sociedade a partir do pobre, tomar consciência individual do fato da pobreza material entendida como empobrecimento, transformar essa consciência em práxis de libertação pela organização popular e a atuação política efetiva. Para o cristão acrescenta-se ainda: anunciar nessa ação a presença, embora fragmentária, dos valores do Reino, viver numa contínua conversão que

> é atenção às exigências do momento histórico à luz de Deus (TABORDA, 1983, p. 42).

Com a análise destes dois aspectos torna-se imprescindível a opção preferencial pelos pobres quando buscamos agir como Jesus agiu, ou se quisermos permanecer na fidelidade a Cristo a partir do seu seguimento e no cumprimento da nossa missão, que também é Dele. O próprio Cristo nos impele à possibilidade de reconhecermos sua presença no pobre. Taborda afirma que a presença de Cristo se mostrará verdadeira com base no reconhecimento de Cristo no pobre.

Assumir Cristo no pobre conduz a defesa do pobre contra toda forma de opressão, levando o cristão à identificação e à solidariedade com os pobres. A atividade missionária da Igreja não pode ficar indiferente à situação de opressão. O amor solidário do Senhor pelos pobres não se define por declarações esvaziadas de sentido ou abstratas. É algo mais sério, é questão de vida e de morte.

Escolher por primeiro os pobres é, sem dúvida, fazer a vontade de Deus. É colocar a Sua vontade como valor absoluto. Como afirma Taborda, “a vontade de Deus é a vida do ser humano (vida concreta em todas as dimensões do ser humano, começando pela material e econômica, pois sem esta o ser humano não vive)” (TABORDA, 2015, p. 282). Não devemos estar discrepantes com a situação do pobre; é nele que Cristo está presente.

Apesar de haver muitas reflexões e adjetivações sobre a *opção preferencial pelos pobres*, que a podem enfraquecer e tornar irrelevante na vida concreta da Igreja (Cf. AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 46), ao menos em tese, e com muita cautela, a *opção pelos pobres* é tomada como nota fundamental da revelação e da fé.

> Em geral, aceita-se que os pobres, oprimidos, marginalizados e sofredores ocupam um lugar especial na história da salvação (revelação-fé): é algo que perpassa a Escritura do começo ao fim; é um aspecto muito destacado pelos Padres da Igreja; é uma das marcas da Igreja em sua ação caritativa ao longo da história; é um traço fundamental da espiritualidade cristã e da vida de santidade; e está no centro da doutrina ou do ensino social da Igreja. Não há como negar sem mais (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 46).

Fazer *opção pelos pobres* é fazer também uma opção pelo Deus do reino anunciado por Jesus. A bondade gratuita do Pai, revelada na práxis histórica de Jesus através de seu amor infinito pelos pobres, famintos e sofredores, nos leva como Igreja a criar práticas libertadoras e sensíveis à causa dos pobres, recusando toda estrutura de morte.

Concluindo, o contributo da reflexão teológica de Taborda sobre a opção pelos pobres mostra que esta opção não é meramente cultural, social ou política, mas, antes de tudo, evangélica, bíblica e teológica. E, com isso, acreditamos ter apresentado o objetivo central deste capítulo acerca da centralidade dos pobres na vida e na missão da Igreja.

No centro da missão de Jesus está o anúncio do Reinado de Deus, e neste Reino os pobres ocupam o lugar de preferência no coração de Deus. O anúncio de Cristo convida a Igreja a assumir como Ele a causa do pobre, como consequência do seu mistério pascal, momento em que a solidariedade é coroada na ressurreição; dar a vida pelos marginalizados e todos aqueles que são postos nas periferias. Crer no ressuscitado conduz a humanidade a não ser indiferente à causa do pobre, porque estaria também se afastando da presença de Cristo, Ele que se manifesta no pobre. A partir daqui, podemos analisar, na obra de Taborda, o elo entre o sacramento da Eucaristia e os pobres, ponto fundamental da nossa reflexão no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

O VÍNCULO ESSENCIAL ENTRE EUCARISTIA E POBRES

No primeiro capítulo, refletimos sobre a relação entre Igreja e Eucaristia, um tema fundamental na teologia sacramental de Taborda que visa mostrar a finalidade eucarística de nos fazer Igreja corpo do ressuscitado. No segundo capítulo, mostramos como a Igreja prolonga a missão de Jesus em sua missão de anunciar o Reino como boa notícia aos pobres.

Neste capítulo, vamos refletir sobre a relação entre o sacramento da Eucaristia e os pobres. Num primeiro momento, trataremos dos processos de transformação operados pela Eucaristia e do aspecto missionário da Eucaristia. Em um segundo momento, trataremos da presença ativa de Cristo no pobre e como a celebração eucarística se relaciona com a vida concreta. Por fim, refletiremos sobre alguns pontos centrais na teologia de Taborda acerca dos pobres e da Eucaristia.

1 Eucaristia, realização e promessa de transformação

A Eucaristia é momento essencial da vida cristã, pois é nela que somos transformados no corpo eclesial de Cristo. A Eucaristia está no centro da vida da Igreja, que continua a missão confiada aos Apóstolos: “Fazei isto em memória de mim” (1Cor 11, 24).

Neste sentido, refletiremos sobre os processos de transformação operados em torno da Eucaristia e como a Eucaristia impulsiona a missão da Igreja.

1.1 Processos de transformação operados em torno da Eucaristia

Na Eucaristia se revela todo o amor gratuito de Deus para a humanidade. A maior expressão deste amor é condensada no mistério pascal. E o amor de Cristo nos transforma para levar-nos aos mais necessitados, os pobres. Taborda apresenta a oração pós-comunhão do 27º domingo do tempo comum como um resumo da teologia eucarística: “Possamos, ó Deus onipotente, saciar-nos do vosso pão e inebriar-nos do vosso vinho, para que sejamos transformados naquele que agora recebemos” (TABORDA, 2015, p. 127). A transformação realizada pela comunhão não deve ser entendida de forma individualista, como se o “nós” fosse resultante da soma de “eus”,

mas no sentido de que o “nós” é o “nós” da comunidade que foi transformada em corpo do ressuscitado (Cf. TABORDA, 2015, p. 127). E ser o corpo de Cristo é a realidade última da comunidade de fé que é a Igreja.

A transformação do pão e do vinho em corpo e sangue de cristo é chamada de transubstanciação:

> Transubstanciação é a mudança de toda a substância do pão e toda a substância do vinho na substância do corpo e do sangue de Jesus. Essa é a definição correta, mas é demasiado técnica. Por si hoje não se consegue mais entender seu significado, já que a própria palavra-chave “substância” tem na atualidade outra significação do que outrora, no século XII, quando essa palavra foi criada, ou no século XVI, quando o Concílio de Trento a considerou sumamente apta para expressar o mistério eucarístico. Hoje, como vivemos influenciados pelas ciências exatas, a palavra “substância” evoca, por exemplo, uma substância química. Ora, uma substância química é uma coisa que tem cheiro, cor, forma, tamanho etc. Pois bem. “Substância” no sentido usado na palavra “transubstanciação” é exatamente o contrário disso. Nesse sentido, “substância” se contrapõe a “acidente”, e tudo aquilo que foi antes mencionado (cheiro, cor, forma, tamanho) são acidentes! E os acidentes são justamente o que não muda na transubstanciação. O pão e o vinho consagrados (seria melhor chamá-los de “eucaristizados”, isto é, sobre os quais foi pronunciada a oração de ação de graças, a eucaristia) continuam a ter o mesmo cheiro, a mesma cor, o mesmo peso, enfim, as mesmas características físico-químicas. Então o que mudou? Mudou a realidade última do pão e do vinho que, embora do ponto de vista físico-químico continuem a ser o que chamamos pão e vinho, do ponto de vista metafísico já não o são; agora são corpo e sangue de Cristo. No momento em que o pão eucaristizado deixa de ser pão (por exemplo, fica bolorento), já não é mais o corpo de Cristo; no momento em que o vinho eucaristizado deixa de ser vinho (por exemplo, azeda), já não é mais o sangue de Cristo (TABORDA, 2017).

Taborda compreende que a transubstanciação do corpo e sangue de Cristo não pode ser isolada em relação a outras transformações desencadeadas do cenáculo (Cf. TABORDA, 2015, p.104). Ele reflete sobre outras transformações causadas pela Eucaristia a partir da homília do papa Bento XVI na XX Jornada Mundial da Juventude:

1ª transformação: Violência em amor – Jesus entra na história humana injusta, violenta e conflitante, anuncia uma vida nova e uma atitude (práxis) diferente. Sua morte revela seu amor incondicional pela humanidade.

> A crucifixão de Jesus foi um ato de extrema violência. Acostumados a ver a cruz até mesmo como objeto de adorno, confeccionada em ouro e cravejada de pedras preciosas, é fácil esquecer que originariamente se tratava de um instrumento de tortura, a mais cruel e infamante de que se tinha conhecimento na época (TABORDA, 2016, p. 5).

Pelo sangue de Jesus na cruz é firmada uma nova aliança entre Deus e os homens no combate a tudo que é contrário ao Reino de Deus. A cruz não é mais sinal de morte e violência. Em Jesus, torna-se símbolo do amor incondicional. Na forma exterior, a cruz é uma brutal violência, mas interiormente, em Jesus, é um ato de amor supremo. Jesus é fiel ao anúncio do Reino e tudo que ele faz como prática de amor é na condição de servo do Reino.

> Toda essa violência Jesus a transforma em amor ao significar na última ceia que se entregará voluntariamente na mão dos algozes. O ódio gerador de violência será vencido pelo amor. "Corpo dado por vós; sangue derramado por vós e pela multidão" (cf. Lc 22,19-20). Ninguém lhe tira a vida; ele a entrega pelas ovelhas que o Pai lhe deu (cf. Jo 10,18). De nada adianta a sanha de seus inimigos: não destruiu o amor que conduzia todas as ações de Jesus. Pelo contrário, essa fúria irrefreável e cega contra Jesus foi acolhida por este num ato de amor: "Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem" (Lc 23, 34) (TABORDA, 2016, p. 7).

O Reino de Deus defendido por Jesus tem esse poder de transformar os atos de violência em atos de amor e perdão, pois é fundado na verdade e denuncia toda forma de mentira. Jesus defende os últimos, os violentados por um sistema social que esmaga os indefesos. Num mundo dividido e desanimado, a resposta vem com o testemunho de Jesus de doação total à humanidade. Assim, a Eucaristia é o alimento que renova as forças enquanto ajuda, pela vivência do amor, a vencer os desafios atuais de violência.

2ª transformação: Morte em ressurreição – A morte de Jesus foi um ato de violência brutal. Tal como a violência pode se tornar doação total à humanidade, também, com a força do amor, a morte se transforma em vida e ressurreição. Taborda nos alerta que estamos acostumados a tomar o mistério pascal de Cristo de forma cronológica, apresentada pelo evangelista Lucas. No entanto, é necessário saber que não é a única forma de vermos o Mistério central da nossa fé.

> A morte de Jesus é um fato histórico que pode ser cronometrado da época em que Pôncio Pilatos foi procurador na Judeia. Também o testemunho dos apóstolos de seu encontro com o Ressuscitado pode ser datado. Mas o fato da ressurreição ultrapassa a história, é meta- - histórico. Não pode ser captado pelos parâmetros do tempo e do espaço. Por isso o evangelista João pôde designar a entrega de Jesus com o termo "glorificação" (cf. Jo 12, 23; 13, 31) ou "exaltação" (cf. Jo 12, 31) que abrange a paixão e a ressurreição, a ida ao Pai e o envio do Espírito. Assim, ao narrar os eventos do tríduo sacro mostra que o Jesus que sofre nas mãos de seus algozes é, ao mesmo tempo, o Senhor glorioso que determina os acontecimentos. E o Senhor ressuscitado, ao apresentar-se aos discípulos, ostenta em seu corpo as chagas da paixão (cf. Jo 20, 25. 27). O dom do Espírito que coroa o mistério pascal está presente já no momento da morte de Jesus que, inclinando a cabeça "entrega o

> Espírito" à Mãe e ao Discípulo Amado que estão ao pé da cruz (cf. Jo 19, 30), da mesma forma como é transmitido na primeira aparição do Ressuscitado, no dia de Páscoa, quando Jesus sopra sobre os discípulos, dizendo: "Recebei o Espírito Santo" (cf. Jo 20, 22) (TABORDA, 2016, p. 7-8).

Dessa forma, Taborda, através do Evangelho de João, mostra "a unidade do mistério pascal que supera a cronologia e mostra a imbricação dos diversos momentos que o constituem" (TABORDA, 2016, p. 8). Esse ponto de vista transcorre em toda a narrativa desde a prisão de Jesus, seu julgamento diante de Pilatos, a cena da crucificação até as narrações das aparições do Ressuscitado e mostra a unidade do mistério pascal: sua morte, ressurreição, envio do Espírito. Taborda, inspirado por Bento XVI, percebe que em "todos os momentos do mistério pascal aparecem sempre condensados em cada cena dos últimos capítulos do quarto Evangelho, significando que, pela morte de Cristo, a morte já está superada desde dentro e a ressurreição já está nela presente" (TABORDA, 2016, p.9).

3ª transformação: Pão e vinho em corpo e sangue de Cristo – Geralmente é esta transformação que identificamos ao pensar a Eucaristia. Porém, esta transformação só tem sentido no quadro em que as duas primeiras transformações são tomadas como início e sentido profundo desta terceira transformação e, em consequência, as duas últimas são seu efeito e seu fruto (Cf. TABORDA, 2016, p. 5-16). Em Taborda, os conceitos de *transubstanciação* e *eucaristia* são fundamentais à vida da Igreja. No entanto, ao longo da história, estes conceitos foram envolvidos de incompreensões e deturpações. Só depois de muitos embates, chegou-se a um conceito que dava conta da mudança realizada. É com as palavras da consagração que o pão se transforma no Corpo de Cristo e o vinho se transforma no Sangue de Cristo: chamamos *transubstanciação.*

> "Substância" é a realidade última, não atingida pelos sentidos; tudo que se toca, vê, cheira, pesa etc. são acidentes. Estes permanecem, mas a realidade última (a substância, aquilo que está "por debaixo" de tudo que os sentidos percebem) é outra: o Cristo ressuscitado, vivo, doando--se a nós, servindo de alimento para nossa caminhada, para que possamos acolher o dom de sua entrega por nós que culminou na cruz (TABORDA, 2016, p. 9).

Esta presença de Cristo é a mais ligada à sua Igreja, embora não seja a única forma de presença. A transubstanciação "não visa a que Cristo se torne presente, pois do contrário estaria ausente, mas a que seu mistério pascal atue em nós com eficácia

salvífica e assim nos tornemos corpo de Cristo e ele se faça presente e atuante" (TABORDA, 2016, p. 10) por nós que formamos o seu corpo.

4ª transformação: Os comungantes em corpo de Cristo – O teólogo utiliza uma expressão pouco habitual na teologia ao afirmar "que, ao comungarmos somos 'transubstanciados' no corpo de Cristo" (TABORDA, 2016, p. 5-16). Taborda fundamenta-se na definição de Igreja de um teólogo carmelita, pouco conhecido, Thomas Netter Von Walden, que definiu a Igreja como o corpo místico de Cristo e afirmava que quando os cristãos recebem o batismo e a eucaristia, eles se transubstanciam (Cf. TABORDA, 2016, p. 5-16). Nesta mesma linha, Giraudo observa, na oração eucarística, uma unidade nas preces de súplicas:

> Notamos que nas orações eucarísticas romanas as palavras da narrativa da instituição e a anamnese estão emolduradas pelas duas epiclesis. Enquanto a epiclese sobre as oblatas pede a Deus Pai que mande o Espírito Santo para que transforme o pão e o vinho no corpo e no sangue do Senhor Jesus, a epiclese sobre os comungantes pede, para quem se prepara para fazer a comunhão, a transformação em um só corpo. Os dois pedidos não são independentes, mas constituem, de fato, uma única e mesma súplica (GIRAUDO, 2003, p. 46-47).

A unidade entre os dois pedidos é constituída pelo pedido do Espírito Santo:

> Pede-se o Espírito Santo sobre nós e sobre os dons, mas a finalidade da vinda do Espírito é expressa na ordem inversa: para que os dons se tornem o corpo e o sangue de Cristo e nós, comungando, nos tornemos um só corpo (o de Cristo) e um só espírito (o corpo de Cristo animado pelo Espírito de Jesus) (TABORDA, 2016, p. 12).

Desse modo, é impossível haver uma separação destas duas epiclesis. Taborda observa como Santo Agostinho aprofunda, de tal modo, estes pedidos sobre as oblatas e os comungantes que "ao receber a comunhão, recebemos nossa própria realidade mais profunda de sermos corpo de Cristo já pelo batismo e de crescermos como corpo de Cristo ao ritmo de nossas eucaristias" (TABORDA, 2016, p. 12). Quando se vai comungar não é somente com a pessoa de Jesus, mas com o Cristo total, cabeça e membros, e assim afirmamos que o fim último da ação eucarística é o Cristo eclesial, a Igreja que é edificada (Cf. GIRAUDO, 2003, p. 48).

5ª transformação: O universo em cosmos deificado – O comungante transformado em corpo de Cristo tem uma responsabilidade de transformar o mundo. Esta responsabilidade é profética, pois questiona e denuncia as estruturas que provocam diferentes tipos de exclusão: econômica, ambiental, social, racial e étnica... que rompe a

comunhão com o cosmos, fere e fragiliza a dignidade humana. Taborda chama a atenção para esta responsabilidade:

> Ser o corpo de Cristo não é apenas uma bela e consoladora metáfora para nossa piedade pessoal, não é um "faz de conta" ou outra forma de expressar nossa realização pessoal de piedosos cristãos. Dizer que somos o corpo de Cristo é concreto. É afirmar que somos os olhos de Cristo para olharmos compassivos a realidade circundante, os ouvidos de Cristo para ouvir o clamor dos oprimidos, o nariz de Cristo para sentir o miasma do pecado e da maldade humana, as mãos de Cristo para estendê-las aos marginalizados da convivência social, os pés de Cristo para ir ao encontro dos descartados e de todos os que sofrem, e assim por diante. Numa palavra: ser o coração de Cristo para palpitar de compaixão por todos aqueles que não têm voz nem vez num sistema opressivo e excludente (TABORDA, 2016, p. 13).

É a Eucaristia que conduz e transforma o comungante em agente de humanização e divinização do ambiente onde vive, em conformidade ao Espírito de Cristo. É buscar um mundo como o Pai sonha e que Jesus anunciou com a instauração do seu Reino. Para Taborda, a construção do Reino seria muito superficial se o homem só se concentrasse na transformação da sociedade no sentido da verdade, da justiça, da fraternidade, da liberdade, do respeito mútuo... porque deste modo só mudaria a aparência e não o substrato. Entretanto, a realidade toda deve ser mudada e não somente a sociedade, é o cosmos todo que tem que ser cristificado (Cf. TABORDA, 2016, p. 5-16).

Tudo isso aponta para a convicção de que "na eucaristia se antecipa num fragmento da realidade cósmica o final do universo, sua cristificação definitiva" (TABORDA, 2016, p. 15). No fim dos tempos, Deus será tudo em todos. "É a profissão de fé no Cristo cósmico: o universo inteiro ruma, escatologicamente, em direção a sua 'transubstanciação' em Cristo" (TABORDA, 2016, p. 15).

1.2 Eucaristia e missão

A expressão "a Igreja faz a eucaristia e a eucaristia faz a Igreja" (TABORDA, 2015, p. 251) contém a dimensão missionária. A Igreja se constitui criando relações, sendo solidária, criando comunhão e unidade, colocando seus dons à disposição da comunidade, seguindo o exemplo de Jesus. Ele é o enviado, o missionário do Pai. A Eucaristia conduz à comunhão com Jesus, tornando-nos partícipes de sua missão. Nela entendemos profundamente a vocação missionária, pois o sacrifício eucarístico é

oferecido pela salvação de todos os homens: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio!” (Jo 20, 21). Com isso, a missão dos apóstolos é continuar a missão de Cristo.

Na eucaristia, o pão partido é Cristo que se doa; nesta refeição aceitamos ser como o grão de trigo que, caído no chão da história, produz frutos para o bem de todos. Essa presença mística de Cristo em nós forma a Igreja: comunidade de irmãos solidários. Deus não nos quer admiradores da sua ação, em nós e na Igreja, Ele pede que nos coloquemos em missão, e é através da Eucaristia que a Igreja, e cada cristão, encara a urgência de testemunhar e sair em missão.

> Julgamos tranquilizante esperar de Deus intervenções extraordinárias, mas nos enganamos. Deus não nos quer espectadores, mesmo que admiradores de seu agir. Ele nos deu olhos para ver, ouvidos para ouvir, mãos para atuar. Nossos olhos devem ser os olhos com que Deus vê as necessidades, nossos ouvidos, os ouvidos com que Deus escuta os lamentos, nossas mãos, as mãos de que Deus se serve para vir em socorro. Por isso, em nossas eucaristias pedimos sua ajuda, para ter o que dar, mas sobretudo para obter dele a atenção e a sensibilidade indispensáveis para pormos cada dia mãos à obra (GIRAUDO, 2003, p. 57-58).

No banquete eucarístico fazemos o *memorial da páscoa do Senhor*, tornando viva e atual sua presença nas diferentes refeições junto ao seu povo. Consciente da missão que o Pai lhe confiou, Cristo nos chama a sermos missionários do amor do Pai que ressuscita o seu filho amado. Ele não nos deixa sozinhos. Jesus prometeu aos discípulos: “Eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo” (Mt 28, 20). Na Eucaristia, ele é companheiro e força para a missão, como afirma Bento XVI na exortação apostólica pós-sinodal sobre a Eucaristia:

> Não há nada de mais belo do que ser alcançado, surpreendido pelo Evangelho, por Cristo. Não há nada de mais belo do que conhecê-Lo e comunicar aos outros a amizade com Ele. Esta afirmação cresce de intensidade, quando pensamos no mistério eucarístico; com efeito, não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento: por sua natureza, pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar n'Ele. Por isso, a Eucaristia é fonte e ápice não só da vida da Igreja, mas também da sua missão: Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária. Havemos, também nós, de poder dizer com convicção aos nossos irmãos: Nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos, para que estejais também em comunhão conosco (*1 Jo* 1, 2-3). Verdadeiramente não há nada de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos! (SCa 84).

O anúncio é o amor acolhido, o serviço aos pobres é o amor correspondido. Não há compatibilidade em participar da Eucaristia e ser fechado aos próprios interesses e

não partilhar o pão com os irmãos. Na comunhão, o Cristo se entrega por nós, a Igreja recebe da Eucaristia o impulso de viver na práxis de Cristo. E para a vivência dessa práxis acontece o envio no final da missa:

> O envio é essencial para compreender o que se fez na celebração. Esta não é um momento espiritual que se pudesse chamar de alienante, que desvalorizaria o histórico e humano, mas um momento de refontalização, ou seja, de volta ao evento fundador, o mistério pascal de Cristo, para dele haurir a virtude do Espírito que insufla nova vida às realidades cotidianas (TABORDA, 2015, p. 181-182).

A Eucaristia é celebração que torna presente a vida do ressuscitado, isto é, a plenitude da vida, o projeto do Pai em que todos são irmãos e lutam por um mundo mais solidário e justo para o pobre. Como irmãos, participa-se do banquete da vida, comum a todos, e se tem o compromisso de tornar a vida dos pobres em banquete de ação de graças. A Igreja faz a Eucaristia na ação missionária.

2 Eucaristia, escola de vida cristã

A Eucaristia é memorial da páscoa do Senhor, não como mera recordação do evento salvífico, mas como sua atualização em nossa vida, comunidade e sociedade. A Eucaristia é uma escola na qual se ensina a práxis do Senhor que promove a dignidade da pessoa humana. Nessa escola, os alunos se empenham em favor dos irmãos através do serviço solidário aos mais pobres.

Neste tópico, aprofundaremos a presença de Cristo nos pobres, na Igreja e na Eucaristia com o objetivo de dar um passo à frente na proposta deste último capítulo, que é explicitar o vínculo entre Eucaristia e pobres.

2.1 Presença ativa de Cristo nos pobres, na Igreja e na Eucaristia

O Concílio Vaticano II lembra-nos que Cristo está presente na liturgia em não menos de cinco formas: na assembleia, quando nos reunimos para a oração; na Palavra de Deus, quando é proclamada; no sacerdote, quando celebra a missa; nos sacramentos, quando são administrados; e, finalmente, na hóstia e no cálice oferecidos durante a missa. Também apontou que a presença de Cristo não se reduz à liturgia.

2.1.1 Presença nos pobres

No Evangelho encontramos vários momentos em que Jesus revela sua presença nos pobres. É a Ele que se dirige uma multidão de necessitados: coxos, cegos, aleijados, mudos e muitos outros doentes. Podemos observar a caracterização da presença de Deus, que é "ser uma presença a modo de pessoa e não de coisa" (TABORDA, 1984, p. 33), uma presença que exige reconhecimento e tomada de posição:

> Reconhecer a presença de Cristo no pobre é condição de possibilidade e de verificação da presença de Cristo na Igreja. Quer dizer: a Igreja se mostra Igreja quando reconhece a Jesus no pobre. Do contrário se esvazia da presença de Jesus (porque já não crê) (TABORDA, 2015, p. 261).

Nesta perspectiva, o Papa Francisco alerta para que os membros da Igreja não caiam em uma indiferença aos pobres:

> As vozes que se ouvem são de repreensão e convite a estar calados e a sofrer. São vozes desafinadas, muitas vezes regidas por uma fobia para com os pobres, considerados como pessoas não apenas indigentes, mas também portadoras de insegurança, instabilidade, extravio dos costumes da vida diária e, consequentemente, pessoas que devem ser repelidas e mantidas ao longe. Tende-se a criar distância entre nós e eles, não nos dando conta de que, assim, acabamos distantes do Senhor Jesus, que não os afasta, mas chama-os a Si e consola-os (PAPA FRANCISCO, 2018, n. 5).

No pobre contemplamos o rosto do Cristo que veio para trazer vida plena e saciar os famintos: "todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer" (Mt 25, 42. 45). Esta presença de Cristo no pobre é reconhecida por uma vida em seguimento de Jesus:

> O sentido primeiro de presença é estar aí para o outro. Não basta a materialidade física para que se fale em presença no sentido antropológico pleno. Assim se entende que a presença de Cristo na eucaristia realizada por meio da Igreja exija da parte da comunidade e de cada membro da comunidade uma vida no seguimento de Jesus e o reconhecimento da presença primeira de Jesus no pobre (TABORDA, 2015, p. 276).

No amor aos pobres e no amor recíproco, a Igreja se renova com a conversão de seus membros que lhe assegura a presença de Jesus, visto que a Eucaristia exige testemunhas com a dedicação de uma vida de fraternidade e de justiça.

2.1.2 Presença na Igreja

A Igreja não é criada pelo ser humano que decidiu se reunir e celebrar, nem mesmo foi criada pelos pastores, “mas por Cristo que se expressa e expressa o mistério de Deus ao mundo por esta comunidade, cuja missão é – reunida ou dispersa – proclamar a vitória de Cristo sobre a morte” (TABORDA, 2018, p. 96). Entendemos, pois, que Cristo, no Espírito Santo, constantemente cria a Igreja como forma de presença, da mesma maneira como Cristo a criou “dando-se a reconhecer ressuscitado aos primeiros discípulos e enviando sobre eles o Espírito em Pentecostes” (TABORDA, 2018, p. 96).

Taborda apresenta a importância das quatro formas de presença cotidiana de Cristo na Igreja, contidas na encíclica *Mysterium fidei*:

> As quatro formas de presença que Paulo VI, na encíclica *Mysterium fidei*, acrescenta à presença litúrgica ensinada pela *Sacrosanctum Concilium*, dizem respeito a essa presença cotidiana de Cristo na Igreja: presença na prática das obras de misericórdia, pois é a Cristo que socorremos no necessitado e é o próprio que, por nosso ministério, socorre o pobre; presença na fé, na esperança e na caridade (MF 35); presença na pregação do Evangelho (MF 36) e no governo da Igreja (MF 37) (TABORDA, 2018, p. 96-97).

A presença cotidiana de Cristo nas primeiras comunidades de discípulos é revelada por uma vida de seguimento do Senhor, e é neste seguimento que se manifesta a presença de Cristo na Igreja.

> A eucaristia não foi instituída simplesmente para transformar o pão e o vinho no corpo e no sangue de Cristo. Ela não é necessária para “criar” presença de Cristo, pois ele já está realmente presente de muitas maneiras à sua Igreja e ao mundo. A finalidade da eucaristia é transformar-nos a nós no corpo eclesial de Cristo através da comunhão no corpo sacramental. Por isso, a eucaristia é o sacramento da unidade (TABORDA, 2018, p. 118).

A compreensão da Igreja só é possível quando a ressurreição é experimentada na comunidade de fé, uma vez que “A Igreja é presença do Ressuscitado, mas sendo o outro do ressuscitado”. Assim, “a Igreja medeia a presença do Ressuscitado, mas não é o próprio Ressuscitado” (TABORDA, 2015, p. 259). A Igreja é santa e pecadora, assim a presença de Cristo é maior que ela. A Igreja tem a missão de fazer a memória do ressuscitado, desta forma é desafiada à fidelidade de sua missão. O Ressuscitado carrega, ainda hoje, em suas mãos, as feridas da história: são as chagas dos doentes em filas de hospitais, dos que não têm pão para comer... e de todos os pobres que sofrem ao nosso lado.

2.1.3 Presença na Eucaristia

Dentre presenças de Cristo, a que sublimemente contempla o mistério da Igreja é a sua presença na Eucaristia. A Eucaristia é "mais suave para a devoção, mais belo para a inteligência, mais santo pelo que encerra"; contém, de fato, o próprio Cristo e é "como que a perfeição da vida espiritual e o fim de todos os Sacramentos" (MF 40).

A Igreja afirma que a presença de Cristo na Eucaristia, formulada em termos de *transubstanciação,* caracteriza a passagem da totalidade de uma substância para outra. Ela é feita contra a posição de Berengário, no século XI, reavivada por seguidores protestantes do século XVI, que negavam a presença real de Cristo sob as espécies eucarísticas. Esta oposição encaminhou a Igreja “a centrar sua fé no mistério eucarístico neste ponto específico da presença real, esquecendo que Cristo está presente à sua Igreja de múltiplas formas e muitos modos” (TABORDA, 2013, p. 19). Ligado a este embate se encontra um esquecimento na história da Igreja “do Espírito Santo, pois o Cristo presente é sempre o Senhor ressuscitado, o Cristo pneumático” (TABORDA, 2013, p. 19).

O Concílio, quando se pronuncia sobre a presença de Cristo nas ações litúrgicas, apresenta as seguintes presenças: a primeira, “no sacrifício da Missa, sob dois aspectos: na pessoa do ministro e especialmente sob as espécies eucarísticas”; a segunda, “nos sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza”; a terceira, na Palavra; e a quarta, “quando a Igreja reza e canta” (TABORDA, 2018, p. 101). No concílio, se tomou o cuidado de acentuar a presença real de Cristo sob as espécies eucarísticas:

> A Constituição sobre a Liturgia continua lembrando que Cristo está presente na celebração de cada sacramento, pois, como dizia Santo Agostinho, “quer Pedro batize, quer Judas batize, é Cristo quem batiza”. Ou seja: o batismo não vale mais por ter sido administrado pelo primeiro apóstolo, nem vale menos por ter sido administrado pelo traidor, pois eles são meros ministros; o batismo vale porque, seja lá quem for o ministro, é Cristo que batiza. Ora, se é Cristo que batiza, ele está presente quando se celebra o sacramento. E isso que é dito do batismo vale para qualquer outro sacramento. O Concílio ainda fala da presença de Cristo na proclamação da Palavra de Deus, da presença de Cristo na comunidade que celebra sua fé com salmos e hinos, na assembleia reunida em seu nome (cf. Mt 18, 20). Mais tarde, Paulo VI, na encíclica Mysterium fidei, retomou esse ensinamento do Concílio e completou-o, lembrando a presença de Cristo quando se exerce a caridade para com o necessitado (cf. Mt 25, 40), a presença de Cristo no magistério da Igreja e assim por diante (TABORDA, 2017).

A presença de Cristo na Eucaristia é reforçada pela presença na Palavra. “Em todo o ritual em torno ao Evangelho a atenção não se dirige ao livro, mas ao Senhor Jesus que vai falar” (TABORDA, 2018, p. 103). É o Cristo que fala quando são proclamadas as leituras na liturgia.

Por fim, a presença real está inserida na Palavra de Deus quando Jesus proclama: “Este é meu corpo... este é meu sangue” e, nos debates com os judeus, insistiu: “pois a minha carne é verdadeiramente comida e o meu sangue é verdadeiramente uma bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu nele” (Jo 6, 55-56).

2.2 Liturgia e vida

O axioma “*Lex Orandi, Lex Credendi”* expressa a centralidade da liturgia na vida cristã. A frase em latim significa literalmente que a lei da oração (a maneira como rezamos) é a lei da crença (no que acreditamos), podendo ser expandido para “*lex orandi, lex credendi, lex agendi”* que aprofunda a maneira como rezamos, reflete como e no que acreditamos e determina como vamos viver.

Na liturgia, o original contributo de Taborda foi apresentar a categoria de festa que proporciona uma visão global das dimensões da vida e o sentido do cotidiano (Cf. TABORDA, 1987, p. 51). Efetivamente, na liturgia e na palavra, a Igreja abrange um significado para toda a vida humana. A liturgia é o brilho do eterno, faz transparecer a essência das coisas, por essa razão, tem relação com a vida porque ela tem um olhar que vai além da crosta superficial das coisas (Cf. CHERRES, 2018, p. 218).

No centro da liturgia está o mistério pascal de Cristo. Dele se alimenta nossa fé e nossa vivência cristã. Celebrando o memorial da páscoa do Senhor, olhamos para o passado, para a vida e a páscoa como plenitude de amor que já atingiu a eternidade, mas que, no tempo, se volta para nós no concreto da vida que tem lugar na história.

A liturgia é apresentada como momento da História da Salvação, memorial do mistério pascal e exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo (cf. SC 7). “Liturgia não é a exterioridade (ritos, cerimônias, palavras), mas o conteúdo interno deles; não é um conjunto de ritos, mas o sinal visível do serviço sacerdotal de Cristo” (TABORDA, 2013, p. 31).

> A liturgia é o exercício do múnus sacerdotal de Cristo. A ação sacerdotal é mediadora entre Deus e a humanidade. Ora, a mediação inclui sempre

> um duplo movimento. Um primeiro é o movimento descendente, de Deus para a humanidade, já que a ação de Deus antecede e suscita a resposta humana. Usando a forma de falar habitual que imagina a transcendência espacialmente, no alto, esse movimento pode ser chamado de descendente ou catabático: segundo a etimologia dessa palavra "desce do alto para baixo" (de Deus para o ser humano). Consiste, pois, na santificação do ser humano. O outro movimento que Cristo realiza enquanto sacerdote e único mediador (cf. 1Tm 2, 5) é, utilizando a mesma concepção espacial da transcendência, o movimento ascendente ou anabático (do ser humano para Deus), que é o culto prestado a Deus por meio de Cristo no Espírito Santo. Na liturgia, Cristo (cabeça + membros) atualiza a aliança nova e eterna realizada de uma vez para sempre em sua encarnação, atuação, morte e ressurreição e pela efusão do Espírito Santo (Pentecostes) (TABORDA, 2013, p. 31).

A ação primeira na liturgia é de Deus ao ser humano. Taborda afirma que a liturgia tem uma "estrutura dialógica": que a finalidade da ação litúrgica é glorificar a Deus e esta glorificação se dá na santificação do ser humano (Cf. TABORDA, 2013, p. 32).

> Na liturgia se expressa a participação da Igreja no tríplice múnus de Cristo: profeta – sacerdote – rei. A isso corresponde sua missão de *martyria – leitourgía – diakonía* (testemunho – liturgia – serviço). Nessa lista tríplice, a liturgia aparece como termo médio, pois pressupõe a fé dos participantes e, portanto, deve ser precedida pela pregação e pelo testemunho que leva à fé e à conversão. Também os fiéis precisam constantemente da pregação que os leve a preparar-se à participação nos sacramentos e à conversão constante (o amor prático que deriva dos sacramentos: serviço). Desde sempre a Igreja uniu esses três aspectos, centrando-os na eucaristia: liturgia da Palavra e liturgia eucarística constituem uma unidade e são também o momento de despertar para o socorro aos pobres (cf. *SacrCar* 88 ss). Ou, nos termos do Concílio: Os sacramentos "não só supõem a fé, mas também a alimentam, fortificam e expressam" (*SC* 59). Entenda-se "fé" no sentido pleno da fé viva que se traduz em obras na vida cotidiana (TABORDA, 2013, p. 33).

A liturgia tem relação com a vida, não está alheia aos acontecimentos do cotidiano, por isso, sabiamente, o Concílio vai refletir sobre a participação ativa na celebração. A participação plena, consciente e ativa é um grande princípio teológico- -litúrgico: "É desejo ardente na mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da Liturgia exige e que é, por força do Batismo, um direito e um dever do povo cristão" (SC 14). A participação ativa pressupõe as identidades culturais, linguísticas... além disso, o Papa Francisco, celebrando a missa em santa Marta, no contato mais próximo as pessoas, insiste na relação liturgia e vida:

> Correspondência entre liturgia e vida. A liturgia não é algo estranho, lá, distante, e enquanto celebro, penso também em muitas realidades, ou recito o rosário. Não! Existe uma correspondência na celebração litúrgica, que depois transfiro para a minha vida; e nisto devemos continuar em frente, pois ainda é necessário percorrer um longo caminho (PAPA FRANCISCO, 2015).

Na liturgia, os cristãos não podem estar estranhos como “peixe fora d’água”. A participação deve ser ativa: seja consciente, piedosa e ativamente, instruídos na palavra de Deus. Alimentados do corpo do Senhor, os cristãos aprendem a oferecer a si mesmo. A liturgia é vivenciada dentro de uma caminhada de fé, que é resumida no “nosso crescimento no corpo de Cristo e como corpo de Cristo. Nesta condição não podemos estar alheios às necessidades do próximo” (TABORDA, 2018, p.112).

3 Eucaristia, o pão dos pobres

A celebração eucarística é encontro da comunidade de fé que se reúne para cumprir o que Jesus pede: fazer sua memória. Celebrar a Eucaristia a partir da nossa realidade nos conduzirá a viver em comunhão, nascida na comunidade, estendendo-se por toda a sociedade por meio do serviço solidário aos mais necessitados e do resgate da dignidade humana.

A Eucaristia é um banquete preparado por Jesus, que convida a todos sem exclusão. No entanto, participar deste banquete gera compromissos com a comunidade eclesial e o destino dos injustiçados.

Dividimos este terceiro tópico em quatro secções que irão nos ajudar a entender, ainda que de forma simples, a relação da Eucaristia e os pobres. E como o conteúdo central das ideias apresentadas mostram a centralidade do pobre na teologia sacramental de Taborda.

3.1 Eucaristia e lava-pés

No banquete da Eucaristia, a norma é o serviço. Jesus, na última ceia, se abaixou para lavar os pés dos discípulos, deixando claro que se fez servo e que seus seguidores devem ser servos uns dos outros: “também deveis lavar-vos os pés uns dos outros” (Jo

13,14). A vida no seguimento de Jesus leva o discípulo a praticar a atitude contrária da habitual, que é querer ser servido.

Estar à mesa é sinal de fraternidade e comunhão, dado que “a refeição para o ser humano é também um momento de convivência, de partilha (TABORDA, 2015, p. 266). Na mesa, o discípulo vivencia a gratuidade do Reino e deve colocar-se de prontidão, de pé para servir aos irmãos. A atitude de Jesus de tirar o manto (Cf. Jo 13, 4), deixa-o livre para se movimentar. E há mantos que simbolizam poderes que impedem de servir, dos quais somos convocados a nos despojar por meio do seguimento a Jesus. A Eucaristia nos conduz a lavar os pés dos mais necessitados:

> A eucaristia leva a nós, que por ela somos o corpo eclesial de Cristo, a preocupar-nos com tecido social (os pobres, as viúvas e os órfãos – que representam o suprassumo dos abandonados em uma sociedade patriarcal –, os estrangeiros – detestados em sociedades xenófobas, como as de então e de hoje), e, se pedimos abundância de bens da terra para nós, é para que possamos “abundar em boas obras” (TABORDA, 2015, p. 46-47).

Na Ceia, Jesus oferece sua vida, morte e ressurreição no pão e no vinho. A Igreja, que é a comunidade de fé reunida, é chamada a fazer memória do mistério pascal (cf. TABORDA, 2015, p. 253). Jesus, ao lavar os pés dos discípulos, deu um mandato que façam o mesmo. Apontou como segui-lo, sem pretensões de poder ou fama, e como ser seus discípulos sendo os primeiros a servir (Cf. Mt 20, 26-27). Toda a vida e ação de Jesus são um lava-pés: se abaixa para aproximar-se das feridas da humanidade. Desta forma, Taborda nos mostra o sacerdócio de Cristo:

> O sacerdócio de Jesus é sua práxis de entrega ao Pai e aos irmãos. O exercício do sacerdócio de Jesus (seu sacrifício) também não foi a prática de ritos sagrados, mas sua existência e entrega à morte por fidelidade a Deus e aos seres humanos. Não há distância entre sacerdote e vítima como no culto ritual: Cristo ofereceu-se a si mesmo (Cf. Hb 9,14.25). E isso culminou em sua morte, que, por ser um fato histórico (e não ato cultual), é irrepetível (Cf. Hb 9,12). [...]. O sacrifício é a vida de quem sai ao encontro de Jesus “fora do acampamento, carregando sua humilhação” (Hb 13,13). Ou seja: a vida de quem se solidariza com o pobre, põe-se à margem com ele (“fora do acampamento”) e assim se identifica com Jesus (“carregando sua humilhação” de “crucificado pela injustiça”) (TABORDA, 2015, p. 264-265).

A comunidade de fé, quando se põe a serviço, faz memória e perpetua o sacrifício de Cristo. É na Eucaristia que se celebra o ser Igreja, contudo, seguindo Jesus e

reconhecendo a sua presença no pobre, a Igreja se torna um corpo sacerdotal (Cf. TABORDA, 2015, p. 265). A missão da Igreja alimentada pela Eucaristia é socorrer os necessitados e preocupar-se com os mais fracos.

Nesta perspectiva, Taborda relaciona Eucaristia e lava-pés, baseando-se em dois teólogos: o primeiro é um teólogo holandês, Van Waelderen, o qual insiste que "não há eucaristia sem lava-pés" (TABORDA, 2018, p. 114). E o segundo é um teólogo italiano, que também afirma não haver Eucaristia sem lava-pés:

> Enrico Mazza apresenta uma sugestiva relação entre eucaristia e lava- -pés ao comparar o mandato "Fazei isto em meu memorial", da narração da ceia em Paulo (1Cor 11, 23.25) e Lucas (22,19) com a ordem dada por Jesus em Jo 13,15 ("Dei-vos o exemplo, para que façais assim como eu fiz para vós"). O liturgista italiano defende que, no primeiro caso, é instituído um rito; no segundo, expresso o conteúdo do rito. Ora, o rito não pode ser separado do conteúdo (TABORDA, 2018, p. 114).

O gesto de Jesus de lavar os pés dos discípulos define toda sua vida: doação de toda a sua existência para a libertação do homem do pecado e do mal. Lavar os pés era uma tarefa própria de servos. No entanto, Jesus faz-se servo e lava os pés dos seus discípulos: "Se eu, o Senhor e mestre, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns dos outros" (Jo 13,14). Este gesto expressa o cume da doação de si mesmo que Jesus faz à humanidade na Eucaristia. A Eucaristia nos une a Cristo. Deve levar- -nos também à solidariedade com os nossos irmãos. Comungar o Cristo é comungar com o irmão, pois não há possibilidade de separar a Eucaristia do amor fraterno.

3.2 Fé e solidariedade

O Concílio lembra que a liturgia não esgota toda a ação da Igreja. Além disso, para que os homens possam se aproximar da liturgia, é necessário que sejam chamados à fé (Cf. SC 9). A fé tem um caráter comunitário: "a opção por Cristo é sempre eclesial" (TABORDA, 1989, p. 227). Ela é ouvida e recebida pela aceitação dos testemunhos de outros que se encontram com o Senhor ressuscitado. "A fé é, pois, sempre eclesial. Vida no seguimento de Jesus e vida na comunidade dos que seguem a Jesus são duas dimensões da mesma vida" (TABORDA, 1989, p. 227). E essa comunhão se estende para toda a sociedade, especialmente para com os pobres.

> A menção ao seguimento de Jesus leva a buscar em sua história a experiência e a esperança que deverão mover o cristão na luta por um

> mundo melhor para todos em todas as dimensões. Ora, a experiência básica na vida de Jesus é sua solidariedade com o mundo dos pobres, dos marginalizados na sociedade de então. A esperança que a anima constantemente é a vinda do Reino de Deus (TABORDA, 1987, p. 37).

O cristianismo é vida no seguimento do senhor. Neste sentido, a solidariedade cristã é fruto da experiência de fé. Deus se relaciona na história solidário com a humanidade. Taborda explícita esta relação:

> A fé trinitária é a expressão do ser de Deus tal como ele se comunicou à humanidade na história. O Pai se autocomunica através do Filho na história humana e pelo Espírito desencadeia história. O Espírito de Jesus faz as pessoas conformes a Jesus, desencadeia uma história segundo Jesus. E a este só se conhece desde a história desencadeada pelo Espírito (TABORDA, 1987, p. 175).

Deus manifesta sua solidariedade à humanidade através do mistério pascal. A vida de Jesus se resumiu em viver o Reino de Deus, fazendo o Reino acontecer em um mundo marcado por divisões, solidarizando-se com os pobres. Sua práxis visava resgatar a dignidade humana, desfigurada por consequência de estruturas geradoras de injustiça. Sua ressureição "manifesta que Jesus tem razão, que o caminho da comunhão com Deus é a solidariedade com os pobres" (TABORDA, 2015, p. 258). O cristão, no seguimento de Jesus, é chamado a entrar nesta práxis de solidariedade com os pobres:

> A Eucaristia é justamente a ação de Jesus Cristo alimentando-nos com seu corpo e sangue, ensinando-nos a partilha e a responsabilidade de saciar os famintos.
> Assim, desde o início, os cristãos uniram a celebração da Eucaristia com a caridade fraterna, que se expressa na partilha dos bens com os irmãos. A lição da Eucaristia vale para nós, cristãos, que ainda não aprendemos a assumir o dever da caridade e por isso somos corresponsáveis pela fome e miséria de nossos irmãos e irmãs. Cada celebração da Eucaristia deveria nos questionar diante de Deus e levar-nos a partir o pão com os irmãos (ALMEIDA, 2006, p. 48).

A vida cristã é prolongamento da missão de Jesus, que veio anunciar a Boa Nova aos pobres (Cf. Lc 4,18), visto que o cristão luta contra a injustiça, pois "a injustiça é sempre fraticida e, portanto, contrária ao Reino de Deus. Injustiça e fraternidade são caminhos opostos" (CARRARA, 2018, p.168). O cristão solidário ajuda a desenvolver a esperança que se perdeu pela injustiça e sofrimento, é aquele que, no seguimento de

Jesus, passa na sua vida histórica somente fazendo o bem (Cf. At 10, 38). E isso pode resultar em perseguição e cruz.

3.3 Eucaristia viva: resposta aos desafios atuais

As celebrações sacramentais nascem dos simples atos de Jesus, sem artificialidade. A simples ação de Jesus partir o pão e entregar o cálice traz em si toda a reconciliação da humanidade consigo e com Deus. A liturgia contém uma sensibilidade e poesia que precisam ser desenvolvidas (Cf. ALCÁNTARA, 2018, p. 103). A Igreja deve superar toda prática que torna a missa um show, com o pretexto de deixar a liturgia mais atraente. É necessário transmitir uma catequese mais profunda sobre a liturgia:

> O Concílio quis que a liturgia romana voltasse a ter a simplicidade das origens, sem os penduricalhos que lhe haviam sido acrescentados no decorrer dos séculos. Acontece frequentemente que se acrescentem penduricalhos piores que os anteriores, porque tirados da cabeça de pessoas sem formação teológica ou litúrgica mais profunda, e isso torna a missa insuportavelmente longa e banal, sem acrescentar nada que ajude a penetrar o mistério que se celebra (TABORDA, 2017).

A Eucaristia é uma refeição festiva que faz memória do Senhor, memória que conduz a uma vida de seguimento a Jesus. A vida em seguimento do Senhor é sacrifício, uma vez que "podemos, em verdade e não na aparência de um gesto vazio, participar do sacrifício de Jesus, de sua doação ao Pai e aos seres humanos, expressa ao extremo por sua morte e aceita por Deus na Ressurreição" (TABORDA, 2015, p. 278). A cruz assumida por Jesus é consequência da sua vida e pregação que tornou presente o Reino:

> O centro de nossa fé é o mistério pascal de Cristo, sua morte e ressurreição. Ora, a eucaristia é o memorial dessa Páscoa de Cristo, o sacramento que nos faz participar desse momento culminante de toda a história da salvação. Ela é, portanto, a síntese da fé, já que a fé não é só tomar conhecimento de algo que, do contrário, não se saberia (por exemplo, de que Cristo morreu e ressuscitou), mas é tomar parte naquilo que cremos, tornar concreto em nossa vida o mistério da fé (fundamentalmente, a morte e a ressurreição de Cristo) (TABORDA, 2017).

A comunidade faz a memória do mistério pascal em torno da mesa da Eucaristia e da Palavra, oferece o pão e o vinho, as lutas, as alegrias, os sofrimentos e a esperança

de um mundo alimentado e melhor para todos. A comunidade, na Eucaristia, reconhece que tudo vem de Deus.

> A Eucaristia é sacrifício de ação de graças, porque a ela só nos unimos vivendo o Reino no seguimento de Jesus. O verdadeiro sacrifício é a vida em prol do Reino que trazemos para celebrar na eucaristia como dom de Deus por Cristo e como participação no sacrifício (vida, mistério pascal) de Cristo e em união com ele (TABORDA, 2015, p. 282).

A ação de graças é reconhecer Deus como absoluto na vida. Ao celebrar a Eucaristia, a comunidade dispõe da vontade de Deus, que é a vida do ser humano em todas as dimensões. Em primeiro lugar, sua dimensão econômica e material, pois sem ela não há vida. E nossa condição biológica: é preciso comer para viver. A Eucaristia nos leva à fraternidade: “reconhecer a Deus como Deus é assim reconhecer o ser humano como irmão” (TABORDA, 2015, p. 282).

> Viver ação de graças, neste mundo dividido, é viver a solidariedade com pobre, na qual se encarna a rejeição dos ídolos que hoje o esmagam e o consequente reconhecimento de Deus como Deus. A eucaristia é sacrifício de ação de graças, porque a ela só nos unimos vivendo o Reino no seguimento de Jesus (TABORDA, 2015, p. 282).

A vida a serviço do Reino é sacrifício levado à mesa da Eucaristia. À mesa, sentam-se os irmãos que, com gestos e atitudes vividos, são reflexos que Deus é absoluto. A Eucaristia é celebração de vida: a vida da Igreja em comunhão solidária com pobre e sua união com a vida do Cristo que se entregou pelos últimos.

Participar do memorial da páscoa do Senhor é ser alimentado pela vida de Jesus, enriquecido pelas suas próprias forças, ser capaz do seu amor. Taborda fará uma forte crítica, mostrando como a Eucaristia pode deixar de ser ação de graças na vida cristã:

> O contrário da ação de graças é a acumulação. Quando não aceitamos que tudo é dom de Deus para todos, passamos a acumular para nós, construir nossa segurança, o que sempre se faz à custa dos outros, do pobre. O que é, no fundo, criação de Ídolos. [...] Os ídolos produzem a morte do pobre (TABORDA, 2015, p. 282).

A Eucaristia pressupõe, na comunidade de fé, a expulsão dos ídolos, pois “adorar os ídolos de nossa sociedade e participar da eucaristia é uma contradição” (TABORDA, 2015, p. 282). Nossa sociedade transita na contramão de uma vivência eucarística como ação de graças. Estabelece-se uma cultura do bem-estar individual, centrando a vida humana em relações egoístas, na busca pelo prazer e tudo que é efêmero.

De forma resumida, apresentaremos as características de uma sociedade antieucarística, a partir de uma abordagem desenvolvida por Dom Orlando Brandes:

> 1ª) Política sem princípios: Os pilares éticos da política são: a justiça, a verdade, a liberdade e o amor. Uma política sem princípios éticos transforma-se em disputa de interesses pessoais, oligarquias, corrupção, fraudes, manipulação [...].
> 2ª) Riqueza sem trabalho: O Sistema neoliberal reforça a pirâmide social perversa, onde os ricos se tornam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres [...].
> 3ª) Prazer sem consciência: O prazer desordenado tem causado injustiça, violência, doença mental, desagregação da personalidade [...].
> 4ª) Conhecimento sem caráter: Conhecimento sem caráter é o mesmo que dizer: saber é poder. Tal saber não serve mais à vida, mas à morte [...].
> 5ª) Economia sem ética: Economia sem ética é levar vantagem em tudo, é vender e lucrar, é mais valia, consumismo [...].
> 6ª) Ciência sem humanidade: Ciência sem humanidade é a ciência sem consciência, desligada dos valores e da fé, ciência a serviço de interesses egocêntricos [...].
> 7ª) Religião sem sacrifício: É a religião sem testemunho, prédica sem prática, oração sem fraternidade, o culto só dos lábios. A pior das corrupções é a corrupção religiosa, onde se usa o nome de Deus e se manipula o povo, em busca de lucros [...] (BRANDES, 2006, p. 69-72).

A celebração do memorial do Senhor conduz a um “ato de desapropriação suprema: nada temos de nós” (TABORDA, 2015, p. 282). A ação de graças celebrada só é verdadeira quando se traduz no material e econômico: “a ação de graças concreta, da qual a ação de graças da eucaristia é apenas expressão, é a vida em solidariedade com os pobres” (TABORDA, 2015, p. 283).

É na comunidade de fé que o Senhor realiza a obra de seu plano salvador, mas isso não se dá de modo passivo, porque “se somos o corpo de Cristo, somos hoje seus olhos para que, através de nós, ele veja as necessidades dos pobres, pequeninos, marginalizados (TABORDA, 2018, p.111). Os membros da comunidade agem como Cristo e por Cristo, são incluídos à oferta que ele fez de si, no mistério pascal. Por intermédio da liturgia, a comunhão de Deus e a humanidade se desenvolve pela história a caminho da realização plena.

3.4 Pobres: critério de participação no banquete escatológico do Reino

A ação e a vida da Igreja são fortalecidas pela Eucaristia – sacramento da unidade. A Eucaristia é antecipação sacramental do Reino. Esta forte dimensão escatológica da Eucaristia nos leva a perceber na vida os sinais do Reino e do “anti- -

reino". Neste ponto, analisaremos como a parcialidade pelos pobres é uma dimensão essencial da fé. A mensagem do Papa Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres revela a esperança dada aos pobres por Deus:

> A esperança dos pobres jamais se frustrará (Sal 9, 19). Estas palavras são de incrível atualidade. Expressam uma verdade profunda, que a fé consegue gravar sobretudo no coração dos mais pobres: a esperança perdida devido às injustiças, aos sofrimentos e à precariedade da vida será restabelecida (PAPA FRANCISCO, 2019).

Os pobres estão no coração de Deus, "de modo que entregar-se confiante e fielmente a esse Deus implica de alguma maneira e em alguma medida entregar-se àqueles que estão em seu coração" (AQUINO JÚNIOR, 2019, p.180). Neste aspecto, temos a vinculação da escatologia com a vida e práxis do Cristo no anúncio do Reino, e que vai caracterizar a natureza da Igreja, corpo do ressuscitado, que se liga à escatologia:

> A Liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico, se opera o fruto da nossa Redenção, contribui em sumo grau para que os fiéis exprimam na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja, que é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na ação e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina, mas de forma que o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, e o presente à cidade futura que buscamos. A Liturgia, ao mesmo tempo que edifica os que estão na Igreja em templo santo no Senhor, em morada de Deus no Espírito, até à medida da idade da plenitude de Cristo, robustece de modo admirável as suas energias para pregar Cristo e mostra a Igreja aos que estão fora, como sinal erguido entre as nações, para reunir à sua sombra os filhos de Deus dispersos, até que haja um só rebanho e um só pastor (SC 2).

A escatologia é um campo da teologia que busca esclarecer "o último/definitivo da vida e da história humanas e que diz respeito a Deus e seu projeto de salvação para a humanidade" (AQUINO JÚNIOR, 2019, p.180). O projeto salvador divino se revela no anúncio do Reino, na práxis de Jesus. Deste modo, Aquino Júnior, em sua reflexão, expõe o caráter e a função escatológica dos pobres:

> E na medida em que Deus se revela em Jesus Cristo como um Deus parcial pelos pobres e marginalizados, essa parcialidade adquire um caráter e uma função escatológicos: diz respeito ao mistério mesmo de Deus e de sua ação salvífica (caráter escatológico) e se constitui como critério e medida da fé (função escatológica). Noutras palavras, a parcialidade pelos pobres aparece, aqui, como um aspecto ou uma dimensão fundamental da escatologia cristã; diz respeito ao mistério de

> Deus (revelação) e à comunhão com ele (fé) (AQUINO JÚNIOR, 2019, p.180).

Na liturgia, a escatologia é antecipada, pois, como tratamos da presença do Cristo no humano, a presença do ressuscitado integra a eternidade ao presente, porque "o que acontece na celebração eucarística – e em toda a celebração sacramental – é o encontro entre o tempo e a eternidade, encontro possível somente na fé" (TABORDA, 2015, p. 80).

> Na liturgia vivemos imersos na antecipação sacramental do tempo redimido que é o "tempo" que experienciamos na comunhão definitiva e escatológica com Deus. O tempo litúrgico é, pois, tempo redimido que não vive a fragmentação do aqui-e-não-lá, do agora-e-não-depois. A liturgia não é repetição do passado; mas, transportando-nos pela fé e pelos sinais sacramentais ao evento fundador, é, cada vez que se celebra, um passo ulterior em nossa caminhada rumo à definitividade da união plena com o Senhor no corpo eclesial escatológico (TABORDA, 2015, p. 79).

O mistério pascal de Cristo celebrado une a comunidade de fé ao Ressuscitado, que está presente nela e atuando de modo libertador e cheio de esperança.

> Quando nasce no povo a esperança escatológica, a promessa de futuro aparece espontaneamente na forma de uma refeição festiva, um banquete (cf. Is 55,1-3). Também as delícias da sabedoria divina são comparadas com um banquete, em que justamente o pão e o vinho são mencionados (cf. Pr 9,1-6) (TABORDA, 2015, p. 269).

A liturgia faz o memorial da páscoa do Senhor, atualiza o passado e nos projeta rumo ao futuro. Gera uma práxis de comprometimento, que levará à esperança. Essa esperança escatológica tem uma dimensão sócio-político-transformadora que tem interesse e responsabilidade pela transformação do mundo e resgate dos pobres, tem um caráter que se realiza concretamente em práxis de transformação.

A vida de Jesus contém uma experiência básica: a solidariedade com o mundo dos pobres. Ele veio para servir, não para ser servido; tanto é que curou doentes, aliviou sofredores, esteve com marginalizados, não por alguma qualidade moral ou espiritual que eles pudessem ter, mas só por amor.

Seguir Jesus possibilita aos cristãos alimentar a esperança de um mundo melhor para todos. Os seguidores se animam constantemente pela vinda do Reino de Deus (Cf. TABORDA, 1987, p. 37). Jesus amou os pobres e permaneceu fiel a esta convicção

mesmo depois da ressurreição. De fato, ele está presente de modo especial em quem sofre, em quem passa necessidade. E, no fim do mundo, usará como critério de julgamento para todos os homens o comportamento que tiverem tido com os pobres e os humildes, que ele considera seus irmãos.

Segundo Taborda, “o cristão lê a situação desde a ótica de Cristo que é a ótica do amor preferencial pelo pobre. Luta pela libertação deste oprimido concreto, mas sabe na fé que é o Cristo mesmo que está presente neste irmão sofredor” (TABORDA, 1987, p. 37). É tão importante que quem ajuda concretamente seus irmãos, é como se amasse diretamente Jesus neles, mesmo sem o saber. Por isso, poderá entrar com ele no Reino do Pai, aliás, o próprio Reino invadirá o seu coração desde esta terra.

> Na medida em que se toma a sério o outro sofredor, encontra-se a Cristo. Na parábola do juízo final de Mt 25 tanto os bons como os maus se surpreenderão ao saber que sua ajuda ou sua indiferença frente ao sofredor tem algo a ver com o Filho do Homem, o Cristo juiz. Não é a mera intencionalidade que transfigura a ação de solidariedade em encontro com Cristo. A solidariedade com pobre é em si mesma, quando se toma a sério o pobre, encontro com Cristo (TABORDA, 1987, p. 38).

Jesus convida a sua comunidade a recriar a solidariedade recíproca que deve reinar na nova família. Para isto, é necessário estar vigilante e atento a tudo que nos afasta da vivência dos seus ensinamentos. É necessário viver segundo o mandamento do amor, pois no juízo final uma das medidas que se utilizará será a atitude de amor ou indiferença para com aos irmãos mais pequenos de Jesus, aqueles que se encontram numa situação de extrema necessidade. A razão última está na íntima solidariedade que existe entre os pobres e Jesus: o que se faz com eles, faz-se com Jesus.

No rosto dos pobres, é possível contemplar impresso o rosto d’Ele; nos seus lábios, mesmo se fechados pela dor, escutamos as palavras d’Ele. Os pobres são a verdadeira porta de entrada na Igreja e o nosso passaporte para o paraíso. Nos pobres se verifica a autenticidade da nossa acolhida ao Evangelho, para celebrar e viver dignamente a Eucaristia, para construir uma Igreja pobre de meios e rica no amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa sobre a relação entre a Eucaristia e os pobres na teologia sacramental de Francisco Taborda foi provocada pela situação atual da Eucaristia nas comunidades e pelo pontificado do Papa Francisco.

A cultura ocidental é marcada, atualmente, pela tendência secularizante. O homem secularizado tem como valor absoluto a sua autonomia, extirpando de sua vida o mistério. A religião pertence ao privado. Neste contexto, a Eucaristia torna-se estranha, perdendo seu simbolismo e sua finalidade, embora haja comunidades vivas e sólidas em nosso meio.

Desde a *Sacrosanctum Concilium*, a Igreja se empenha para enfrentar os desafios de se adaptar a este mundo moderno, e a proposta de renovação litúrgica visa a compreensão e vivência do mistério de Cristo. Em relação à recepção do Concílio, são inegáveis as conquistas no processo de renovação da liturgia e da própria concepção de liturgia. Não obstante, recentemente observamos o surgimento de grupos com práticas pré-conciliares que praticamente desconhecem ou negam os avanços do Concílio.

O contexto atual da relação entre sacramento da Igreja e vida cristã é antagônico. Os sacramentos são encarados, muitas vezes, como atos sociais, shows, formalismos litúrgicos, dissociados da vida cristã e da experiência comunitária. Tudo isso explica e justifica o objetivo desta pesquisa de investigar como Francisco Taborda explicita o nexo essencial entre Eucaristia e pobres. Para alcançar este objetivo, fez-se necessário explicitar a relação entre Igreja e Eucaristia, mostrar como os pobres estão no centro da vida e da missão da Igreja e desenvolver, a partir da relação entre Igreja e Eucaristia, o vínculo essencial entre Eucaristia e pobres.

Um aspecto importante percebido nesta pesquisa foi o método teológico utilizado por Taborda em suas obras. Seu pensamento é baseado na tradição teológica em diálogo crítico-criativo com os saberes das ciências que ajudam compreender e explicitar o mistério da fé vivido e celebrado.

A obra de Taborda, dentro do movimento de recepção do Concílio na América Latina, contribui com a teologia dos sacramentos por colocá-la dentro do contexto histórico que a envolve em conformidade com o Concílio Vaticano II. Seu interesse pela liturgia e pelos sacramentos o levou a perceber o quanto ficaria limitada uma teologia dos sacramentos sem a análise do axioma patrístico "*lex orandi, lex credendi*", complementada e enriquecido com a "*lex agendi*", ligado à relação com a práxis cristã.

Com isso, Taborda recupera e atualiza o método mistagógico dos Padres da Igreja para a teologia dos sacramentos.

Sua teologia é marcada pelo primado da práxis e pela perspectiva dos pobres: fala dos sacramentos como sacramentos da fé; fala da fé como seguimento de Jesus; e da "opção preferencial pelos pobres" como dimensão fundamental da fé. A fé implica compromisso na construção do Reino de Deus e isso é muito exigente e desafiante. Seguir Jesus é andar contra a corrente, é não aceitar os contra-valores de uma sociedade que confunde prazer momentâneo com vida plena e que se opõe à realização do Reino de Deus.

Os sacramentos só têm sentido como celebração da vida que confirma, aprofunda e alimenta a fé (Cf. SC 59). Não se pode ver os sacramentos como se fossem os únicos momentos de graça, esquecendo-se que a vida cristã, em sua totalidade, deve ser vivida na graça e como graça, e que o processo sacramental está envolvido nesta graça.

"A eucaristia faz a igreja e a igreja faz a eucaristia". Na eucaristia estamos unidos num só corpo que é a Igreja: "Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão" (1 Cor 10,17). A eucaristia tem uma dimensão social, ela compromete com os pobres. Devemos reconhecer o Cristo nos mais pobres, seus irmãos (cf. Mt 25, 40). Na eucaristia somos o Corpo de Cristo que se reúne para fazer memória da paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Na eucaristia, celebramos o mistério pascal de Cristo. Essa é uma insistência constante na obra de Taborda. Para ele, a expressão mais adequada para designar este sacramento é "memorial da páscoa do Senhor". Fazer memória é tornar o passado presente e o presente como desafio para o futuro.

A partir desta dimensão eucarística, outro valor que não podemos esquecer é o da comunidade. Taborda também insiste muito na compreensão teológica e pastoral do que celebramos e vivemos enquanto comunidade. A eucaristia nos faz comunidade de fé, comunidade das testemunhas da ressurreição.

Por fim, a eucaristia nos compromete com os pobres. A "opção preferencial pelos pobres", como expressou o Papa Bento XVI no discurso de abertura da Conferência de Aparecida, em maio de 2007, é uma "opção cristológica". Não é apenas uma questão social, mas um aspecto fundamental da missão da Igreja que continua a missão de Jesus. Ele fez, por primeiro, a opção de se fazer próximo dos excluídos, necessitados e pobres. Eles estavam no centro da missão de Jesus de anúncio do reinado de Deus. A chegada do reinado de Deus é boa notícia, antes de tudo e acima de tudo, para os pobres.

A reflexão deste tema levou à compreensão da necessidade e urgência de percebermos em nossas comunidades que não se pode fazer memória do Senhor sem um compromisso com os injustiçados e preferidos Dele, que a celebração da eucaristia exige um desenrolamento ético da fé. Celebrar a eucaristia é promover uma práxis cristã onde todos são irmãos. A celebração da eucaristia revela as exigências éticas da comunidade de fé – a *lex agendi*.

A teologia sacramental de Taborda está inserida no processo de recepção criativa do Concílio Vaticano II na América Latina. Ele foi o teólogo que mais e melhor desenvolveu uma teologia sacramental na América Latina, particularmente no que diz respeito à dimensão ético-social dos sacramentos ou à "opção preferencial pelos pobres". Por isso mesmo, sua teologia conduz a um mergulho espiritual-litúrgico na vida cristã.

O Papa Francisco tem compreendido e aprofundado esse aspecto ou essa dimensão da fé e dos sacramentos destacados na Igreja latino-americana, insistindo em "uma Igreja pobre e para os pobres" como um retorno às raízes, uma volta à fonte para recuperar o frescor e a alegria do Evangelho.

Este desejo do Papa Francisco de uma "Igreja pobre e para os pobres" nos remete à fé como seguimento de Jesus, que nos faz ver e encontrar o pobre como irmão. A relação de Jesus com os pobres criou fraternidade e comunhão. Inserido no contexto de um mundo conflitivo, ricos e pobres, justos e pecadores, Cristo criou comunhão na solidariedade de vida e morte com os pobres. E continua fazendo o mesmo ainda hoje através da Igreja, seu corpo vivo e atuante no mundo.

A celebração da eucaristia, memorial da Páscoa do Senhor, transforma a Igreja no "corpo de Cristo", comprometendo-a radicalmente com os pobres e deserdados deste mundo, a tal ponto que se pode dizer que não há eucaristia sem compromisso com os pobres.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luciano Mendes. Eucaristia e transformação da sociedade. **Revista Encontros teológicos** 44 (2006) p. 43-54.

ALCÁNTARA, José Rodrigo. “Rito y liturgia: Aspectos antropológicos”. *In*: RIVAS, Eugenio; GODOY, Manoel (Org.). **Memória e caminho: liturgia e vida cristã:** Homenagem a Francisco Taborda, sj em seu 80º aniversário. São Paulo: Edições Loyola, 2018. p. 91-105.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Nas periferias do mundo:** Fé – Igreja – Sociedade. São Paulo: Paulinas, 2017.

_____. “*Laudatio*: louvado seja deus por Francisco Taborda”. *In*: RIVAS, Eugenio; GODOY, Manoel (Org.). **Memória e caminho: liturgia e vida cristã:** Homenagem a Francisco Taborda, sj em seu 80º aniversário. São Paulo: Edições Loyola, 2018. p. 49-57.

_____.**Teologia em saída para as periferias.** São Paulo: Paulinas, 2019.

BÍBLIA DE JERUSÁLEM. São Paulo: Paulinas, 1985.

BRANDES, Orlando. Eucaristia e amor social: os pobres e a fome. **Revista Encontros teológicos** 44 (2006) p. 55-79.

CARRARA, PAULO SÉRGIO. “Espiritualidade e liturgia”. *In*: RIVAS, Eugenio; GODOY, Manoel (Org.). **Memória e caminho: liturgia e vida cristã:** Homenagem a Francisco Taborda, sj em seu 80º aniversário. São Paulo: Edições Loyola, 2018. p.159-180.

CHERRES, Alex Vigueras. “La liturgia como elemento constitutivo del itinerário de uma teología pastoral”. *In*: RIVAS, Eugenio; GODOY, Manoel (Org.). **Memória e caminho: liturgia e vida cristã:** Homenagem a Francisco Taborda, sj em seu 80º aniversário. São Paulo: Edições Loyola, 2018. p.207-223.

CONCÍLIO VATICANO II. **Sacrossanctum concilium sobre a liturgia**. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>. Acesso em: 29 ago. 2019.

FERRARO, Benedito. **Jesus e os marginalizados do seu tempo.** 1984. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/autor/b/benedito-ferraro/jesus-e-os-marginalizados-do-seu-tempo/>. Acesso em: 29 ago. 2019.

GIRAUDO, Cesare. **Redescobrindo a Eucaristia.** São Paulo: Loyola, 2003.

LIBANIO, João Batista. “A redescoberta do Reino na teologia”. **Ciberteologia**: **Revista de Teologia e Cultura** II/12 (2017) p.53-56. Disponível em: <https://ciberteologia.com.br/assets/pdf/post/a-redescoberta-do-reino-na-teologia.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2019.

MANZATTO, Antonio. “Dimensão social da fé”. **Fronteiras: Revista de teologia da UNICAP** v.1 n.1, 2018. p.57-78.

PAPA FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o II dia mundial dos pobres**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20180613_messaggio-ii-giornatamondiale-poveri-2018.html>. Acesso em: 28 agos. 2019.

PAPA FRANCISCO. **Homilia na Paróquia Romana de Todos os Santos, na Via Ápia Nova, sábado 7.03.2015, missa do III domingo da quaresma**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/it/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150307_omelia-parrocchia-ognissanti.html>. Acesso em: 28 agos. 2019.

PARANHOS, Washington. “Catequese e liturgia”. *In*: RIVAS, Eugenio; GODOY, Manoel (Org.). **Memória e caminho: liturgia e vida cristã:** Homenagem a Francisco Taborda, sj em seu 80º aniversário. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2005- : Bento XVI). **Exortação apostólica pós-sinodal sacramentum caritatis do sumo pontífice Bento XVI ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre a eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da igreja.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html>. Acesso em: 28 agos. 2019.

TABORDA, Francisco; DICK, Hilário. **Creio na liberdade**. São Paulo: Paulinas, 1978.

TABORDA, Francisco; WENZEL, João Inácio; WERLANG, Renito José. **Os sacramentos na luta do povo.** Petrópolis: Vozes, 1986.

TABORDA, Francisco. “dimensão teológica da opção pelos pobres”. *In*: ÁVILA, Fernando Bastos de; TABORDA, Francisco; GANDIN, Danilo. **Dimensão social, teológica e pedagógica da opção pelos pobres.** São Paulo: Loyola, 1983. p.33-63.

_____. **Cristianismo e ideologia:** ensaios teológicos. São Paulo: Loyola, 1984.

_____. **Sacramentos, práxis e festa:** para uma teologia latino-americana dos sacramentos. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Nas fontes da vida cristã:** uma teologia do batismo. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. “O futuro da Eucaristia visto da América Latina”. **Vida Pastoral** 51 (2010) p. 13-15.

_____. **A Igreja e seus ministros:** uma teologia do ministério ordenado. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **O memorial da páscoa do Senhor:** Ensaios litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2015.

_____. “Eucaristia, realização e promessa de transformação”. **Revista de Espiritualidade Inaciana,** Itaici, 21/106 (2016) p.5-16.

_____. “Valorizar o sentido mais profundo da Eucaristia. Entrevista com Francisco Taborda”. **Vida Pastoral**. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/573804-valorizar-o-sentido-mais-profundo-da-eucaristia-entrevista-com-pe-francisco-taborda-sj>. Acesso em: 28 agos. 2019.

_____. “Uma eucaristia viva para uma Igreja viva: reflexões em torno a um discurso do Papa Francisco”. **Revista Atualidade Teológica 22/58 (2018)** p.91-119.